



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LOUISE MARA SOARES BASTOS

**CIDADES NÔMADES E(M) SUBJETIVAÇÕES:
PESQUISA(DORA) E VENDEDORXS AMBULANTES E
FEIRAS E SANTANAS E EDUCAÇÃO**

Feira de Santana – BA
2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LOUISE MARA SOARES BASTOS

**CIDADES NÔMADES E(M) SUBJETIVAÇÕES:
PESQUISA(DORA) E VENDEDORXS AMBULANTES E
FEIRAS E SANTANAS E EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas.

Orientadora: Professora Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade

Feira de Santana – BA
2018

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

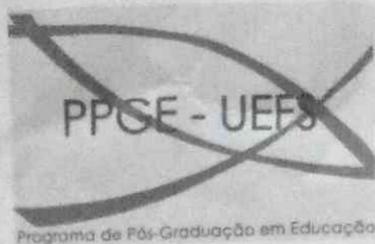
A619c Bastos, Louise Mara Soares
Cidades nômades e(m) subjetivações: pesquisa(dora) e vendedorxs ambulantes e Feiras e Santanas e educações ./ Louise Mara Soares Bastos . – 2018.
125f.

Orientadora: Elenise Cristina Pires de Andrade
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1.Subjetivações. 2.Educações. 3.Ruas. 4.Vendedores ambulantes – Feira de Santana. I.Andrade, Elenise Cristina Pires de, orient.
II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 37.018.046(814.22)

Maria de Fátima de Jesus Moreira – Bibliotecária – CRB5/1120



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/76
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/86
Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 9271 de 14/12/04

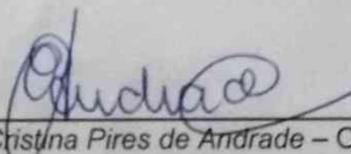
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

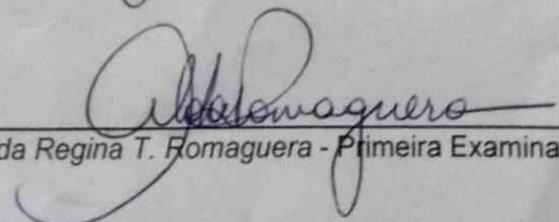
LOUISE MARA SOARES BASTOS

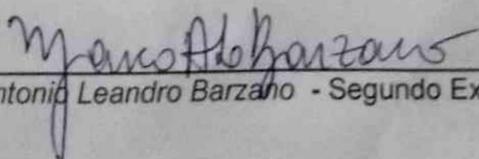
**“CIDADES NÔMADES E(M) SUBJETIVAÇÕES:
PESQUISA(DORA) E VENDEDORES AMBULANTES POR FEIRAS
E SANTANAS E EDUCAÇÃO”**

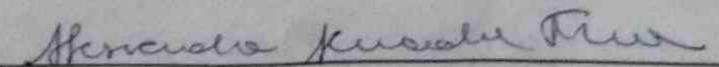
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na área de Políticas Educacionais, História e Sociedade como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 13 de setembro de 2018


Prof.^a Dr.^a Elenise Cristina Pires de Andrade – Orientadora - UEFS


Prof.^a Dr.^a Alda Regina T. Romaguera - Primeira Examinadora - UNISO


Prof. Dr Marco Antonio Leandro Barzani - Segundo Examinador- UEFS


Prof.^a Dr.^a Alessandra Alexandre Freixo

RESULTADO:

Dedico essa pesquisa aos corpos que agem como máquinas de guerra pela vida. Aos vendedorxs ambulantes e informais e piratas e rebeldes e (des)obedientes e (in)surgentes e (in)conformados e loucos e (des)qualificados que se abrem em brechas para fazer a festa no/do corpo e alma.

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão, como todas as palavras, assumem um significado gramatical que tenta arrastar algum sentido. No entanto, antes de ser palavra, a gratidão é sensação, emoção, afeto, sentimento, alma, coração. E foi por senti-lo que inventamos uma palavra e um significado para descrevê-lo, para expressá-lo.

E apesar da gratidão estar marcada por um significado bem especificado, registrado em dicionário, ela se move em cada ser humano de forma singular. Em cada coração ela assume maneiras e intensidades, marcando o que e como somos tocados por gratidão.

Durante a construção dessa pesquisa só poderia me dizer grata a todas as coisas, inclusive as imensas oscil(ações) que turbilhonaram os caminhos do meu existir, que muitas vezes foram de tristeza para logo depois (re)mexer em beleza e potência.

Apesar de não conseguir compreender precisamente a ideia das totalidades, não consigo retirar nem mesmo os instantes mais (des)esperados dessa imensa sensação de gratidão que aqui me move.

Foram meses intensos de profundas sensações correndo nas veias, do coração, da alma, da mente. Pelas ruas, vibrando nos pés, nos olhares profundos, nos risos inesperados, nas belezas que explodem as tristezas que permeiam o cotidiano. Nas delicadezas que perfuram os sofrimentos que cortam a alma e atra(versam) a carne. Dia-a-dia, em chuva ou sol, em frio ou calor, tentei caminhar no entre e junto com as cidades e os corpos. Tentei permitir que caminhassem em mim, por dentro, por fora, pelos lados, leves ou pesados, lotavam minha cabeça e meus passos.

Sou grata a cada um que me tocou e que se permitiu ser tocado, a cada vendedor ambulante e informal que, junto comigo e conceitos e afetos, tentou construir inventiva(mente) um mapa sensório, um desenho sensível das feiras e santanas e seus corpos.

Sou grata à família com quem convivo, a de sangue e a de coração, tão provocativas e acolhedoras, juntas e misturadas e ao mesmo tempo.

Sou grata a (des)orientadora e amiga, Elenise Andrade, que com sua imensa sensibilidade não apenas contribuiu e revirou as ideias da pesquisa, mas também cuidou do meu coração, fez carinho em minha alma com seu jeito elenisiano de ser e compreender. Me senti amada em cada contato que tivemos.

Sou grata à turma que ingressou comigo e compartilhou suas experiências de pesquisa durante o processo, somando na construção de processos outros.

Sou grata aos membros do Departamento de Educação que, com seu trabalho e coordenação, me acolheram e colaboraram com o desenvolvido dessa pesquisa.

Sou grata a Fundação de Amparo ao Pesquisador da Bahia (Fapesb), que através da bolsa de pesquisa tornou possível dedicação exclusiva na construção da rede de forças que compõem o objeto desse estudo.

Acredito que consegui agradecer particularmente a todos que protagonizaram papéis nesse caminhar investigativo. No entanto, a minha sensação de gratidão está intensa e ampla, imensa! Sou grata ao (in)visível. Sou grata ao (in)finito. Sou grata até mesmo pelo que diriam ser (in)gratidão. Cada fissura, cada rasura, cada linha de (des)composição, de oscil(ação), de variação, está em mim, imensa, a sensação de gratidão!

“Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem.” Nietzsche, Humano Demasiado Humano

RESUMO

A proposta dessa pesquisa é o desenho de um mapa sensível da cidade traçado a partir de um plano comum formado nos campos conceituais da Máquina de Guerra, apresentado por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5* (2012); os processos de subjetivações, inspirados em Guattari e Rolnik e sua obra *Micropolítica: cartografias do desejo* (2013); o funcionamento dos *Dispositivos* (2016), conceito desenvolvido por Deleuze a partir da Teoria das Estruturas de Michael Foucault; atrave(r)sados por entre-vistas realizadas com vendedorxs ambulantes e informais na/da cidade de Feira de Santana. Como possibilitar (des)territorializações que movimentem outras subjetivações nas relações entre máquinas de guerra e cidades, dando a ver outros entendimentos dos espaços? Como desenhar um mapa sensível da cidade a partir dos olhares e palavras e expressões de corpos ambulantes? Quais educações se fazem possíveis a partir das investigações dos territórios subjetivos das máquinas de guerra? Perguntas que movimentam o objeto dessa pesquisa.

A metodologia aplicada para essa andança-pesquisa se inspira na cartografia, proposta aberta a possibilidades, mudanças, encontros, conexões, outros fluxos. Intensidades que se arrastam no plano comum traçado nos limiares das escolhas epistemológicas e conceituais junto com as expressões produzidas durante esse caminhar cartográfico, esse desenhar de linhas que marcam os territórios subjetivos construídos por vendedorxs ambulantes e informais em suas relações com a cidade, com as ruas, com os outros, com políticas e estéticas e desejos e...

X vendedorx informal encontra no *nomadismo*, sentido de percurso da máquina de guerra, o seu modo de vida, promovendo nesse mover de terras outros entendimentos para a ocupação do espaço público e produzindo outras cidades, cidades subjetivas, lares levantados em afetos, construídos em suas relações e seus agenciamentos em subjetivações. Xs vendedorxs ambulantes e informais funcionam como máquinas de guerra em transversalidades perfurando o espaço estriado pelo Estado e (des)obedecendo suas ordens, rasurando os limites pré-estabelecidos por institucionalizações e burocratizações e organizações e higienizações, construindo seus territórios subjetivos nos tensionamentos das relações entre os seus corpos e as cidades, fincados em suas próprias regras, inventando suas estratégias.

Palavras-chave: subjetivações, educações, ruas

ABSTRACT

The proposal of this research is the drawing of a sensible map of the city drawn from a common plan formed in the conceptual fields of the War Machine, presented by Deleuze and Guattari in *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*, Vol. 5 (2012); the processes of subjectivity, inspired by Guattari and Rolnik and his work *Micropolitics: cartographies of desire* (2013); the functioning of the Devices (2016), concept developed by Deleuze from the Theory of Structures of Michael Foucault; through cross-views held with mobile and informal vendors in the city of Feira de Santana. How can we enable (de) territorializations that move other subjections in the relations between war machines and cities, giving to see other understandings of spaces? How to draw a sensible map of the city from the looks and words and expressions of traveling bodies? What educations are made possible from the investigations of the subjective territories of the machines of war? Questions that move the object of this search.

The applied methodology for this research-research is inspired by cartography, a proposal open to possibilities, changes, meetings, connections, other flows. Intensities that creep on the common plane drawn on the thresholds of epistemological and conceptual choices along with the expressions produced during this cartographic walk, this drawing of lines that mark the subjective territories constructed by peddling and informal vendors in their relations with the city, with the streets, with others, with policies and aesthetics and desires and ...

In the nomadic way of life of the war machine, he finds in his nomadism, his way of life, promoting in this movement of lands other understandings for the occupation of the public space and producing other cities, subjective cities, homes raised in affections, built in their relationships and their assemblages in subjectivities. Wandering and informal vendors function as war machines in crosscutting drilling the state-ridden space and (dis) obeying their orders, shaving the boundaries pre-established by institutionalizations and bureaucracies and organizations and sanitation, building their subjective territories in the tensions of relations between their bodies and cities, based on their own rules, inventing their strategies.

Key words: subjections, educations, streets

SUMÁRIO

P(ER)REAMBULAR	10
1. CAPÍTULO 1 – APROXIMANDO	13
2. CAPÍTULO 2 – TRANSBORDANDO	22
2.1 Ponto de Paragem: <i>coração descascado não perde a essência</i>	35
2.2 Segunda Paragem: <i>vô creditá na palavra de vosmicê!</i>	45
2.3 Terceira Paragem: <i>vem maluco, vem madame, vem Maurício, vem atriz...</i>	55
3. ANALISANDO	68
3.1 Abacaxizando	68
3.2 Provicenciando	76
3.3 Abastec(s)endo	90
4. FEIRANDO em SANTANAZICES por SANTANAr em FEIRAS	105
REFERÊNCIAS	111

P(ER)REAMBULAR

A palavra que escolhi para iniciar essa escrita-pesquisa é um indicativo do movimento que tece sua construção. Linhas que foram contorcidas, esticadas, embaralhadas, rompidas, emboladas. Tecidas em letras, em insônias, por caminhos de lugar nenhum, procurando nada, querendo encontrar tanto e muito, p(er)reambular noite adentro, de bar em bar, fazendo festa com o texto, recitando poesia, batendo papo em outras línguas, conversando comigo mesma, conversando com vídeos, conversando com filósofos, conversando com vendedorxs ambulantes, com fotografias, com expressões, com desejos. Com versando...

Vinhos, borrões, páginas molhadas, dedos gelados no teclado, brilho da tela no olho, violão que não toca, letras que se fazem e se (des)fazem, deslizando em superfícies de palavras, sonhos, delírios, murmúrios, sentidos, pensamentos... Músicas passeiam pelos ouvidos, ruídos ensurdecem os silêncios, pernas e mãos e olhos e cabeças e desejos e expressões e palavras povoam a solidão... Noites a fio, dias adentro. Assim vivi esses vinte e sete meses de pesquisa. Tentando estar no “entre”. Tentando ser tanta gente. Uma poesia que vai se tecendo...

falo outros idiomas
me identifico com outras identidades
caminho no meio da tempestade
conexões diversas, múltiplas
trago em mim tantxs
não sei dizer quantxs
sei que são muitxs

Caminhar entre a cidade, entre os fluxos, entre movimentos, entre os encontros. Inspirada na proposta deleuzeana do “e” que arrasta todas as relações, que desequilibra o ser, o verbo, a escrita. Marcada pelo “e” da multiplicidade, tentando trazer para x leitxr as variedades que se davam em mistura e ao mesmo tempo.

Uma escrita científica que se constrói em ambulância e caminhos e distâncias e andarilhamentos e cidades e corpos e subjetividades e informalidades e (des)obediências e violências e (in)visibilidades e multiplicidades e heterogeneidades e filosofias e ciências e...

Uma escrita-pesquisa que quer ser desenho de intensidades. Texto de muitos textos, de muitas gentes, de muitas conversas sussurradas nos fortes ventos das madrugadas, risadas altas lançadas nos meios-fios das calçadas. Conversando comigo e com as ruas e com os vendedorxs ambulantes e com o objeto da pesquisa e conceitos e conversas e perguntas e perguntas... Tentei organizar essas muitas linhas escritas com as experiências desse caminhar,

nos horizontes acadêmicos. Pedacos conectados, em diferentes espaços-tempo, tecendo a formação do objeto, da metodologia, dos seus cruzamentos conceituais e seus indicativos. Desenhando um mapa sensível turbilhonado em um plano comum, de estéticas e políticas e desejos.

Aqui quero marcar algumas escolhas estéticas e/ou gramaticais que fiz para compor o texto. Inicialmente a tentativa de suprimir o gênero dos corpos, tanto os agentes da pesquisa quanto as pessoas que possivelmente o vão ler. Isso porque, costumeiramente e como regra do português formal, o coletivo é masculinizado pelo artigo “o”.

Nesse caso, os vendedores ambulantes e informais (que nem de perto nem de longe são todos do gênero masculino) são apresentados como vendedorxs ambulantes e informais, marcando a possibilidade das interseções da diversidade sexual, componente tão singular na formação do ser.

O mesmo será utilizado para se referir ao leitr(x) do texto, que não faço ideia nem de quem nem de qual será x gênero. A diversidade sexual não faz parte das linhas escolhidas para essa pesquisa, mas a estética é uma maneira de marcar politicamente que pesquisas não são construídas apenas por/com/para homens. (Des)masculinizar o mundo para que outros mundos, mundos não masculinos, não patriarcais, apareçam.

Outro detalhe sobre essas linhas são suas diferenças de fonte. Marca as partes do diário de campo e falas-expressões de vendedorxs ambulantes e informais, me ousei em diferenciá-las para fora da norma. Assim, essa é a fonte escolhida para construções poéticas e relatos do diário de campo desenvolvidos pela pesquisa (dora) e **essa é a fonte escolhida para marcar as falas-expressões dxs vendedorxs ambulantes.**

Outro indicativo estético utilizado na pesquisa marca relações com seu campo epistemológico e conceitual. As imagens que desenham em linhas de luz o movimento dos corpos na/da cidade tem o rosto do corpo (des)configurado. A princípio pensei que (des)focar o rosto ficaria feio e as imagens perderiam sua beleza ou até seu sentido. Mas como poderiam se marcar o movimento das relações de corpos e cidades vivos e intensos e pulsantes, mesmo que sem rosto? Fui um pouco mais fundo e escolhi não apenas (des)focar o rosto, mas utilizar emojis expressivos em seu lugar. Pequenas animações que movimentam a expressão na (des)personalização dos corpos em relação ao sentido epistemológico do objeto da pesquisa. Indicativo político-estético de (des)personalização, (des)subjetivação que marca um objeto de pesquisa em devir, em construção, o contínuo vir a ser do ser que se arrasta por ciências nômades, pensamentos nômades e(m) corpos nômades atrave(r)sados com/na/pela cidades.

CAPÍTULO 1 – APROXIMANDO

Apresento, aqui, as linhas de composição do objeto dessa pesquisa. Em quais pontos do tempo as perguntas se desenharam? Quais experiências as movimentaram? Trajetórias e acessos e afetos, que em variados momentos foram tecendo as ideias que desembocaram nas escolhas de pesquisa aqui apresentadas.

Em 2008 fui convidada para participar da produção de alguns programas audiovisuais, associados à TVJ, um canal comunitário¹ em processo de instalação na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia. Eu tinha trancado uma graduação recentemente, e me sentia meio perdida em relação ao que fazer da vida, não conseguia ver sentido em uma escolha com base em uma pretendida remuneração, um provável status, segurança, talvez? Desejava mais emoção para meus dias. Algo que arrastasse os meus pensamentos, despertasse os meus sentidos, alimentasse os meus desejos. Fui escalada, junto com uma repórter, para filmar a Caminhada do Folclore, um evento anual que reúne os principais grupos folclóricos da cidade de Feira de Santana e região. Era um dia de chuva de agosto, grupos de fanfarra, dança, samba de roda, capoeira, coureiros, samba de enxada, tantas máscaras, tantos sons... Escorei no poste, olhava para a câmera na minha mão, todas aquelas pessoas, todas aquelas fantasias, intensidades que fluuavam. Olhei o enquadramento, e ele ficou tão pequeno, tantas coisas, tantos instantes. Parecia impossível cumprir a tarefa dada: registrar o acontecimento. Tentava pensar na impossibilidade em registrar um acontecimento. Se impossível, por que me pedir?

Aquela multiplicidade de manifestações e sentimentos e expressões e desejos, que não estavam presentes apenas por serem tantas pessoas, mas em cada pessoa que se fazia de maneira única e diversa. Estava eu lá, impregnada pela delícia de perceber, vislumbrar quantos mundos poderia presenciar em cada instante, quantos instantes compõem o mesmo mundo e quantos universos tantos mundos diferentes podiam formar. As linhas que vão tecendo a alma se ampliavam, penetravam, dilatavam. Toques que se faziam inesquecíveis e despertavam sensações, pensamentos.

Levantei a câmera, posicionei o tripé, um grupo de dança passava, parava. Um dançarino levantava asas brancas no ar. Rosto que brilhava na lente, prateava, girava suas asas no chão cinza, no tempo cinza. Brilhando o dia, sequência de ventos e luz. Um lugar... Inundado de cheiro, chuva, calor, magia e sangue. Uma câmera... Descompensando o branco no ampliar da luz, desfocando os traços no movimento. Visões que me cutucavam, atravessando por todos os

¹ O canal comunitário é uma TV local, constituída por entidades do terceiro setor do mesmo município onde o canal se estabelece. Só pode ser veiculada pelo serviço de TV a cabo. Destinada à veiculação de produções locais de vídeo e som, era regulamentada pela Lei 8.977/1995, revogada pela Lei 12.485/2011.

lados. Desenhando linhas de luz, se reviravam como dados, gravados. Instantes em que o tempo escapa do relógio...

Seguimos, eu e a câmera, para a sede da produtora. O próximo passo era importar as imagens da câmera para a ilha de edição² e iniciar a seleção de imagens que entrariam no vídeo final. Eu não sabia como era editar um vídeo até começar a participar do projeto no canal comunitário. Eu vinha aprendendo, com outras gravações, o processo básico de edição, mas o encantamento que se iniciou durante a filmagem daquele dia conflagrou outras possibilidades para esse processo, despertou uma paixão estética. Assistia repetidamente as gravações do dia, meu corpo vibrava como se fosse tocado inesperadamente, uma vez e outra e outra... Como um magnetismo, uma potência a penetrar meus olhos e escorrer pelos dedos, até o *mouse*. Escolher, mover, cortar, colar, sonorizar... Mistérios me arrastando pelo pé, continuam me levando cada vez mais longe, deslizando nas linhas coloridas dos vídeos, perfurando a superfície da edição, penetrando infinitos que desenham outras possibilidades de olhar, pensar e editar imagens.

Produzir um vídeo sem pretender que ele explique ou revele ou comprove algo, mas provocando estranhamentos, embaralhamentos. Mais que uma narrativa, um movimento. Agora, eu já não respirava, me afogava e não queria resistir, queria ser levada pelas ondas e linhas e luzes e cores. Em 2009 iniciei a graduação em Comunicação Social, ampliando o contato com outras percepções nessa área de conhecimento. Convite e movimento e experiência e afeto e desejo e aberturas e...

A graduação em Comunicação Social me proporcionou encontros com outras ideias de ciência. Para mim, a produção científica era o lugar da verdade, da iluminação, da razão absoluta. Até ler *Um Discurso Sobre a Ciência* (2008), de Boaventura Sousa Santos. A composição do paradigma dominante, sua crise e seu eminente colapso se desdobrando em fissuras irreversíveis foram desconcertando o que eu entendia enquanto ciência, perfurando a ideia de supremacia científica que eu conhecia. Tensionamentos agitando o que parecia tão acertado, mudando o que parecia explicado, oferecendo outras possibilidades de pensar, um mundo de múltiplas verdades.

A relação com a estética visual, despertada durante as experiências com produção de vídeo foi se intensificando à medida que eu acessava e compartilhava entendimentos sobre suas sistematizações, suas potencialidades, suas utilizações, suas possibilidades. Intensidades

² A Ilha de Edição é como chamamos o computador onde se realiza o processo de edição do vídeo. Não sei a origem do termo, mas é comum para quem trabalha na área. Na geografia, ilha é uma extensão de terra cercada por água. Metaforicamente, a palavra indica isolamento, o que parece estranho, visto que o processo de edição exige vários contatos entre variados *softwares*, variadas linguagens, variadas telas. Talvez a Ilha, ao editar, seja o editor, trancado no processo criativo, cercado de vídeos e sons e softwares e... Um povoamento ilha.

proporcionando experiências, ideias, produções, proliferando e arrastando universos outros. Nessa época ainda participava de produções na TVJ, mas em 2011 ocorreram mudanças, me afastei e fui experimentar outros setores da área de comunicação.

Um ano depois de concluir a graduação, no segundo semestre de 2014, fui aceita como aluna especial na disciplina Tópicos Especiais em Educação I, no Programa de Pós-Graduação em Educação, com a professora Elenise Andrade. Mil janelas e portas começaram a se abrir bem na minha frente. Além de estar vibrando por conseguir começar algo que eu acreditava ser uma chance de respirar, o que encontrei na abordagem da disciplina potencializou minha vida. Cada semana, cada texto, cada atividade, iam rachando meus entendimentos permitindo que outros proliferassem. Eu vinha procurando algo, sem saber o quê exatamente, sem saber explicar precisamente. No jogo dos pensamentos que se movem, que me movem... A possibilidade de fazer pesquisa parecia muito potencial para a criação. A educação, um campo revolucionário para proliferar outros pensamentos sobre a vida, sobre o mundo. Quando eu comecei a disciplina no programa de pós-graduação em educação, nada disso estava elaborado, nem buscado, nem esperando ser encontrado. Eu tinha incômodos e vi nessa experiência a possibilidade de esticar essa sensação para lugares outros, fazer outras conexões, sacudir pensamentos em outros para agitar perguntas e construir um projeto de pesquisa que fizesse sentido e provocasse sentidos.

A disciplina transitava pelas linhas filosóficas de Gilles Deleuze, apresentando experiências de pesquisa que possibilitavam outros pensamentos sobre educação e ciência e arte, também proporcionando movimentos através de atividades durante as aulas. O conceito de partilha do sensível, desenvolvido por Jacques Rancière, despertou meu interesse para um projeto de pesquisa que proporcionasse relações entre a produção artística e a ocupação de territórios na cidade como possibilidades de outras educações do espaço. Relações entre estética e política, entre “o que se dá a sentir” e “do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto”. Tensionamentos que movimentam a lógica de divisão do espaço físico da cidade, perfurando regulações que se querem fixas, obedecidas, controladas.

As ideias que se proliferavam na construção de um projeto de pesquisa estavam conectadas com experiências de um passado próximo, um pouco anterior ao início da graduação em Comunicação Social. No ano de 2007 comecei a participar de reuniões para formatação de projetos culturais. As políticas de incentivo à cultura e arte estavam aquecidas, e a cada ano, editais de fomento a arte se ampliavam. Um grupo de pessoas reunidas para contribuir com os grupos culturais em busca de financiamento para ideias que espalham e fortalecem a produção do imaginário popular de um povo, de uma comunidade. Particulares e compartilhados em

pluralidade, um emaranhado de fios de fazer sentir, fazer ver, fazer saber o “há mais” de um povo. Não longe da ciência, não longe da história, mas construída com e entre ela. Começa um perambular por movimentos sociais e comunidades da periferia, fontes de mudanças e movimentações coletivas, agentes de perturbação da ordem social, um lugar que provoca saberes decorrentes das suas práticas cotidianas e potencialmente políticas pela conjuntura de sua formação. Conhecer a força dos que se recusam a desistir, que antes querem resistir aos mecanismos que tentam subverter sua história e seu lugar, reexistir em linhas sensíveis que os unem.

Dos movimentos populares que tive oportunidade de conhecer, a ocupação de trabalhadores sem-teto despertou em mim encantamento. Sem ter onde morar e sem recursos para possuir esse lugar, eles buscam alternativas em meio ao caos, reivindicam o mínimo de dignidade e cobram de um sistema que não oferece oportunidades, mas exige que cada um possa comprar suas condições. Por isso se organizam, fazem reuniões, elaboram atos públicos que torne visível o seu protesto. Um lutar cotidiano que movimenta linhas de resistência, que elabora planos de sobrevivência, que compartilha modos de existência. Suas linhas políticas estão sistematizadas no *website*³ do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto):

O MTST é um movimento que organiza trabalhadores urbanos a partir do local em que vivem: os bairros periféricos. Não é nem nunca foi uma escolha dos trabalhadores morarem nas periferias; ao contrário, o modelo de cidade capitalista é que joga os mais pobres em regiões cada vez mais distantes. Mas isso criou as condições para que os trabalhadores se organizem nos territórios periféricos por uma série de reivindicações comuns. Criou identidades coletivas dos trabalhadores em torno destas reivindicações e de suas lutas. Ao mesmo tempo, a organização sindical, no espaço de trabalho, tem tido enormes dificuldades em organizar um segmento crescente de trabalhadores desempregados, temporários, terceirizados, a partir de transformações ocorridas no próprio processo produtivo, que tornaram as relações trabalhistas mais complexas e diversificadas. Assim, o espaço em que milhões de trabalhadores no Brasil e em outros países tem se organizado e lutado é o território. É aí que o MTST se localiza: Somos um movimento territorial dos trabalhadores.

O compartilhamento de necessidades, intensas necessidades, de abrir caminhos, levantar barraco e fazer desse barraco seu lar. Desempregados, ambulantes, diaristas, carroceiros, catadores de material reciclável, trabalhadores empurrados para a periferia das cidades como única alternativa, amarrados à lógica fixante de distribuição de lugares na cidade. Um lugar de trocas, de experiências. Ensina, aprende, pratica, articula.

Por que fazemos ocupações? Alguns companheiros respondem: “Para conseguir moradia!”. Mas é só isso que queremos? Ficaremos satisfeitos se, daqui há 10 ou 20 anos, olharmos para trás e virmos apenas um monte de conjuntos habitacionais? De

³ Disponível em: < <http://www.mtst.org/>>. Acesso em: 17 de Agosto de 2015.

nada adianta conseguirmos moradias e a vida continuar do mesmo jeito, com o capitalismo impondo suas leis. Por isso, a ocupação tem para nós um sentido muito maior do que a luta por moradia: é uma forma de formarmos novos militantes para a luta, de construir referência nos bairros de periferia e de mostrar para os trabalhadores que – com união e organização – temos poder de enfrentar este sistema. Nossas ocupações devem ter sempre este horizonte!⁴

Aqueles que se recusam a desaparecer, que presos às circunstâncias investem em outras possibilidades, agem em outras lógicas, insistem em existir, resistindo e re-existindo. Agentes potentes para ampliar as possibilidades de educação no cotidiano, no acontecimento, na rotina que muda pelo deslumbramento que chega quando o inesperado acontece. Neste lugar de intensas experiências, estreitas, prestes a explodir, há uma energia sensível percorrendo as relações. Trocam, transportam, transferem forças culturais e políticas. Articulam e promovem outras organizações para o espaço. O objeto do projeto de pesquisa que desenvolvi para participar do processo seletivo do mestrado em educação eram as possibilidades de outras educações na produção da arte quando atrelada aos espaços de partilha no cotidiano de uma ocupação sem-teto.

Ingressei como aluna regular no mestrado em educação em 2016. A proposta da pesquisa era perceber, a partir de uma relação com o objeto, quais caminhos metodológicos seriam escolhidos. Então iniciei um perambular pelas comunidades conhecidas como ocupação na cidade de Feira de Santana. Nessa etapa tentei me familiarizar com as pessoas buscando perceber a dinâmica do espaço. Em um encontro, a orientadora sugeriu o deslocamento do olhar para vendedorxs ambulantes, que percorrem a cidade vendendo os mais diversos produtos. Sem registro comercial, sem mapa, sem nota fiscal, sem vigilância sanitária. Uma barraca, um carro de mão, uma carroça puxada por animais, estruturas desmontáveis, transportáveis, (re)existindo e resistindo à lógica que regulamenta o uso do espaço público da cidade.

Nos primeiros contatos, falando sobre onde ficavam suas casas, percebi que o público da pesquisa ainda era os moradores de ocupação sem-teto, assim como o objeto de interesse da pesquisa. O que mudou foi o espaço de articulação escolhido para essa investigação, um espaço fluído, de múltiplos territórios construídos em relações que corriam por várias direções, pessoas e coisas e ruas e trajetos e limites e... Os percursos das minhas caminhadas passaram para o centro da cidade, talvez com uma porção a mais de sensibilidade, aquela que intensifica o rodar do carrinho de mão, da carroça, que se instala na barraca. Dinâmicas, movimentos, fluxos. Pensando junto com o conceito de rizoma, desenvolvidos pelos filósofos franceses Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1* (1995), outras maneiras de

⁴ Disponível em: < <http://www.mtst.org/quem-somos/a-organizacao-do-mtst/>>.

entender a produção do pensar foram se desenhando. Relações de multiplicidade, heterogeneidade foram atrave(r)sando os entendimentos sobre a produção subjetiva das relações entre corpos e cidades.

Os filósofos utilizam a imagem da arborescência para desenhar o modelo dominante na produção de conhecimento. No modelo arborescente, para se tornar dois é preciso antes ser um. Em torno ou a partir dessa unidade, outros vão se proliferando, mas sempre conectados a essa unidade, como um princípio mimético ou reprodutivo. Em oposição a esse modelo os filósofos exploram o rizoma, raízes que podem ramificar-se em qualquer ponto; engrossar ou transformar-se em bulbo ou tubérculo; subterrâneo, como na bananeira, ou aéreo, como nas orquídeas. Espalham-se nas brechas, pura multiplicidade e heterogeneidade, construindo relações e conexões diversas. Utilizam esse modelo para pensar outras possibilidades na produção do saber.

Para os filósofos, um dos princípios do pensamento rizomático é a possibilidade de conectar um ponto de um pensamento a qualquer outro ponto. Os traços de um rizoma não estão presos à ordem linguística, podem se conectar a outras cadeias, “modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.”⁵ Possibilidades de perfuração na ordem linguística, no habitual regime de signos, no padrão gramatical. Decompondo as estruturas da língua por dentro, encontrando outros lugares, outras marcas. A heterogeneidade pulsante que faz a língua viva, em constante modificação, proliferando outros pensamentos, outros entendimentos sobre as coisas, as rodas, a barraca, os carros de mão, as mãos. Se a formação de territórios subjetivos está entrelaçada com o pensar e o entendimento que se têm sobre o mundo, então o princípio da heterogeneidade abre a possibilidade de formação de territórios nas mais diversas ordens, não diretamente conectáveis a um significado, um sentido, uma essência que já está determinada, mas aberto a conexões de outras ordens.

Nesse ponto, tentava pensar a cidade como um complexo emaranhado de linhas em co/existência. Tensionamentos distribuídos em rede, acontecimentos imprevisíveis, vizinhanças, misturas, (des)encontro de fronteiras, composições, contaminações, conexões, pulsações, agrupamentos de interesses, possibilidades de fuga, escapamentos, linhas emaranhadas trocando saberes, encontrando sentidos, inventando o cotidiano, produzindo outras vivências na/da cidade, construindo e (des)construindo territórios. Corpos de carne e sangue em uma cidade de asfalto e concreto e pedra e placa e regras e falas e um pensar rizomático sobre ela, com ela, por ela...

⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1.** 1995, p. 15.

Fluxos multidirecionais se articulando em cruzamentos que organizam, significam, referenciam, mas que podem desembocar em produções de linhas de fuga, se arrastando para um lugar distante que pode ser o mesmo lugar, mas não mais o mesmo, formando para si outro lar, possibilidades de constituição de territórios outros nos tensionamentos provocados por encontros, por circunstâncias, por necessidades, por desejos, perfurando o espaço que se quer entendido, controlado, regulado em leis, fiscalizado em normas, atestado em documentos, representado em mapas. Aproximações teóricas que me empurravam para pensar a produção de subjetividade dessas pessoas misturadas com esse processo de compartilhamento coletivo onde a produção subjetiva se efetua, está em circulação, é social e coletiva e assumida e vivida pelas pessoas em suas existências particulares.

Circulações, coletividades, ruas, estudos, escolhas, pés, escritas, mãos. O objetivo geral foi se desenhando: possibilitar outros entendimentos na/da cidade a partir da investigação nos/dos territórios subjetivos construídos nas relações entre corpos ambulantes e cidades. Outras cidades que desmembram o objetivo geral nos seguintes objetivos específicos:

- Ampliar a perspectiva da produção subjetiva constituída nas relações entre corpos ambulantes e cidade, promovendo outros entendimentos do espaço da cidade;
- Possibilitar a exploração de outras educações do espaço a partir do olhar de vendedorxs ambulantes;

Assim, a questão central que essa pesquisa pretende responder é: Quais entendimentos da cidade se fazem possíveis ao investigar os territórios subjetivos construídos nas relações entre corpos ambulantes e cidades?

Com o objeto de pesquisa definido era possível realizar o levantamento das pesquisas que poderiam ter correspondência com a proposta deste trabalho. O campo de catalogação foi demarcado pelas palavras “trabalhador ambulante” e “territórios subjetivos”.

No Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁶ foram localizadas 9.018 pesquisas relacionadas ao tema, sendo que 823 estão relacionadas à área de Educação. Em sua maioria discutem a precarização do trabalho, formação do trabalhador para o capital, formação de professores para o aluno trabalhador, escolarização do aluno trabalhador e qualificação para o trabalho com discussões voltadas para o campo das políticas públicas, práticas pedagógicas e currículo escolar, nem sempre diretamente ligada ao vendedorxs ambulante. Por isso alterei a demarcação para “vendedor ambulante”, tentando reduzir o campo de catalogação. Foram localizadas 404 pesquisas relacionadas ao tema, sendo seis pesquisas da área de Educação e

⁶ Acesso disponível através do endereço: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>.

nenhuma delas se relaciona diretamente com o vendedorxs ambulante, mas com outras ambulâncias características das práticas pedagógicas e formação do ser. Elas se relacionam com jovens músicos trabalhadores, vozes das crianças, formação leitora, memórias nas práticas pedagógicas e o programa de extensão Biblioteca Ambulante. Entre as pesquisas listadas, a tese *“Poéticas de vidas e mortes: metáforas e cartografias bordadas no contorno de um currículo em curso”*, de Marta Correa de Moraes (2014), realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santana Catarina, traz uma proposta de pesquisa cartográfica para localizar poéticas de vidas e mortes que rondam a efetivação da tarefa político-pedagógica da formação de professores e professoras do curso de pedagogia da UFSC traçando uma relação entre o currículo em curso e as obras do artista Arthur Bispo do Rosário. Apesar da pesquisa não estar diretamente relacionada ao vendedorxs ambulante, à abordagem metodológica poderia contribuir com a maneira de pensar o andamento dessa pesquisa. Os outros cinco resultados se relacionavam com a educação infantil, memórias e políticas públicas, estando distantes das intensões dessa pesquisa. Trabalhos que relacionem o vendedorxs ambulante ao campo de formação não foram encontradas.

Partindo para a próxima demarcação dessa catalogação, o banco de Teses e Dissertações da CAPES apresentou 8.696 pesquisas sobre “territórios subjetivos”, sendo 376 pesquisas do campo da Educação. Em termos de subjetividades, são muitos os atravessamentos, por isso utilizei os filtros “educação ambiental”, “educação e contemporaneidade”, “educação, cultura e comunicação” para reduzir os resultados. A plataforma apresentou 16 pesquisas que exploravam campos da educação infantil, gestão escolar, ressignificação de práticas pedagógicas, identidade e pluralidade cultural, espaços de educação e cidadania. Políticas públicas e educação escolar. A proposta para essa pesquisa é o estudo de territórios subjetivos construídos no campo ampliado da formação, ambientes não formais de educação, não diretamente ligados ao espaço escolar, por isso entre os 16 resultados apresentados pela plataforma, à ideia de território e território subjetivo estavam distantes da proposta de pesquisa aqui apresentada. Não foram localizadas pesquisas na perspectiva da produção subjetiva relacionada aos trabalhadores ambulantes e uma educação dos espaços da cidade.

CAPÍTULO 2 – TRANSBORDANDO

Depois de formular a pergunta e os objetivos da pesquisa era necessário definir de que maneira poderia movimentar essas ideias. A proposta metodológica escolhida para investigar os territórios subjetivos constituídos nas relações entre corpos ambulantes e a cidade; e movimentar outras educações sobre os espaços na/da cidade ins-pira-se no conceito de cartografia dos filósofos franceses Deleuze e Guattari.

A cartografia consiste na composição de um mapa, “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível”¹. Uma metodologia que permite compreender a pesquisa como um campo, um espaço de múltiplos caminhos, possibilidades de escapar para outras direções, como um rizoma e suas “múltiplas entradas”².

Lançar-se em uma proposta metodológica aberta a possibilidades, mudanças, encontros, conexões, outros fluxos. Kastrup e Barros (2010) transportam o conceito de cartografar para o sentido de acompanhar processos. Acompanhar processos é habitar territórios tecendo relações entre pesquisador e objeto pesquisado sem isolá-los, mas agindo e escrevendo juntos, “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”³, e deixar-se levar nesse movimento, atrave(r)sando “esse campo coletivo de forças”⁴.

O desejo pela investigação do movimento provoca outro entendimento na/da relação entre sujeito e objeto, uma virada nos corpos como agentes produtores de subjetividades. Assim os processos analíticos não se dão em dados cognitivos, consensuais, mas produzidos na experiência. Os corpos não são “objetos a serem subjetivamente apreendidos, sob a forma de representações ou deturpações de dados existentes em si mesmos”⁵, eles não estão separados do mundo, produzem subjetividades em relações com o coletivo. Sendo assim, os dados não são coletados, mas produzidos nas relações entre corpos e cidades, nos seus tensionamentos, abrindo possibilidades para entendimentos de outras cidades, outras educações.

Atirar-se nos movimentos dos corpos dxs vendedorxs ambulantes e suas relações com a cidade, contatos com as ruas que provocam a construção de suas/nossas/de ninguém cidades subjetivas, cidades singulares, feiras e santanas e modos de vida e educações. Buscar identificar

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. 1995, p. 22.

² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. 1995, p. 22.

³ KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2010, p. 57.

⁴ KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2010, p. 57.

⁵ KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2010, p. 57.

como as linhas de produção de subjetividade podem apresentar os territórios dos corpos, como os movimentos podem arrastar as linhas de produção de subjetividade e denunciar os limiares de territórios (in)visíveis, produzindo outros entendimentos sobre a cidade, outras cidades construídas nas relações com os corpos que nela habitam ou outras cidades que habitam os corpos.

São linhas desenhadas em movimento, limiares de territórios construídos em relações, no entre meio, nos contatos. Uma cartografia que se desenha em sensações, um mapa sensível e subjetivo dos territórios dos corpos de vendedorxs ambulantes e informais da cidade. Ítalo Calvino, em sua obra *Cidades Invisíveis* (1972) atenta “a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente”⁶ e mais à frente complementa “a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir”⁷.

Os corpos da cidade se movimentam em um espaço que se repete. Um plano comum compartilhado que faz com que ela exista, física e subjetivamente. As linhas da produção subjetiva dos corpos da cidade interagem com fluxos que funcionam num coletivo. A cartografia se arrasta na perspectiva de conectar essas linhas partilhadas, desenhando territórios sensíveis. Não a mesma cartografia que mede e calcula para representar um espaço físico, mas uma cartografia que se entrega aos encontros na tentativa de movimentar expressões e desenhar outros entendimentos do espaço, do ser, do lar, da cidade.

Um desenho dedicado à rede de composição do objeto da pesquisa focado em descentramento, sem destaques que impliquem em hipóteses previamente pensadas, preenchidas por informações. Uma investigação que tenta pensar a cidade junto com ela, por dentro dela, atra(versada) por corpos.

Funcionamento em conjunto, um encontro de mundos, traçando um plano comum entre essas relações e a pergunta que a pesquisa deseja responder. (Des)propor o consenso, (des)tencionar pontos de convergência, poder conectar diferentes planos, irruptivos ou não, deslizantes ou não. A cartografia persegue os encontros, submerge nas intensidades dos acontecimentos.

Poderia essa pesquisa possibilitar um encontro submerso de intensidades? Outras maneiras de arrastar conteúdos em expressões, de cruzar linhas de sentidos, percepções, afetações? Desenhar um mapa dos territórios subjetivos, tecendo mundos, traçando um plano comum entre expressões e lugares outros e linhas de fuga e corpos ambulantes e... Provocando mutações nos espaços da cidade, explorando os intervalos entre um prédio e outro, entre uma

⁶ CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. 1972, p. 11.

⁷ CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. 1972, p. 11.

rua e outra, entre a loja e o meio fio, mundos construídos no entre... Habita espaços, transborda os limites espaciais da cidade, infiltra-se em rachaduras, ocupa intersecções, vivem em dobras.

Os conceitos de rizoma e produção de subjetividade pediam outros (des)encontros. Ideias que pareciam, num instante qualquer dessas trajetórias, algo muito distante, por sua complexidade ou por estar impregnada em pensamento dicotômico, linear, seja pela representação, pelo dogmatismo teórico, pela ideia de uma subjetividade que precisa ser preenchida. Outras perguntas de inquietação teórico-metodológica iam perturbando: Como penetrar os fluxos, as fronteiras, as relações que acontecem entre corpos e cidades? Como pensar a produção de subjetividades em seus agenciamentos coletivos de enunciação?

Segundo Guattari e Ronilk (2005), o agenciamento coletivo não equivale a um ente social ou individual, não é exclusividade do comum partilhado ou suas partes diferenciadas, de um plural ou de um particular, eles são “duplamente descentrados”, um funcionamento em oscil(ações) que se conectam por diversos campos, “máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual”⁸, não necessariamente antropológicos, mas também econômicos, religiosos, de mídia, tecnologia, sociais ou “de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal”⁹, estando antes da humanidade, da psique, da personalidade, da racionalidade. Delírios, desejos, afetos, sensibilidades, memórias, imagens, representações, sistemas corporais, biológicos, fisiológicos. Não imediatamente conscientes, mas que ultrapassam o conceito de razão, racionalidade, cognição ou conhecimento.

É costumeiro compreender a produção subjetiva e o próprio pensar como algo possível de ser presumido quase completamente, ou algo com etapas muito definidas e que, com técnicas específicas, possam ser programadas, previstas, controladas, quase uma (re)programação a partir de processos educativos. Uma proposta *a priori* sobre as (im)possibilidades de criação e produção de conhecimento mediada por processos já estabelecidos (sejam no âmbito epistemológico, pedagógico, estético, político-cultural), na tentativa de validação para tal controle da produção subjetiva.

Perturbações que me esticam até Nietzsche ao apontar: “o homem veio a ser”¹⁰. Não há uma verdade absoluta ou eterna, todas as coisas vieram a ser. É preci(o)so ter modéstia em compreender que o ser humano não é uma entidade absoluta para onde se direcionam todas as coisas do mundo, que o nosso modo de pensar não está pronto, não veio pronto, não é absolutamente controlável.

⁸ GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely; Micropolítica: Cartografias do desejo. 2005, p. 39.

⁹ GUATTARI; ROLNIK; Micropolítica: Cartografias do desejo. 2005, p. 39.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano. 1878, p. 10.

Humanos fazem parte, mas não estão sobre o mundo. Pensa e cria, mas não sozinho, não somente em seu interior. Trazer os processos de produção subjetiva que formam as expressões e modos de vida das pessoas como uma construção em conjunto com o fora como tentativa de escapar do entendimento do ser como forma fixa, ou de verdade absoluta, ou puramente cognitiva. Para Nietzsche, “mesmo a faculdade de cognição veio a ser; enquanto alguns deles [filósofos] querem inclusive que o mundo inteiro seja tecido e derivado dessa faculdade de cognição”¹¹.

Subjetividades que se arrastam em produção, desenhadas em contato com o social, atravessadas por suas marcas, suas vivências, suas experiências, seus contatos, afetos, desejos, sonhos, delírios, fugas. Podem desembocar em singularizações, mas não se efetuam apenas na interioridade, se elaboram junto com a exterioridade, onde o que acontece por dentro toma forma, vai se misturando e acontecendo por fora, e vai seguindo e sentindo e fugindo e... Segundo Guattari e Ronilk (2016), entre essas linhas está o modelo de produção subjetiva que segmenta, coagula. Máquinas que pretendem capturar as subjetivações em modelos padronizados, imitações, reproduções, mas também linhas de fuga, de escapamento possibilitando singularizações, outras subjetivações:

Uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecommando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos.¹²

Alinhar partes que compõem possibilidades e dão a ver a questão da pesquisa. Apontar os processos de expressões da produção subjetiva em linhas de fuga. A beleza, a multiplicidade que se prolifera na composição de um mapa sensível. As subjetivações não são objetos a serem apreendidos sob a forma exclusiva de representações ou de dados existentes em si mesmo, estão misturadas com/no mundo e produzem a subjetividade em relação com o externo, o fora.

Relações entre corpos e cidades e(m) tensões, possibilidades para outros entendimentos sobre os espaços, outros saberes do mundo, outras educações. Escrever essa pesquisa em linhas de palavras, em linhas de desejos, em linhas de fuga e ampliar a produção. Escapar cada vez mais do objeto como representação de algo a ser estudado e se aproximar do objeto como intensidade, força, sensação, sonho, delírio, desejo. Escapar da consciência, do racional lógico e explorar o corpo que explode o conhecimento.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano. 1878, p. 11.

¹² GUATTARI, Felix; ROLNLIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 2016, p. 23.

Nesse emaranhado de linhas, planos, mapas, outras inquietações teórico-metodológicas se desenhavam: Se a subjetividade vai sendo produzida, maquinada nas redes de sentidos, efetuada nos agenciamentos coletivos de enunciação, se há um modelo de produção subjetiva tentando capturar as maquinações, como identificar os processos de expressões da produção subjetiva em linhas de fuga? Como os tensionamentos nas relações entre corpos e cidades podem possibilitar outras subjetivações? E os corpos vendedorxs ambulantes e informais fazem perguntas em porções, em saquinhos, em copos de plásticos: “Freguesa, venha perguntar!”. “Perguntas dois reais o kilo!”

Ainda nos apontamentos metodológicos para a realização da pesquisa, o objeto é atravessado pela ambulância dxs vendedorxs ambulantes. Sirenes, gritos, pressas, mas sem as médicas, os socorristas, os policiais. Os ambulantes são corpos que caminham pela cidade vendendo produtos, prestando serviços, estabelecendo os mais variados contatos, perfurando os endurecimentos de regulação do espaço físico, desafiando táticas de inibição e fiscalização que tentam controlar, capturar, limitar a distribuição dos corpos, as atividades, as vivências nos/dos espaços da cidade. Não saem de um ponto para outro, mas estão abertos a possibilidades, podem aparecer em qualquer lugar, estacionar ou seguir, tomar outros trajetos, criar outros pontos, sentar em outros lugares.

Minhas per-ambulações pelas ruas me atropelaram e precisei daquela ambulância das vivências dessas pessoas, que começaram a me parecer marcadas pelo nomadismo. Minha hipótese para essa sirene que não cessava era que seus territórios são esticados e constituídos no próprio processo de desterritorialização. Segundo Deleuze e Guattari, (2012), o nômade “se reterritorializa na própria desterritorialização”¹³. Não como o migrante, que se refaz em outro destino, nem como o sedentário, que se fixa em regimes de propriedade ou conforme o aparelho do Estado¹⁴, o nômade constrói seu território no caminhar, sendo o caminhar o seu território. Um movimento marcado por pontos, paradas, pausas. O lugar onde bebe água, onde aproveita a sombra, onde senta para descansar antes de recomeçar, onde tem freguesia, alegria, amizade. O território em (des)territorialização.

O nômade perfura o entendimento geográfico ao explorar atalhos, becos, vielas que não estão sinalizadas em mapas, recusam as ordens do aparelho do Estado e sua higienista organização urbana. São (des)obedientes, (in)surgentes, des-a-fia-dores, (in)controláveis. Se

¹³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix; Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. 2012, p. 56.

¹⁴ O Estado ao qual o texto se refere é aparelho ou conjunto de ferramentas utilizados para manutenção de um determinado poder. Deleuze e Guattari, em Mil Platôs V, caracteriza o Estado não pela ausência de chefes ou poder, mas “pela perpetuação ou conservação de órgãos de poder” (pag. 20) e talvez a relação de poder comando-obediência.

rastreados, violentados e fiscalizados hoje, retornam as ruas e calçadas amanhã, e novamente, e outra vez, e outra, e... Essa ambulância silenciosamente ruidosa me rasgava as ruas e as veias e as artérias. Cartografia que atrave(r)sava: Poderiam os trabalhadores e trabalhadoras ambulantes funcionar como máquina de guerra no espaço da cidade?

Essa linha pode ser observada inclusive em pesquisas que não necessariamente tentam apontar para esse conceito. Ao investigar estudos relacionados a camelôs, ambulantes, trabalhadores e trabalhadores informais, ruas e cidades e subjetividades, me encontrei com o artigo *Ambulantes e camelôs de Feira de Santana (BA): Origem e consolidação* (2017) publicado por Alessandra Oliveira Teles, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. Foi um encontro quase mágico e li o texto com delicadeza. Trago alguns apontamentos da autora para pensar metodologicamente o arrastar do caminhar cartográfico dessa pesquisa. No artigo, a autora destaca a importância socioeconômica do comércio para a cidade desde o seu nascimento enquanto cidade, com interesse investigativo nas “permanências e mudanças promovidas no centro comercial a partir do comércio informal realizado por ambulantes e camelôs”¹⁵.

O levantamento histórico realizado pela autora apresenta três momentos como fundamentais para a perspectiva de transformação do espaço urbano no processo de organização do comércio informal pelo Estado, que são: a construção do Centro de Abastecimento, em 1970; a reforma do Feiragui, em 1990; e a construção do Shopping Popular, iniciada em 2015, com conclusão prevista para setembro de 2018 e localizado no espaço onde hoje funciona o Centro de Abastecimento.

Essa última construção, atualmente, já (des)ocupou milhares de vendedores ambulantes e informais, submetidos a novos cadastramentos e licenças de funcionamento e pagamento de taxas de permanência. Espaço vivo vai se (des)configurando diante de projetos elaborados por entidades que (des)conhecem a utilização do espaço público pelo público, assim como não (re)conhecem as pessoas ou os modos de vida que nele habitam. Subjetividades assassinadas na aplicação dos métodos higienistas e organizadores do aparelho de Estado junto com a máquina capitalística, “potência colonizadora planetária”.¹⁶

A pretendida (re)configuração espacial, de acordo com Teles (2017), não foi alcançada e continua inalcançável. A cada dia mais e mais trabalhadores e trabalhadoras, ambulantes e informais, ocupam os espaços da cidade, “impressionante como se apertam no calçadão, são

¹⁵ TELES, Alessandra; *Ambulantes e camelôs de Feira de Santana (BA): Origem e consolidação*. 2017, p. 1.

¹⁶ GODINHO, Ana. *Máquinas anômalas e nômadas: do que ainda não existe ao que já não existe mais. Ou do que já não existe mais ao que ainda não existe*. 2016, p. 27.

barracas, carros-de-mão, araras encostadas pelas paredes entre uma loja e outra, pessoas com cestos, mercadorias nas mãos, mercadorias estendidas no chão”¹⁷.

(In)surgentes, assumem uma postura contrária ao determinado, se revoltam contra as ordens de organização do aparelho de Estado. Des-a-fia-dores, esticam até fissurar as linhas que tentam determinar por onde devem passar, onde devem ficar. Perfuram as cercas e embaralham suas dores, seus amores, seus produtos, suas lutas e coragens ao meio-fio, junto à calçada, pelos becos e vielas, entre as ruas, entre os carros, desenvolvem outras relações com o espaço da cidade, constroem outras cidades, outros territórios, não localizáveis no desenho do mapa, não visíveis no Google Earth. Caminham em linhas tecidas em singularidades, a máquina de guerra que rasura, fissa os limites pré-estabelecidos.

No campo deslizante de um arrastar metodológico cartográfico, outras perguntas coçam o corpo, a mente, tropeçam os passos: Como possibilitar que (des)territorializações movimentem outras subjetivações nessas relações de produção da subjetividade? Como traçar um mapa sensorial da cidade perseguindo as linhas de fuga da produção subjetiva da máquina de guerra? Quais educações se fazem (im)possíveis a partir de investigações na formação dos territórios subjetivos das máquinas de guerra da/na cidade? Embaralhamentos, pistas vão ampliando questionamentos teórico-metodológicos, movimentando outras possibilidades para pensar a produção subjetiva dos corpos ambulantes e a cidade; a pesquisa; as educações.

O primeiro momento do caminhar investigativo foi entre setembro de 2016 e março de 2017. O exame de qualificação estava próximo e muitos deslocamentos ainda me perturbavam no sentido de elaborar a maneira como iria produzir/explorar as pistas, os indicativos da produção subjetiva dos trabalhadores e trabalhadoras ambulantes na/da cidade. Me pegava a pensar “estou realizando uma pesquisa de mestrado, é necessário apresentar os limiares de composição da pesquisa”. Como despertar maneiras de desenhar esse mapa sensível na/da cidade? Então paro para escutar e me lanço nos entrelaçamentos das linhas intensivas entre corpos ambulantes e cidades. Trago para o leitor/leitora, parte do diário de campo produzido nesse período e que embaralhavam essas ideias teórico-metodológicas. Fui inventando (e sendo inventada) por vagabundagens escritas...

O centro comercial de Feira de Santana parece uma grande feira livre em expansão, tanto pelas ruas principais, como pelos becos e vielas. As calçadas são ocupadas por barracas, alguém vende água em frente, conserta relógio ao lado, troca a válvula da panela de pressão. Embaixo tem capa para máquina de lavar, caldo de cana com limão e gengibre fresquinho, qualquer peça por dez reais. O clima costuma ser

¹⁷ TELES, Alessandra; *Ambulantes e camelôs de Feira de Santana (BA): Origem e consolidação*. 2017, p. 5.

quente, tanto pelo sol quanto pelo ritmo. Não é raro encontrar grupos que conversam, há senhoras que leem e crianças que cochilam e casais que namoram. Modos de vida compartilhando espaços, criando laços, fazendo nós, estabelecendo conexões em fluxos. Inicialmente me movimentei assim, variante, pela cidade. Não havia um lugar específico, fazia percursos comuns como se fosse ao banco, ao sapateiro, ao mercado, à igreja ou a lugar nenhum. Num segundo momento comecei a fazer contatos. Eu me aproximava como alguém que compra ou procura algo, iniciava uma conversa que variava em diversos temas, sem uma ordem específica, sem perguntas pré-definidas, sem abordagem sistematizada. Alguns se permitiam, outros não, alguns compartilhavam outros não, variáveis e(m) um caminhar aleatório. Era feliz quando diziam "apareça aqui mais vezes".

O calor que abafa o tempo, o carro barulhento, o movimento comercial que parece fraco. Nesse ponto de partida as pessoas se sentiam mais seguras, mais soltas, abertas, se lançavam no contato, nos relatos, contavam seus casos, seus interesses. Eu retornava após alguns dias, conversava mais um pouco, perguntava sobre o neto do qual se queixou no último encontro, do vizinho que não abaixava o volume do som, do pai que esqueceu o dia do aniversário. Tentava forçar brechas para fazer emergir alguns territórios. Submergiam outros. Esperava uma fala encantada ou uma pergunta mágica, como se as linhas de subjetividade que nos compõem fossem exclusividade de palavras e expressões extraordinárias, escondidas, esperando revelações. Ainda mal me dava conta que cada desvio de olhar, cada sorriso de canto, cada silêncio se entrelaçava na produção de subjetividade.

Desde o capítulo de aproximação teórica relato um caminhar pela cidade na tentativa de arrastar os conceitos e o objeto da pesquisa. Esses percursos foram gravados em vídeo. Uma filmagem sem roteiro, sem direcionamento, sem enquadramento, sem pretensão, mais um afetamento do trajeto. Entre uma conversa de orientação e outra recebi a indicação de um texto do Peter Pál Pelbart (2009) que abriu e desfiou os pensamentos que versavam possibilidades para o vídeo como "rastros de uma experiência, que ao ser visto pode desencadear outras experiências"¹⁸. Vídeos (des)focados, (des)enquadrados, que não querem documentar ou registrar, mas provocar afetações, talvez? Para Pelbart (2009) vivemos um tempo de imagens achatadas nas superfícies tecnológicas. Ele nos convida a observar "o avesso desse aparente achatamento temporal"¹⁹, o avesso da fosforescência das imagens.

Tempo onde superfícies brilhantes, como televisão e redes sociais, proliferam imagens, linhas de captura e de fuga indicam expressões da produção subjetiva que podem ser submetidas

¹⁸ PÁL PELBART, Peter. *Imagens do (nosso) tempo*. 2009, p. 40.

¹⁹ PÁL PELBART, Peter. *Imagens do (nosso) tempo*. 2009, p. 40.

ou arrastadas para outros lugares, outros lares, outras casas, rachaduras vazando águas, singularidades. Vídeos gravados em andanças pela cidade, ambulância que perfura a superfície do vídeo, a superfície da cidade, ideias a movimentar os sentidos da pesquisa. Conteúdos que arrastam formas, formas que arrastam conteúdos, rasgam os limites dos territórios, transbordam os sentidos, atrave(r)sam o pensamento do que se entende na/da cidade, o que se entende de lar, de casa.

O relato de experiência entre a Cia. Teatral Ueinzz e a artista Alejandra Riera pelas ruas de São Paulo, apresentado por Peter Pál Pelbart (2009), em seu texto *Imagens do (nosso) tempo* nos faz pensar para fora dos vídeos gravados com o fluxo da cidade. Através de entrevistas reviradas, o grupo provoca outros aparecimentos nos diálogos travados inesperadamente, insistentemente ao abordar pessoas aleatoriamente no centro de São Paulo. O método é “muito preciso, porém aberto”²⁰. Parece confuso, e talvez seja, mas processos complexos exigem daqueles que querem observar mais de perto, olhares/ouvidos/tato complexos.

A definição do método sugerida por Peter Pál Pelbart (2009) corresponde com os investimentos da pesquisa cartográfica a desenhar campos de força, a provocar o encontro de mundos, a rejeitar um princípio homogêneo para tentar provocar outros entendimentos, dedicado a explorar campos de multiplicidade, heterogeneidade, diversidade.

Seria possível escrever um vídeo atravessando territórios subjetivos da máquina de guerra da cidade com linhas de luz e som, provocando outros atravessamentos ao ser visto? Seria possível escrever com letras, aqui nesse texto, em linhas de palavras, todo o investimento de uma pesquisa em perceber o complexo entrelaçamento de forças dos territórios subjetivos da máquina de guerra da cidade? Experiências entre corpos e cidades empurrando os pensamentos para outras (im)possíveis maneiras de explorar o campo da pesquisa cartográfica? Uma travessia teórico-metodológica utilizando vídeos desfocados e entrevistas reviradas para trilhar e provocar experiências, potencializando a investigação dos territórios subjetivos da máquina de guerra. Linhas escritas em vídeo e texto, desenhando um mapa sensório da máquina de guerra da cidade.

Depois de escolher entrevistas reviradas como forma de fazer explodir perguntas e respostas, e vídeos gravados com fluxos da cidade como possibilidade de provocar outras experiências e entendimentos sobre o espaço da cidade, começo outro ciclo de gravações em janeiro de 2017, na tentativa de captar, além do perambular pelas ruas da cidade, os relatos dos

²⁰ PÁL PELBART, Peter. *Imagens do (nosso) tempo*. 2009, p. 38.

corpos ambulantes. Apresento ao leitor/leitora parte do diário de campo que relata sobre as impressões das grav(ações) com fluxos da cidade.

Um caminhar gravado em HD. Uma lente que abre e fecha. Mais luz, menos luz, explosões em linhas de cor, acompanhando passos de calor, captando intensidades que se movimentam em movimento, linhas de forma e cor, sons em passagens, coisas e palavras. Cidade pulsante que não é, vai sendo. Desfocando e desenquadrando e estourando e atravessando e gaguejando e... Partícula do entre nas relações de corpos e cidades. Sons delirantes explodem no espaço, ruídos misturados chegam penetrando e convidando e compartilhando e expressando e mexendo e lembrando e cantando e ... Misturas de luzes e cores e sons, no centro de uma cidade que caminha desconcertando, descentrando, potencializando entres, relações, passagens, o quase imperceptível de uma cidade. Vídeos que possibilitem tensionamentos na máquina de guerra da cidade, que pro/segue escapando e seguindo e comprando e sentindo e duvidando e vendendo e falando e calando e sangrando e resistindo e desejando e...

Ainda era preciso revolver os diálogos, transtornar falas. Como revirar entrevistas que não estão à procura de algo, mas que querem encontrar muitos? Perguntas, respostas em processo. Respostas, perguntas em processo prosseguem à espreita, como uma presença que não aparece, como uma brisa. Mas em qual língua a brisa fala? Brisa fala? Canta? Uiva? Brisa passa... Entrevistas reviradas por ambulantes, com perambulantes, que despertem pensamentos outros, olhares outros na/da cidade.

Perguntas (des)organizadas, caminhando entre casas e placas e vias e pontes e ruas e direções; encontrando bordas, perseguindo fluxos, intensificando movimentos. Como responder perguntas entre o vento, entre a luz, entre o som, e assim, quem sabe, traçar linhas das cidades que habitam os corpos!

Poderiam os poetas, versando em cidades e paisagens, provocar-nos outros olhares na/da cidade? Letras escritas em meios fios, riscadas no chão do asfalto, desenhadas em lonas de barracas. Explosões silenciosas chegando e indo embora, pintando os ombros do tempo com esmaltes lunares, dando chutes no espaço, matando vontades do peito, calando céus, gaguejando a vida...

GERAÇÃO PÓLVORA

Multidões de silêncios e gritos explodem
 escrevem um verso e vão embora.
 Passo de calçada torta, veia morta, trânsito
 intensidade no silêncio, explosão calada
 espontaneidade, criatividade, vida
 voz escrita, explodida em biblhetes só de ida
 Mote pra conversa louca, fim de tarde aboiada.
 Vivo a poesia imprecisa
 Deus e o diabo num asfalto de terra
 Meninos correm descalços chutam a lua o
 horizonte é o gol
 O esmalte da lua cobre os ombros
 Matando no peito a vontade do verso
 Calam os céus de bocas de fogão e espreita a janta
 Noite adentro, vida a fora
 Da comida
 Da bebida
 Dadísmo, dá, dá tudo
 Dá, dá, isso.

Henrique, Larissa, Will, Humbertinho,
05/08/2013.

CHÃO

palavras para manoel de barros

Apetece-me des-ser-me;
 Retribuir-me a átomo.
 Cuspir castanhos grãos
 Mas gargantadentro;
 Isto seja: engolir-me para mim
 Poucoquinho a cada vez.
 Um por mais um: areios.
 Assim esculpir-me a barro
 E re-ser chão. Muito chão.
 Apetece-me chãonhe-ser-me.

Ondkaji

O que dá, dá tudo. Dá isso, dá aquilo, por dentro da noite, por fora da vida... Andarilhar chão-adentro, encontrar chão-afora, re-ser chão, chão-nhe-sendo as linhas de luz e som e forças, entre os corpos ambulantes e a cidade, em linhas de luz e som gravadas nas superfícies dos vídeos... Palavras para Manoel de Barros, para meninos descalços, para a mão no carrinho, para a sombra que descansa o sol do caminho, para a pesquisa(dora)...

Rachaduras que crescem, águas que entram, algo que vem. De cor falhada, descascada, casa de cor (des)importante, casa colorida de saudade. Trincos emergem outras aberturas, fissuras manifestam outras formas, escapamentos de carros que escapam das ruas da cidade, ventam outros ares, outros lares, formam casas singulares, outras subjetivações. Poesia abre as frestas nas janelas, ilumina falhas dos telhados, uma delicadeza como a que Juliana Pereira nos traz em seu trabalho *Cartografias Afetivas* (2015). Ao escrever sobre as relações entre afetos, produções visuais e espaços percorridos, a autora traz a arte como entrega e descoberta, como algo a ser experimentado, como um espaço aberto onde se pode deslizar, talvez arrastar linhas de fuga para outros lugares?

A Juliana nos traz a percepção de Denilson Lopes para pensar a delicadeza para além dos entendimentos comuns, “não é, portanto, só um tema, uma forma, mas uma opção ética e política, traduzida em recolhimento e desejo de descrição em um meio à saturação de informações”²¹. Arrastar a delicadeza como rasura, fissura que se abre ventando outros ares,

²¹ PEREIRA, Juliana. *Cartografias afetivas: paisagens/passagens*. 2015, p. 52.

que não os mesmos sentidos impregnados, cansados de tanta sapiência, tanto saber, tanto controle. Delicadeza como verbo: *delicar* os dias, os contatos, construir dobras, curvas nos modos de pensar.

Um texto sugerido pela orientadora, não em indicações para a pesquisa, mas como leitura durante reunião do TRACE²², do qual fazemos parte, indica um funcionamento potente que (talvez) torne possível identificar as expressões da produção subjetiva dos trabalhadores e trabalhadoras ambulantes e informais na relação com a cidade, dando a ver outros entendimentos, outras cidades, outras feiras, outras paisagens, outros pensamentos. (Des)conhecidas, estão vivas por dentro, provocadas e construídas em oscilações, no entre do dentro, do fora e das fugas do pensamento. Outro conceito se estica nas linhas da pesquisa.

As ideias de Deleuze para o funcionamento dos dispositivos foucaultianos são instigadas no texto “O que é um dispositivo?” e arrastadas junto aos dados produzidos até esse primeiro momento, primeiro ponto, primeira parada na construção do caminhar cartográfico. Um mapa de sensações e afetos e delírios rasurando os entendimentos previamente elaborados do que são as cidades e os corpos que a habitam. Ou as cidades que habitam os corpos.

Para Deleuze o dispositivo é “um conjunto multilinear”²³, linhas que não se formam em torno de si mesmas, nem rodeando sistemas, mas que atravessam em múltiplas direções, “traçam processos sempre em desequilíbrio”²⁴, em um campo, em outro campo, e outro e outro, “bifurcante e forquilhada, submetida a derivações”²⁵.

Deleuze destaca que os dispositivos relacionam os campos de Saber, Poder e Subjetividade de maneira fluida, em “linhas de sedimentação, diz Foucault, mas também linhas de “fissura”, de “fratura”²⁶. Compostas por regimes de visibilidade, regimes de luz que dá forma, que desenha as coisas do mundo e regimes de enunciação, que são os conceitos, as normas, as palavras que tentam definir o que vê e o que se pensa sobre o que se vê. Os regimes de luz e enunciação são atravessados por linhas de fuga, linhas de variabilidade que permitem alterações, diversificações do visível e (in)visível, do saber e do poder.

Talvez o que Deleuze deseja não é definir o dispositivo, mas apontar que essas relações se dão em funcionamento. Uma definição seria como definir limites para a produção subjetiva. Mas o dispositivo não tem limites, mas limiares. Intensidades mínimas de um estímulo que produz respostas. Atravessando os dados produzidos durante o caminhar dessa pesquisa, tento

²² Grupo de pesquisa Trajetórias, Culturas e Educação (TRACE), vinculado ao Departamento de Educação, Uefs.

²³ DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. 2016, p. 359.

²⁴ DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. 2016, p. 359.

²⁵ DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. 2016, p. 359.

²⁶ DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. 2016, p. 360.

apresentar a vida do conceito junto às falas e expressões dos trabalhadores e trabalhadoras ambulantes.

2.1. Ponto de Paragem: *coração descascado não perde a essência*²⁷

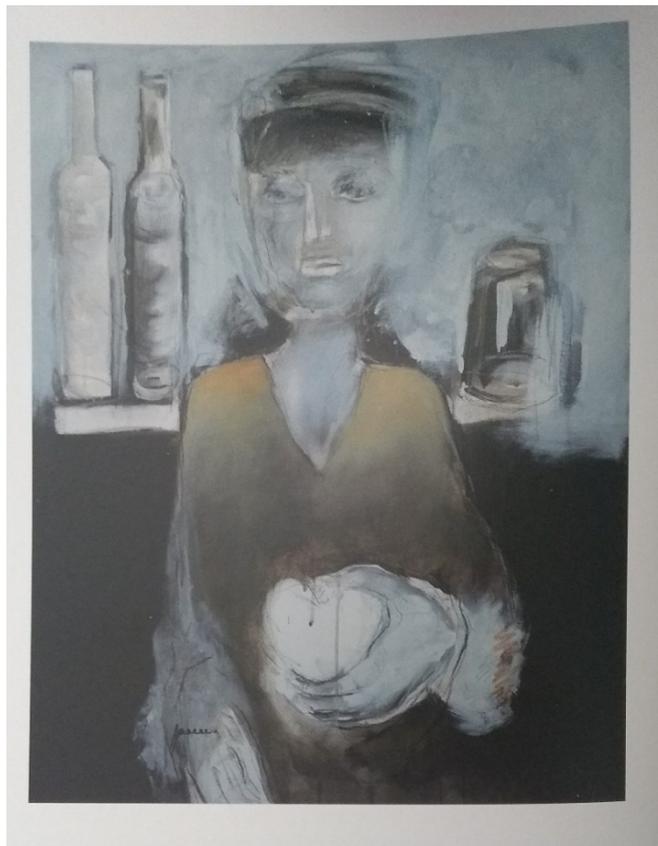


Figura 1 - *coração descascado não perde a essência*, 2017.
Acrílico, grafite e pastel seco sobre tela de algodão. 90 x 70 cm

Irene Gomes

Assim como o caminhar de um nômade, feito de pontos, paradas, temos aqui nossa primeira paragem, como dizem os portugueses, para ponto de ônibus, trem, metrô. Aqui nesse caminhar cartográfico, um intervalo errante, incerto, nômade acontece entre o início da produção de dados e o exame de qualificação, realizado em julho de 2017.

O texto, na ocasião da qualificação, apresentou dois agentes da pesquisa: Senhor Tarcísio, vendedor de caldo de cana e Val, carroceiro, prestador de serviços. Um vídeo, dirigido por eles, editado por mim, foi outra composição utilizada para remexer, turbilhonar os caminhos da pesquisa.

As contribuições da banca de qualificação foram valiosas e embaralhou ainda mais as ideias, (des)possibilitando outros caminhos, apontavam múltiplas direções, outros questionamentos sobre como produzir os dados, como identificar as expressões da produção subjetiva nos entrelaçamentos entre trabalhadores e trabalhadoras ambulantes e informais e rebeldes, corpos perfurantes na/da cidade.

²⁷ Exposição “sobre o branco das águas”, de Irene Gomes, Moinho de Papel, Leiria, Portugal, 2017.

Continuar na investida de entrevistas reviradas como forma de fazer explodir expressões, e vídeos gravados nos trajetos como possibilidade de provocar outras experiências e entendimentos sobre o espaço da cidade ou buscar outros movimentos para arrastar as expressões junto com os agentes da pesquisa, na tentativa de dar a ver outras cidades, outros entendimentos do espaço, outras educações da/na vida?

Saí da sala embaraçada. Pontos de interrogação se proliferavam no meu pensar. Minha única afirmativa era a importância de continuar caminhando em outros encontros. Permitir que o fora me apresentasse indicativos de possibilidades potentes e criadoras e criativas, maneiras de arrastar a produção subjetiva e seus territórios (re)territorializantes (des)territorializados.

Antes de partir para o segundo momento da pesquisa, fiz outra parada. Outra leitura do texto apresentado no exame de qualificação, outro passar de olhos no vídeo produzido. Seguir em frente, indo para longe, onde o pensamento faz a curva, onde o corpo rasura, questiona, reclama e sorri.

Entre agosto de 2017 e janeiro de 2018 outros contatos e outros caminhos se fazem. Mudei a trilha, decidi passar por alguns lugares que ainda não havia caminhado, mais atenta às expressões, remexendo as leituras realizadas até ali, os apontamentos do exame de qualificação, conversas de orientação, contatos a (des)orientar os caminhos. Primeiro a Praça do Lambe-Lambe (vulgo Praça Bernadino Bahia), seguindo pela Rua Sales Barbosa, calçadas da Rua Marechal Deodoro, praça da Avenida Getúlio Vargas, Praça Dois de Julho, Centro de Abastecimento. Talvez, uma imagem do mapa da cidade, utilizado durante a produção da pesquisa, possa instigar a imaginação do leitor/leitora sobre os acontecimentos, encontros curiosos no tecimento do caminhar cartográfico em linhas de sensações, linhas de som, linhas de luz, cheiros, passos, embaraços. Amassos por entre ruas, carros, ambulâncias, sirenes, gritos, giros, des-a-fios...

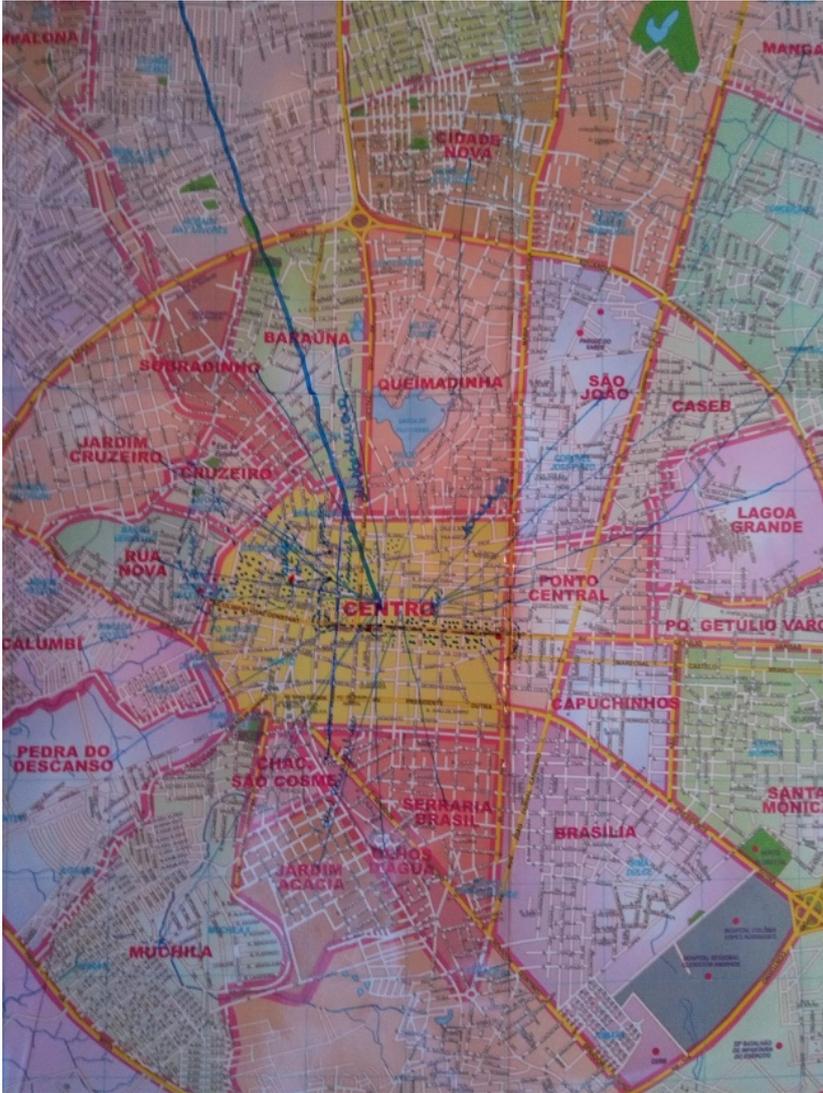


Figura 1 - imagem do mapa físico utilizado na pesquisa, riscando e marcando lugares durante as perambulações.

(Des)obediente e (in)quieta, não espero muito e quase nunca peço permissão. Traços que se misturam nas linhas de desenvolvimento da pesquisa. O movimento na rua, dos corpos é muitas vezes interrompido para um deslizar no meu *feed* da rede social Instagram. Sigo muitas páginas que produzem e/ou compartilham poesias, desenhos, artes. Muitos dos desenhos, imagens. São 612 *pixels* de luz e som, na superfície escorregadia e brilhante do *smartphone*. Muitos provocam os pensamentos, outros rasuram entendimentos. Esse segundo momento da pesquisa acontece em movimento com corpos e câmera e mapa físico da cidade e prancheta e tênis e mochila e crachá e diário de viagem e perfurações instagrânicas²⁸ e perguntas e perguntas e perguntas... Muitas leituras, feitas em tempos outros retornam, enlouquecem o pensamento.

²⁸Tomo aqui a ousadia de roubar uma invenção de palavra da orientadora dessa pesquisa. Por vezes, em conversas informais, ela se refere aos recursos instagrânicos, talvez até como maneira de brincar com o nome, a palavra que tenta definir. Acontece que o sufixo latino *-ico* pode exprimir a ideia de semelhança, presença. Sendo assim, a palavra *instagrânicas* entra na pesquisa para se referir à presença desse ambiente virtual, farto de informação, no caminhar cartográfico para pensar os corpos e as cidades.

Vou e volto e vou e volto e escapo e vou e volto e... Fuga para longe de mim, a tentativa de sair de si para outros encontros. Pensamento nômade, “vida nômade, estadia sem lugar”²⁹.

Dos meus passos não sei nem um terço, se eu sei me perco e amanheço. Em cada acorde, em cada verso, anoiteço, vou à ponta da estrela e volto em notas que explodem no piano, na brisa que bate leve, no pingo d’água que cai do céu, no passo errante de um caminho sem destino, caminho de encontros, sinfonias que se compõem no acaso, no ponto, na luz do fim da tarde, na janela com grades, na roda que marca sem rastro o asfalto. Intensidades escritas no cotidiano. Nos dias de caminhada, nos passos da estrada.

O período de agosto e novembro de 2017 foi marcado por encontros apressados, pontos de variabilidade, intervalos no acaso, acontecimentos. Percorri a cidade para sentir o seu movimento, seu clima, sua construção, suas intensidades, os traços do plano comum. E o que era “seu”, foi sendo atravessado pelo “nosso” movimento, clima, construção, intensidades. Conversava com ambulantes e camelôs sobre as relações com a cidade, indicativos do objeto da pesquisa, mas isso não se dava de maneira centralizada. Não era do ponto A para o ponto B ou C, mas um entre. Percebia as conversas atenta ao que poderia se apresentar no caminho entre A e B e C e..., um perambular no intervalo para provocar os encontros e tecer caminhos.

No primeiro ponto do roteiro, a Praça do Lambe-Lambe (ou Bernadino Bahia), localizada na Avenida Senhor dos Passos, encontro grupos de fotógrafos estabelecidos na praça entre as décadas de 1960 e 1980³⁰, período que foram institucionalizados pelo Estado, cadastrados e autorizados a permanecer na praça. Barracas de madeira que funcionam como estúdio de fotografia e entendidos como patrimônio histórico da cidade.

Logo em frente, há um ponto de ônibus lotado de pessoas. Um dos pontos “de centro”³¹ da organização da cidade, próximo às avenidas mais movimentadas, onde o comércio de produtos e serviços acontece com mais intensidade. Além de abrigar os fotógrafos de rua, o contorno da praça é ocupado por carros de mão, barracas, lonas e tapetes estendidos no chão, hastes penduradas nas grades, nos ombros, produtos pendurados pelo corpo ou sendo a própria grade da praça, um expositor.

No chapéu, nos dedos das mãos, no pescoço. Vale de tudo para mostrar seus produtos. Não autorizados, não permitidos pelas ordens de organização do espaço urbano, são invasores, atrapalham o movimento dos pedestres, utilizam o espaço público como meio de renda e, ao

²⁹ LINS, Daniel Soares. Nietzsche: vida nômade – estadia sem lugar. 2014, p. 139.

³⁰ GAMA, Kalila Catharine Oliveira. De que povo é a praça? Lambe-lambes, estúdios e urbanizações em Feira de Santana (1960-200). 2015, p. 4.

³¹ Utilizo a expressão “de centro” aos pontos que se referem à centralidade da cidade em relação ao desenvolvimento do seu comércio, ou onde as trocas comerciais são mais intensas.

mesmo tempo, constroem um campo de forças do cotidiano, desenvolvem modos de viver e caminhar junto com a cidade.

A pesquisa mergulha no caminhar. Com a máquina fotográfica em mãos tento atrair a máquina de guerra como um instrumento para turbilhonar a expressão da pesquisa nas ruas, entre vendedorxs ambulantes e informais na/da cidade. Para alguns a máquina fotográfica parece assustadora. Se eu tento me aproximar, a expressão de desgosto é notável. Alguns se abrem curiosos e perguntam do que se trata. Outros desconfiam, pedem para não aparecer, mas sem recusar um bom papo.

A variabilidade dos desejos dos corpos, agentes da pesquisa, se desenha antes da troca de palavras e sugere a complexidade do objeto a ser estudado, que não está preso aos corpos, nem à cidade, mas se fazem em conjunto, nas intensidades dos movimentos, no entre meio da ordem e da (des)obediência. Pequenas expressões como desviar de olhos, o esquivar do corpo, o sorriso de canto, se elxs abrem os braços para a câmera, se abaixam o boné para esconder o rosto, se cutucam x vendedx ambulante ao lado para avisar que tem uma câmera perambulando por ali, são todas expressões de relação com a informalidade, o nomadismo, a pesquisa(dora), os corpos, a cidade.

Gama (2015) fala especificamente da estabilização dos fotógrafos de lambe-lambe na praça Bernadino Bahia e versa muito sobre as propostas do Estado em termos de organização urbana. O prefeito da época, entre 1971 e 1973, descreve o momento de organização urbana da cidade como divergente “pelos problemas de relação do executivo local com o governo estadual e pelas articulações com os deputados federais para fornecimento de subsídios para os projetos”³². No estudo não há relato sobre uma proposta que discuta com os ocupantes do espaço os termos desse processo de organização, todos os requisitos e critérios são discutidos em altas instâncias do poder regulador, castrador e controlador do Estado, anulando a participação dos agentes do espaço. Segundo Gama (2015), o que não foi “organizado” é uma questão de falta de recursos dos poderes estabelecidos, de entraves nas discussões que eles travam entre eles mesmos, no entanto questiono como organizar um espaço público sem atravessar os campos pelos pontos de vista dos que vivem a cidade cotidianamente.

As perspectivas de estriamento do espaço público pelo Estado e a movimentação dos corpos e suas expressões, ao notarem a pesquisa(dora) perambulando os espaços, nos acompanham no desenho cartográfico que tenta dar a ver os territórios subjetivos construídos pelos vendedorxs ambulantes e informais na/da cidade. São linhas que desenharam o plano

³² GAMA, Kalila Catharine Oliveira. **De que povo é a praça? Lambe-lambes, estúdios e urbanizações em Feira de Santana (1960-200)**. 2015, p. 5.

comum, tão preci(o)so na formação da pesquisa cartográfica. Xs vendedorxs ambulantes e os caminhos são percebidos em subjetividade, onde todo comportamento, reação, escolha, perspectiva, movimento são atrave(r)sados pela produção de pensamento. São máquina de guerra, (des)obedientes do Estado.

Enquanto converso com umx e outrx, uma música soa na barraca que vende CDs e *pen drives* pirateados: “*Sou camelô, sou do mercado informal, com minha guia sou profissional*”³³. O autor da canção, Edson Gomes³⁴, é um artista muito conhecido localmente. Durante a pesquisa, ao caminhar pelas ruas, todos os dias, muitos e variados pontos tocam suas canções. Enquanto conversava com Sr. Daniel, vendedor de relógios no calçadão da Rua Sales Barbosa, ele apontou para a canção e comentou:

- Você só precisa de dinheiro para fazer mais dinheiro. Compra a mercadoria, vende e fica tudo lindo.

Encerrou com uma gargalhada, como quem sabe resolver todas as situações.

Entre a Praça do Lambe-Lambe, a Rua Sales Barbosa, Rua Marechal Deodoro e Avenida Getúlio Vargas o itinerário se realiza sem um paradeiro. Não visito diariamente um determinado agente, nem acompanho os seus passos de ambulante. A pesquisa, ela mesma, quer ser ambulante, nômade. As conversas se iniciam aleatoriamente, sobre a cidade, sobre o bairro onde mora, sobre a casa onde vive, sobre seu trabalho, sobre as relações que se constituem, afirma e fortalece essa relação dos corpos na/da cidade, em um exercício do método cartográfico como “experimentação no plano coletivo, construção do comum, experimentação pública”³⁵. Para esse investimento era preci(o)so deixar de ser uma estranha entre eles. Não um disfarce, tentando me passar por um deles, nem uma surpresa inesperada, nem uma amiga, mas que a presença da pesquisa estivesse entre os elementos comuns do espaço, transversalidades. A linha entre uns e outros e vários se dá em transversalidades, de maneira oblíqua. Passa por um referente e cruza e atravessa e vai e vai e...

Por muitos dias caminhei no mesmo trajeto. Desde a Praça do Lambe-lambe até as calçadas da Avenida Getúlio Vargas. As conversas eram quase com as mesmas pessoas, mas nem sempre. Escutei muitas histórias, assisti muitas relações, muitos conflitos, desatinos, paixões. Os sentimentos pulsavam nas relações. A cidade era o grande campo e com ela as sensações explodiam, entre as coisas, entre as pessoas, entre a cidade.

³³ Edson Gomes. **Música Camelô**. Álbum Apocalipse. Gravadora EMI, 1997.

³⁴ Edson Gomes é cantor e compositor de reggae baiano, nascido na cidade de Cachoeira, em 3 de Julho de 1955.

³⁵ KASTRUF, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pista do comum: cartografar é traçar um plano comum**. 2014, p. 26.

O que marca os pontos de observação desse caminhar cartográfico é a participação dos agentes da máquina de guerra. Eles arrastam as linhas de subjetivação produzindo as expressões da produção subjetiva do objeto da pesquisa. Uma construção em conjunto, pesquisa em movimento, roteiro escolhido pelo pesquisador, direção dos agentes, corpos ambulantes pulsantes na/da cidade. “O comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos”³⁶.

As conversas não são previamente pensadas, as perguntas não estão prontas. Elas se fazem no decorrer dos assuntos que vão se (des)dobrando. Desde o “Bom dia! Tudo bem?” até o “Vou indo. Até mais!”. Esticar o pensamento para trazer até a superfície os indicativos dos territórios subjetivos dos corpos e, ao investir em perguntas, não escutava respostas, encontrava mais questionamentos sobre o que era pesquisa, o que ela queria com os vendedorxs ambulantes e informais, onde nasceu a pesquisadora, onde estudou, qual interesse da universidade sobre sua vida. Deixei-me levar por entrevistas vagabundas, sendo mais entrevistada que entrevistando. Senti que a presença da pesquisa, da câmera fotográfica, do mapa da cidade e da prancheta de dados provocava um (des)alinhamento no andamento dos movimentos desses agentes, como uma perfuração no cotidiano.

Permitir a fala, arrastar a expressão. Campo aberto de experiência que se faz em um caminhar variante, fluido, de pequenos contatos, em diálogos triviais e perfurações sutis na pesquisa cartográfica. Linhas que se esticam elaborando o desenho de plano comum, de um mapa dos territórios subjetivos construídos por vendedorxs ambulantes e informais na/da cidade. Nesse momento já não sabia como utilizar as entrevistas reviradas, as imagens (des)enquadradas, as falas captadas, os dados que estavam se produzindo. As falas, as expressões, as imagens. Continuar na perspectiva de produção de vídeo? Haveria uma edição de imagens que tentasse (ex)pulsar as expressões da produção subjetiva dos agentes? Nem todas as conversas foram gravadas, muitos rostos se recusavam em aparecer. Parei para pensar nesses fluxos em andamento com o movimento da pesquisa.

No período entre agosto e novembro de 2017 a pesquisa define, como instrumento de produção de dados, entrevistas de modelo cartográfico ou “manejo cartográfico da entrevista”³⁷, uma maneira de acessar a experiência de vida em processo, aberta a questionamentos não previamente pensados. A entrevista cartográfica se realiza em processos, acompanha o

³⁶ KASTRUF, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pista do comum: cartografar é traçar um plano comum**. 2014, p. 21.

³⁷ TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. 2014, p. 93.

movimento, provoca mudanças, acontece no campo coletivo. Ela é utilizada como “construção e acesso ao plano compartilhado de experiências”³⁸.

A entrevista cartográfica é ampla, aberta. Troca informação ao mesmo tempo que acessa a experiência de vida e a experiência em processo. Conecta dois planos da experiência: a experiência de vida e a experiência ontológica.

[...] o primeiro plano refere-se ao que usualmente chamamos “experiências de vida”, que advém da reflexão do sujeito sobre as suas vivências e inclui seus relatos sobre histórias de vida, ou seja, o narrado de suas emoções, motivações e tudo aquilo que o sujeito pode representar como conteúdo vivido. Já a experiência pré-refletida ou ontológica refere-se à processualidade, ao plano da coemergência, plano comum, coletivo de forças, do qual advém todos os conteúdos representacionais.³⁹

As entrevistas cartográficas não excluem a utilização de outros dispositivos de investigação, sendo assim, todo o conjunto (câmera fotográfica, prancheta de dados e mapa físico) utilizado durante as andanças da cidade se tornam instrumentos produtores de pensamentos e fissuras no processo de investigação dos territórios subjetivos dos trabalhadores e trabalhadoras ambulantes e informais na/da cidade.

Ao definir o instrumento de produção de dados tento pensar em algo físico que possa identificar a pesquisa antecipadamente, como um crachá. Essa estratégia foi uma maneira de evitar o medo dos agentes da pesquisa. O trabalho informal é marcado pelas fiscalizações do Estado que exige nota fiscal, CNPJ, cadastro na junta comercial, pagamento de impostos. Durante as fiscalizações eles apreendem a mercadoria e causam um desabamento na vida dx vendedorx ambulante. Muitos associavam a câmera fotográfica e a prancheta como instrumentos de fiscalização do Estado.

Outra característica do espaço durante o caminhar da pesquisa é o momento de organização urbana que a cidade vem atravessando desde 2015, proposta do atual governo municipal⁴⁰. A proposta de construção do Shopping Popular⁴¹ e as diversas obras de ampliação das vias urbanas da cidade revira o movimento dos vendedorxs ambulantes e informais. Muitas ruas tiveram seu fluxo de pedestres fechados, deixando as calçadas em deserto, emperrando

³⁸ TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. 2014, p. 93.

³⁹ TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. 2014, p. 95.

⁴⁰ O representante do poder executivo eleito em 2017 foi José Ronaldo de Carvalho, do partido DEM. Eleito também nos períodos de 2001-2008; 2013-2016 e no mandato atual, em 2017, atualmente afastado para concorrer ao governo do estado, sendo substituído pelo vice-prefeito da chapa, Colbert Martins.

⁴¹ Projeto do poder executivo de organização e ampliação do espaço onde funciona o Centro de Abastecimento, local onde se concentram vendedorxs ambulantes e informais, tanto para a venda de produtos quanto para distribuição. O projeto está descrito em uma matéria do site Acorda Cidade. Disponível no link: < <https://www.acordacidade.com.br/noticias/186681/shopping-popular-de-feira-de-santana-tera-espaco-para-eventos-creche-e-estacionamento-gratuito.html>> . Acesso em: 20/01/2018.

suas passagens. Com menos espaço para vender seus produtos, os pontos em funcionamento acumularam o volume de vendedorxs ambulantes e informais. A fiscalização se intensifica, com arrastões e apreensões diárias de mercadorias. Com a máquina fotográfica e a prancheta sou muitas vezes questionada se faço parte do projeto do Shopping Popular, se estou cadastrando pessoas para concorrer a um espaço no futuro centro de compras.

Como maneira de apresentar a pesquisa(dora) antecipadamente desenho um crachá com a marca da UEFS e da FAPESB, me identificando como “Pesquisador@ Ambulante”. Eles param para ler, perguntam o que é uma pesquisa ambulante, perguntam se estou fazendo o cadastramento para o Shopping Popular. O crachá como dispositivo configura identificação, segurança, mas não impede o pensamento que se arrasta para o processo de organização urbana. Todos estão muito preocupados e apreensivos com uma possível chegada repentina da fiscalização que pode tomar seus produtos, além de também temerem não conseguir um espaço no novo empreendimento da cidade.

Entre novembro de 2017 e janeiro de 2018, depois de definir que os limiares do instrumento de produção de dados seriam os diálogos, as imagens, o acompanhamento das expressões, a máquina fotográfica, a prancheta, o mapa físico da cidade, o crachá como dispositivos que iriam colaborar com o andamento da pesquisa, alguns agentes se destacaram. Uma família vendedora de verduras na Praça dois de Julho, sendo o casal Palavra⁴² e Trabalho e seus três filhos, Sonho, Força e Trabalho Filho; Sorriso, Aperto e Silêncio, vendedorxs de pimentas no Centro de Abastecimento; e Desconfio, vendedora de hortaliças no Centro de Abastecimento.

Ao todo foram selecionadas quatro visitas para cada um dos agentes. São linhas complexas de explicar. O funcionamento de um família em torno da sua atividade é atravessa(r)sada por relações em toda a praça, que é também ponto de ônibus para um dos distritos da cidade, Bonfim de Feira. Os momentos são marcados por outros trabalhadores e trabalhadoras, visitantes, primos, sobrinhos, fregueses. Entre as entrevistas, todas essas relações participam da construção do campo de forças da produção subjetiva dos agentes. No Centro de Abastecimento não é diferente. As barracas de Sorriso, Aperto, Silêncio e Desconfio são vizinhas e com eles arrastam múltiplas pessoas, variadas relações. Uma construção em conjunto com a cidade, os corpos e suas forças invisíveis, tensionamentos da máquina de guerra que (des)obedece as ordens do Estado e nesse arrastar produzem um modo de vida marginal e

⁴² Os nomes dos agentes envolvidos na pesquisa foram alterados para preservação da identificação por registro social.

rasteiro e belo e intenso e... Outros entendimentos para os espaços, indicativos de outras cidades, outros desenhos, outros mapas.

2.2 Segunda Paragem: vô creditá na palavra de vosmicê!⁴³



*“a máquina de guerra revela-se por toda parte, mas continua sendo difícil de pensar”
(Deleuze e Guattari)*

O caminho do nômade é marcado por paradas, por pontos de encontro, não pontos de chegada. Não há um destino, há trajetos, se (re)territorializa em (des)territorialização, seu território se forma em velocidades. Assim como o nomadismo da máquina de guerra, essa

⁴³ FRANCO, Marcos. **Sant’Anna da Feira, Terra de Lucas**. Ilustrações de Hécio Rogério. Feira de Santana, 2012, p.55.

produção científica está marcada por pontos, paradas que operam uma máquina do pensar. Pensamento nômade, ciência nômade, cidades e corpos nômades, vendedorxs ambulantes e(m) subjetivações.

A primeira parada desse desenho cartográfico acontece entre setembro de 2016 e março de 2017, onde os primeiros dados produzidos foram analisados e apresentados para o exame de qualificação, em julho de 2017. O instrumento de produção de dados, nesse ponto, se inspira em um relato de experiência entre a Cia. Teatral Ueinzz e a artista Alejandra Riera, apresentada por Peter Pal Pelbart (2009) no texto “Imagens do (nosso) tempo”. A proposta revira o entendimento comum de entrevistas e produção de vídeo, provoca outros pensamentos sobre o desenvolvimento de uma metodologia atrave(r)sada por vídeos (des)focados e (des)enquadrados da cidade, em conjunto com entrevistas reviradas.

Durante a preparação para o exame de qualificação produzimos (a pesquisa(dora) e(m) encontros com xs agentes da pesquisa, vendedorxs ambulantes e informais da cidade) um vídeo com imagens distorcidas e misturadas e (des)enquadradas da cidade, junto com falas do Senhor Tarcísio, vendedor de caldo de cana, que em suas expressões nos encanta ao falar da cidade e dos seus fluxos e das suas relações e dos seus afetos, constituídos e desenvolvidos em movimento com o cotidiano, com a energia do lugar, do seu lar subjetivo, a casa (in)visível que construiu em sua vivência com a cidade. O vídeo foi disponibilizado no canal do Youtube e xs leitores/leitoras componentes da banca foram convidadxs a vê-lo, não como uma produção cinematográfica, mas como afetamento, como demonstrativo do caminhar e tecer e agir da cidade e dos seus corpos.

A produção desse vídeo tenta dar a ver um caminho percorrido até o encontro com os agentes da pesquisa. Apresenta as falas que apontam para os funcionamentos da produção subjetiva dos corpos ambulantes e cidades, expressa seus territórios, seus agenciamentos, investimentos, negociações, a construção dos seus lares subjetivos. Naquele ponto da escrita, o investimento era trazer pistas desse funcionamento, propondo uma possível análise para apresentar a hipótese da pesquisa. Uma escrita em linhas de luz e som, como motor de pensamento para os trânsitos subjetivos dos vendedorxs ambulantes da cidade, pistas de outras cidades que não as já conhecidas, já marcadas, limitadas, institucionalizadas.

Assim como as ambulâncias tentam liberar o tráfego dos carros a sua frente pelas ruas da cidade, os conceitos esticam, empurram, movimentam as linhas de subjetividade para direções diversas. Inicialmente, ver e (re)ver os vídeos, escutar e (re)escutar as falas, que se (des)dobravam em falas triviais, comuns, reprodutivas, mas não menos potentes em expressar as linhas de

subjetividade que vão formando, compondo, tecendo os territórios construídos nas relações entre corpos e cidades.

A máquina de guerra é a força subjetiva que opera perfurações nas homogeneizações das cidades, nas investidas de ordem e governo do aparelho do Estado. Onde houver aparelhos investidos em capturas, em fixitudes, haverá máquina de guerra operando perfurações. Não são exércitos, são grupos que, expulsos hoje, retornam amanhã. Não formam trincheiras, se espalham (des)ordenadamente pelo espaço, inventam estratégias muito particulares. Para perceber a máquina de guerra, tão difícil de pensar, é preciso observar forças que (des)obedecem os ordenamentos, não quer dizer que sairemos na rua a encontrar pessoas com pinturas de guerra, dando gritos de guerra, levantando suas armas contra um inimigo no *front*. É uma força agindo no quase invisível, operando por dentro, percebida quando vamos perfurando, fraturando camadas em atravessamentos (sub)terrâneos.

O processo de construção da produção em vídeo, ver e rever as falas, as expressões, as cenas contribuiu com o arrastar dos pensamentos conceituais-epistemológicos que ampliam o caminhar dxs vendedorxs ambulantes como máquina de guerra da cidade, força (des)obediente e perfurante dos ordenamentos do estado. Durante o período de gravações em vídeo essa movimentação, esse deslocamento, um nomadismo de pensamento se apresentava, se desenhava em falas e cenas.

Segundo Deleuze e Guattari (2012), a máquina de guerra funciona em três aspectos: espacial-geográfico, aritmético ou algébrico e afectivo. Fumando um cigarro na esquina da feirinha, trago o aspecto espacial-geográfico para pensar a distribuição do corpo ambulante no espaço da cidade. Para os autores, o princípio do nômade é o trajeto, “até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los”⁴⁴. A barraca de lona, o carro de mão, o veludo de pendurar colares, cesta amarrada na bicicleta, mesa desmontável, rede de baiano e licuri pendurados nos ombros, carroça de madeira que o cavalo puxa, que o jegue puxa, que o burro arrasta. Pelos acostamentos, pelas beiradas, pelos atalhos, pelos becos... O trajeto não tenta uma distribuição definida, um espaço fechado, dividido e marcado, mas funciona de maneira desordenada, um espaço aberto, sem cerca, sem limites. Esse espaço fechado, estriado, opera nos modelos sedentários. Para o nômade o espaço é liso, eles deslizam, escorregam.

No caos das ruas, cidades e corpos ex-p(1)odem espaços e ordens. Movem, cruas e fluídas e(m) corpos berrantes, perambulantes, andantes, ardentes, potentes, perfurantes. Desviam olhos, provocam olhares, atra-versam passos, tropeçam espaços, formam laços. Forças que

⁴⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 53.

apertam, despertam os apagamentos, as invisibilidades. Corpos gritam, vivos ocupam superfícies, vivem, insistem, existem, resistem, guerreiam.

O nômade não se move, mas opera em velocidade, “o movimento é extensivo, a velocidade, intensiva”⁴⁵. O movimento caracteriza a passagem de um ponto a outro, enquanto os corpos que operam em velocidade invadem espaços de maneira deslizante, escorregadia, lisa, como um furacão, em desordem e rebuliço. Podem se manifestar em qualquer lugar.

Xs trabalhadorxs ambulantes se proliferam pelas ruas da cidade. Não podem ficar aqui e vão para ali. O carro buzina, ele atravessa a rua, reclama, segue para outro lugar, senta, encosta, continua a caminhar. A fiscalização aparece, elxs correm, seguem para a próxima praça, ou para o próximo ponto de ônibus, ou para outro semáforo. Vão girando, estão por todos os lugares, nas frestas, nos buracos, nas brechas, giram rapidamente de maneira fluida, “o movimento turbilhonar ou giratório pertence essencialmente à sua máquina de guerra”⁴⁶. Com suas maquinações guerreiras vão perfurando os investimentos da captura, suas tentativas de controle da exterioridade, extravasando seus aparelhos com sua fluidez, com sua maneira de turbilhonar o espaço como se ele fosse liso, aberto. A indisciplina de ocupar ruas, praças, calçadas, esquinas, tomando os interstícios, fazendo funcionar outros entendimentos do espaço urbano, outras lógicas de formação dos territórios subjetivos.

Essa primeira parada da pesquisa é marcada por um trabalhador ambulante que se surpreende com a perspectiva da investigação e “solta o verbo” a expressar sua vida e seus pensamentos sobre caminhos, lares, ruas e cidades. Senhor Falario, vendedor de caldo de cana na calçada da Rua Conselheiro Franco gosta de papear, se abre em palavras e roteiros. A pesquisa caminha.

⁴⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 55

⁴⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 57

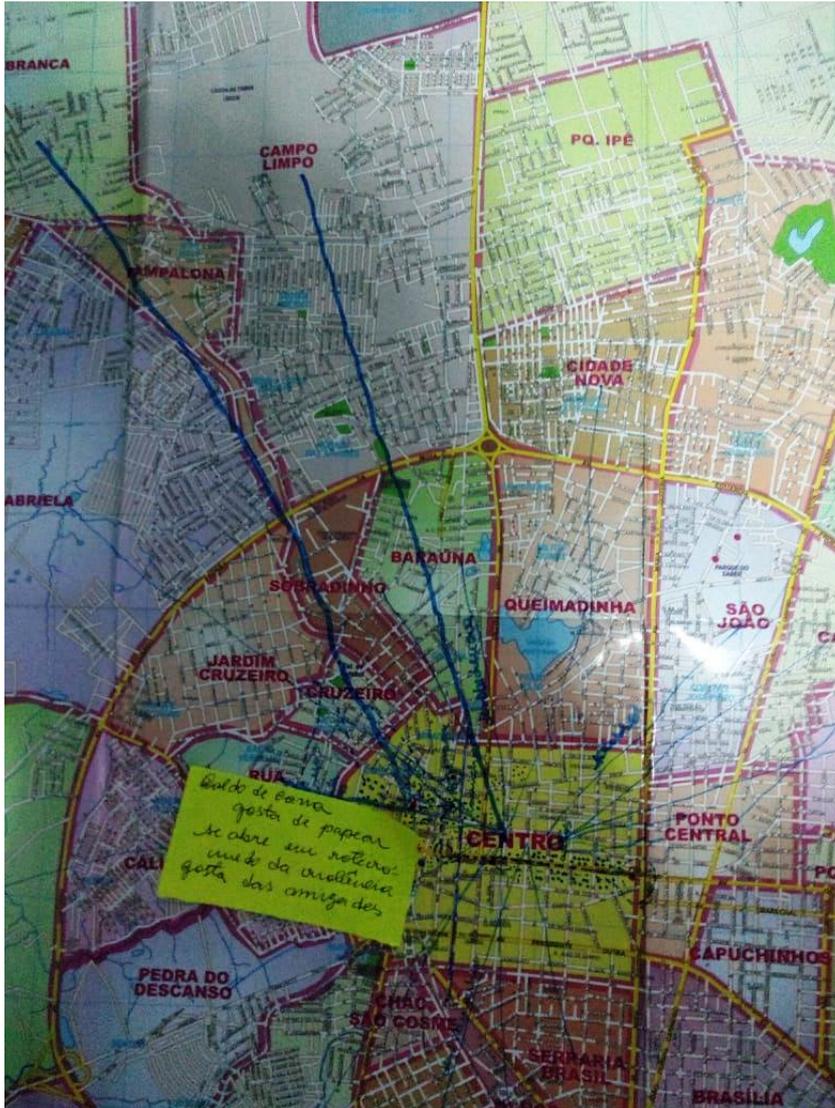


Figura 2 - imagem do mapa que marca o ponto de encontro com o Senhor Tarcísio, na Rua Conselheiro Franco.

Parei para tomar o caldo-de-cana e fui presentada pelo desejo do **Senhor Falario em expressar o que pensa da cidade**. Agora, já não era eu quem tentava captar a produção subjetiva dos corpos e cidades, mas ele, corpo ambulante que queria dizer como a cidade ia se movimentando por dentro de si, dando a ver seu chãonhe-sendo.⁴⁷

- Feira de Santana é uma cidade boa. Cidade boa. É boa para ganhar dinheiro. Se você trabalhar, você ganha. O que eu gosto mais é a amizade do povo. Ah, eu tenho muita amizade aqui, graças a Deus, tenho muita amizade... Eu já conheço desde criança.

Senhor Falario vende caldo de cana em frente a uma agência do Bradesco, próximo à igreja matriz da cidade, que fica no centro. Diariamente arma sua barraca naquele ponto há 12 anos. Nasceu na região de Feira de Santana e trabalha nesse centro "desde sempre". Inventei

⁴⁷ Poema **CHÃO** - palavras para Manoel de Barros, de autoria de Ondkaji.

para ele um nome Safílio que veio de sensações despertadas em suas falas e expressões, marcadas por impressões de esperteza, da agilidade de quem quer se safar, de que, quase com uma Safo, poetiza e enrola tempo, escapa nas brechas, inventando estratégias de fuga. O que mais quer é fazer amizade, "fugir das tretas", evitar o assalto e ganhar dinheiro. Vai deslocando o tempo, sabe tudo que vai acontecer, a semana inteira, turbilhonando passando-presente-futuro em um agora que não é como antes, mas que é. Um antes que é pior que agora, mas que é como agora também.

- É rapaz, aqui antigamente era pior, pior tudo, antigamente aqui só se ouvia dizer "pega ladrão", e hoje não existe mais isso. Há roubo né, tem a violência, mas se o cara vacilar também.

Senhor Falario parece à vontade e fala sobre como se articula por ali, no seu ponto de venda, faz mais de 12 anos. Uma sombra insistente passeava pelas falas. Havia sempre um ladrão, a possibilidade de ser roubado, contava maneiras de escapar do roubo, como evitá-lo, como o ladrão rouba. Apesar de ser recorrente essa sensação de insegurança rondar as falas, esse ponto me chamou atenção hoje. Em meio aos conceitos que venho tentando arrastar nessas entrevistas, maquinações sobre a presença dessa violência como algo latente, prestes a acontecer, que vem de qualquer lugar, uma sensação onipresente, que percorre, atrave(r)sa todo o ambiente. No percorrer da pesquisa essa sensação aparece em muitos vendedorxs. A câmera fotográfica em mãos desperta sempre o aviso "cuidado que é perigoso". Por hora, guardo essa linha afectiva para mais à frente do caminho, visto que ela retorna nas falas de outros participantes da pesquisa.

Nesse processo de provocar perguntas e respostas, falas dos corpos ambulantes na/da cidade, supus que algo mais físico, como um mapa impresso, poderia funcionar como um dispositivo disparador de sensações sobre o lugar, sobre a divisão espacial, sobre o nome dos lugares, sobre os trajetos. Um mapa bem detalhado, descritivo, dimensões entre visibilidades, palavras, linhas de forças. Fui surpreendida ao pedir informação a um vendedor de seriguelas...

Voltei para o centro da cidade procurando ruas. Tentava me localizar, como se estivesse perdida. Peço ajuda a um rapaz que vende seriguela na beira da faixa de pedestre. Pergunto onde fica a Praça Chico Mendes. Ele faz cara de estranheza.

- A senhora não é daqui não, é?
- Sim, eu sou.
- Eu nunca ouvi falar dessa praça. E olhe que nasci aqui.
- Eu também nasci aqui, mas não sei onde fica.
- Assim, de nome, eu não sei dizer a senhora não.
- Ela tá aqui no mapa de Feira, olha só...

Mostro o mapa. Aponto a praça. Ele olha. Enruga a testa, coça a cabeça, gira o mapa, olha para mim, levanta o mapa na altura da cabeça, aproxima da face.

- Não dá para entender nada aqui não senhora, esse mapa é de Feira mesmo? Acho que a senhora não vai conseguir achar essa praça por esse mapa não viu, melhor perguntar se não tem outro nome nessa praça, um nome mais conhecido. A senhora pode perguntar mais na frente também, mas nesse mapa aí eu duvido que alguém encontre.

Ele me devolve o mapa e eu vou saindo, devagar. Eu me viro para perguntar:

- Será que a casa do senhor não está aqui no mapa, desenhada bem pequeninha?

Ele dá uma risada alta. Procuramos seu bairro, sua rua, sua casa. Falamos sobre seus percursos, lugares por onde entra e sai encontrando, lares, bares, gentes, passagens...

Procurar uma praça no mapa, praça de nome desconhecido, quase um lugar perdido, que para ser encontrada precisa de outro nome. Quantos nomes tem uma praça? Precisa de nome para existir?

Gostaria apenas de lançar palavras ao papel (adoraria conseguir lança-las ao vento): vocês ficaram com vontade de ver e experienciar a sensação de estar num local "real" denominado "realmente" de Baía Inútil? Se fosse Baía Útil⁴⁸, o querer seria o mesmo?⁴⁹

Uma baía inútil, que não serve para nada, uma praça sem nome, (des)encontrada, (des)nominada. Um (des)domínio da língua, da necessidade de nominar. Se não tem nome, esse lugar existe? Provocações dos encontros entre dispositivos de fazer pensar, fazer ver, fazer falar, fazer fugir e corpos ambulantes, estremecendo lugares tão marcados, revirando as linhas do mapa, os nomes das praças, os entendimentos na/da cidade, (des)territorializando e(m) outras subjetivações.

Segui arrastando diálogos sobre trajetos, fluxos. Peço que mostrem onde moram, vamos traçando os lugares por onde passam até chegar ali. Como é o caminho? Há buracos, árvores, cercas, pessoas, flores, cores? Como passa(m) o tempo enquanto caminham? Escutam? Esperam? Cantam? Conversam? Que cidade aparece dos encontros entre corpos e cidades? Como podem aparecer? Imagens, sons, palavras sobre o seu caminho... Um convite a movimentar territórios e provocar outras maneiras de entender a cidade, provocações a disparar subjetivações, linhas que se movem em múltiplas direções, variados ritmos, diferentes sons. Caminhos que caminham e fazem caminhar, sensações que transbordam pensamentos, desejos que borbulham, olhos brilham, acompanham, falam.

⁴⁸ A Baía Inútil localiza-se no Chile. Disponível em: <https://goo.gl/maps/6UpqESU3i9z>.

⁴⁹ ANDRADE, Elenise. A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncio ensurdecedores. 2006, p. 13.

Durante as abordagens foi possível perceber que nem todos reconhecem a cidade pelos modelos representacionais que tentam explicar, nomear, definir. O mapa físico, impresso, colorido, cheio de linhas e nomes proporcionava curiosidades, encantamentos, estranhamentos, dúvidas e até repulsa, mas em todos os casos iam emergindo aspectos das relações estabelecidas com os espaços. E se emergiam, era possível intensificar suas transversalidades.

Os mecanismos midiáticos são também dispositivos funcionando em relação aos corpos ambulantes, explicando com previsões as possibilidades climáticas, uma semana marcada, tudo muito bem explicado, definido. Previsão de altas temperaturas. Altas previsões que não esquentam Senhor Falario, tão acostumado com seu trajeto...

- Porque quando eu saio de casa, eu já saio assim. Eu já pego a previsão do tempo. No caso, previsão do tempo pra essa semana. Eu já sei o que é que pode acontecer essa semana. Essa semana não chove de jeito nenhum aqui. A previsão é alta. Então eu não esquento não.

Outros encontros nas andanças da cidade movimentam outros indicativos das relações de subjetividade da máquina de guerra. Corpos ambulantes. Lentidão veloz. Vivem sobre carroças, carros de mão, barracas, pedaços de papelão. Atravessando lugares quase proibidos, andando nas encostas, desobedecendo às placas, às faixas, aos controles, às explicações.

A pesquisa caminha sem (pre)tensões para permitir que as tensões se tornem presentes sem tentativa de antecipação. Presumir pode nos impedir de sentir pelo exercício de concluir antecipadamente. Essa análise não (pre)tende presumir, nem determinar delimitações fechadas em si mesmas, determinantes, qualificações sobre melhor e pior, bom e ruim. Escapar das polaridades e definições para as linhas construídas no meio, no entre, na relação. Esse é o momento do entre-meio da pesquisa, momento de dobra, de virada em seus arrastamentos teórico-metodológicos junto à produção de dados, junto à cidades e os corpos. O entrelaçamento do plano comum, do desenho de intensidades que essa pesquisa tenta apresentar.

Uma apresentação da produção subjetiva como campo de potência, criadora de pensamentos e modos de vida que se fazem na relação com a cidade, produzindo outros entendimentos para um espaço que tenta ser tão marcado, institucionalizado, controlado, policiado, determinado pela geografia, pelo aparelho do Estado e seus processos de ordem e higienização. Expressões que escapam e perfuram, dando a ver outras linhas, linhas de fuga, de rebeldia. Em quais funcionamentos essas linhas podem se fazer, conectar e arrastar os

pensamentos, as subjetivações que movem os corpos, ambulantes e informais e desobedientes das regras estabelecidas? Continuará na investida de uma produção de vídeo? Seria o mapa físico da cidade uma maneira de (des)concertar o tão acertado? Um dispositivo extrapolando os funcionamentos da produção subjetiva dos trabalhadorxs ambulantes e provocando outros pensamentos, outros entendimentos, outras cidades, outras feiras, outras educações?

2.3 Terceira paragem: vem maluco, vem madame, vem Maurício, vem atriz...⁵⁰

12

A FEIRA

O Rappa

tom: G

Introdução: G D C9 C9 (2X)

2X

G	D	C9	C9
É	dia de feira,	quarta-feira,	sexta-feira,
		C9	
não	importa a feira		
G	D	C9	C9
É	dia de feira,	quem quiser	pode chegar

Vem maluco, vem madame,
 Vem Maurício, vem atriz, pra comprar comigo
 Vem maluco, vem madame,
 Vem Maurício, vem atriz, pra levar comigo

2X

G	D
_Tô	vendendo ervas
C9	C9
Que	curam e acalmam
G	D
_Tô	vendendo ervas
C9	C9
Que	aliviam e temperam

C9 G/B Am
 _Mas eu não sou autorizado
 D Em
 quando o rappa chega
 eu quase sempre escapo
 A9
 Quem me fornece é que ganha mais
 a clientela é vasta, eu sei

C9 G/B Am
 _Porque os remédios normais
 D Em
 Nem sempre amenizam a pressão
 A9
 Amenizam a pressão
 Em
 Amenizam a pressão

2X

G	D	C9	C9
É	dia de feira,	quarta-feira,	sexta-feira,
		C9	
não	importa a feira		
G	D	C9	C9
É	dia de feira,	quem quiser	pode chegar

G
 Vem maluco, vem madame,
 D C9 C9
 Vem Maurício, vem atriz, pra comprar comigo
 G
 Vem maluco, vem madame,
 D C9 C9
 Vem Maurício, vem atriz, pra levar comigo

2X

G	D
_Tô	vendendo ervas
C9	C9
Que	curam e acalmam
G	D
_Tô	vendendo ervas
C9	C9
Que	aliviam e temperam

C9 G/B Am
 _Mas eu não sou autorizado
 D Em
 quando o rappa chega
 eu quase sempre escapo
 A9
 Quem me fornece é que ganha mais
 a clientela é vasta, eu sei

C9 G/B Am
 _Porque os remédios normais
 D Em
 Nem sempre amenizam a pressão
 A9
 Amenizam a pressão
 Em
 Amenizam a pressão
 A9
 Amenizam a pressão

8X

B7
_Porque os remédios normais
não amenizam (pressão)
G D C9
É dia de feira, quarta-feira, sexta-feira,
C9
não importa a feira
G D C9 C9
É dia de feira, quem quiser pode chegar

Termina com G

C9	G/B	A9

Cifrado por EDUARDO ARAÚJO - Tel.: (31) 3213-6107, Belo Horizonte/MG - www.escolaviolaio.com

⁵⁰ Música A Feira. Banda O Rappa. Album Rappa Mundi. Gravadora Warner Music Brasil. Ano 1996. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ElvisLive/musicas-cifradas-pop-rock-1-7468611>.

A pesquisa(dora) caminha por entre agosto de 2017 e janeiro de 2018. Os textos que seguem não param de apontar os limiares dos dispositivos que dominam a produção subjetiva dos corpos, máquina de guerra na/das cidades. Partes do diário de campo construído no caminhar cartográfico e dados produzidos junto com trabalhadorxs ambulantes e mapa dispositivo de (des)locamento de um entendimento do espaço caminham atrave(r)sados pelos conceitos de máquina de guerra, de Deleuze e Guattari e subjetivações de Guattari e Rolnik e pensar as subjetivações junto à teoria dos dispositivos, funcionamento desenvolvido por Deleuze a partir da teoria das estruturas de Michael Foucault.

17 de Agosto de 2017. Manhã, centro de Feira de Santana, Praça do Lambe-Lambe, muito sono, pouco durmo, muito penso. A pesquisa(dora) caminha.



Figura 3 - A Praça do Lambe-lambe (ou Bernadino Bahia) está marcada em preto, logo no centro da imagem.

A primavera ainda não chegou e o tempo ainda está nublado. Não está frio, mas não está calor. Chão molhado, poças d'água. Quem passa na calçada anda meio de lado, com medo da lama que voa dos pneus que atravessam as poças do asfalto. Asfalto esburacado, ponto de ônibus lotado, mal dá para passar. Cabeças, braços, pernas, mãos. Corpos de carne e sangue circulando pelas ruas da cidade de concreto e ferro e suor. Vidas que seguem vivendo, misturas construindo o cotidiano.

Nesse emaranhado de linhas é possível perceber a variedade de regimes que tentam determinar o que vemos e como vemos; o que ouvimos e como ouvimos, seguem

movimentando, capturando, produzindo e fixando algumas certezas na produção subjetiva dos corpos. Placas, avisos, alto-falantes, apitos, guardas, fachadas de lojas, caixas de som, animadores gritam produtos, preços. A arquitetura dos prédios, alguns antigos, alguns recentemente reformados. Projetos de organização urbana elaborados pela prefeitura fecham ruas, é preciso desviar para passar, tomar cuidado para não tropeçar.

Caminho mais um pouco em direção a uma feira livre que fica ao lado da praça, uma das entradas que são vias de acesso ao calçadão da Sales Barbosa. A imagem abaixo pode apontar a localização da (des)organização espalhada pelas calçadas e vielas da região.

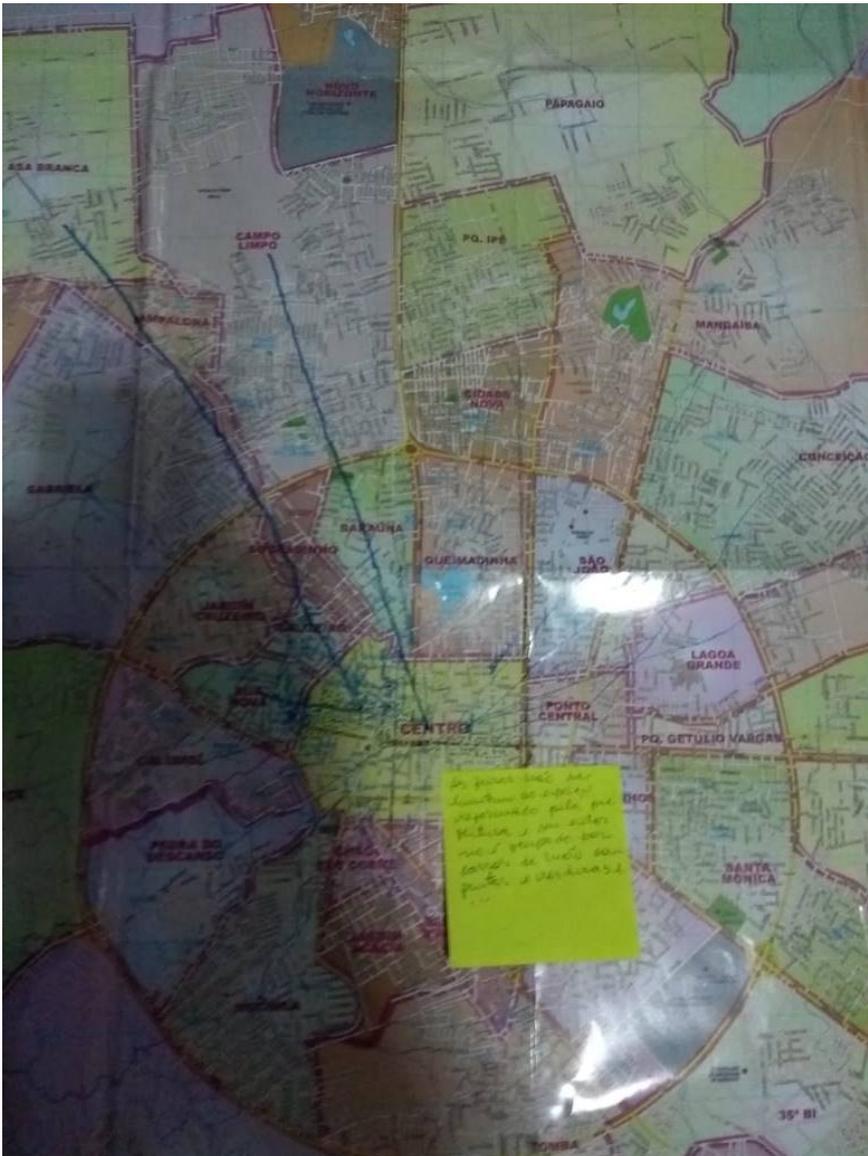


Figura 4 - Imagem apresenta o ponto do por onde se espalham os vendedores ambulantes desde a Praça do Lambelambe até o calçadão da Rua Sales Barbosa.

As feiras não se limitam ao espaço reformado pela prefeitura e seu entorno é ocupado por carros de mão com frutas e verduras, hortaliças, há poucos utensílios domésticos, o forte são coisas de comer. Fico confusa entre eles. Como abordar, como começar esse diálogo e

esticar até ser possível acompanhar os seus processos de subjetivações? Estava mesmo confusa. Vejo uma pequena barraca, com café e balas e cigarros e salgados. Paro e peço um café.

O senhor da barraca me oferece o banco para sentar. Eu fico distante enquanto observo toda aquela movimentação. Tiro a câmera da bolsa, tiro a tampa, guardo a tampa, ligo a máquina, procuro um ajuste na programação. O senhor da barraca me olha como se eu estivesse preparando uma arma.

- A senhora é fotógrafa? O pessoal das fotos fica ali no coreto.

E aponta para o centro da praça onde ficam as barracas do lambe-lambe. Respondo que estou fazendo uma pesquisa sobre os ambulantes na cidade e a câmera é uma maneira de captar as conversas, os movimentos. Ele logo diz que não quer ser fotografado. Eu continuo em silêncio.

Tiro da mochila o mapa de Feira de Santana, objeto que tenho utilizado para desencadear uma maneira de pensar percursos e lugares. Ele curioso pergunta: “E esse mapa? É para que?” Penso um pouco antes de responder. “Esse é o mapa de Feira de Santana. A ideia é pensar os trajetos que vocês, ambulantes, fazem desde a sua casa até aqui, e como se relacionam com esses lugares, sabe?”. Por um instante penso que essa explicação foi um exagero e que devia dizer apenas “É o mapa de Feira. Vamos procurar sua casa?”. Ele franze a testa e diz: “Nunca vi um mapa de perto assim, posso olhar?”.

Entrego o mapa e pergunto seu nome, pois não nos apresentamos desde que parei ali. “Meu nome é Simpatia, mas todo mundo aqui me chama de Brazuca”. Abrimos o mapa. Ele olha por alguns instantes e diz: “É confuso né?”. Eu respondo: “Eu também acho, mas é que a cidade é grande né?”. Ele olha mais um pouco e diz: “Aqui, eu moro aqui”, apontando para um ponto no bairro chamado Chácara São Cosme. Pergunto qual caminho ele faz até chegar ali, naquele ponto. Ele arrasta o dedo desde o bairro, passando pela Matriz, Rua Sales Barbosa, até chegar onde estamos. Silêncio.

Ele olha o mapa com paciência e parece gostar. Aponta com o dedo um lugar no Tomba [bairro da cidade]: “Tenho uma namorada que mora aqui, mas é tudo tão pequeno nesse mapa né? (Ele aproxima mais ainda o rosto). O bairro é tão grande e daqui parece tudo tão pequeno.” Eu respondo: “É que para caber à cidade inteira aqui precisa ser pequeno mesmo”. Ele diz: “É, mas também tem lugar que não está aqui. Quando eu venho passo por um beco por aqui (ele me mostra com o dedo a região do Feiragui⁵¹) que não está aqui, tá vendo? Falta um beco

⁵¹ O Feiragui é um espaço de venda de produtos “não originais” onde se concentra venda de eletrônicos, roupas, calçados e variedades domésticas. Foi construído em 1990 pela prefeitura na tentativa de organizar o comércio informal que já funcionava ali não se sabe desde quando.

aqui.” Ele dobra o mapa e me entrega como quem perdeu o interesse no assunto. Eu tento manter a conversa: “Pois é, faltam lugares, alguns aparecem com outro nome.” Ele responde: “Mas não devia né? Não é o mapa da cidade? Devia estar tudo certinho, como a cidade é.” Certinho nos caminhos, me propõe Brazuca e eu que já não enxergo uma cidade, mas muitas cidades pelos caminhos me confundo ainda mais (e gosto disso). Corações que pulsam cidades que transbordam, educações que se formam em outros entendimentos dos espaços. Espaços que se deformam e também à educação. Um mapa de intensidades vai se desenhando e(m) cidades e corpos e ambulâncias.

O caminho que Brazuca faz entre a surpresa de “ver de perto” o mapa da cidade e seu desgosto ao perceber que o mapa não desenha o lugar como ele conhece e vive e caminha são linhas de (des)territorialização expressas sobre um dispositivo que pretende documentar um território. As sedentárias linhas riscadas no mapa se confundem com as linhas de fuga. O dispositivo que determina a divisão espacial da cidade e diz onde ficam os lugares é o campo por onde Brazuca desliza e retorna “tem lugar que não tá aqui”, “falta um beco aqui”. Brazuca sabe mais das ruas da cidade que o mapa. Desliza sobre o mapa que segmenta. Ele não se dobra, dobra o mapa e me entrega. “Devia estar tudo certinho, como a cidade é.” (Des)territórios da máquina de guerra que rejeita ser fotografado, mas não dispensa a conversa, que continua.

“Mas você sabe, esse pessoal mudam as coisas e colocam como querem”. E continua, “Olha, a prefeitura veio aqui e reformou, pintou, colocou uma placa. A gente disse que tinha que ser maior, porque muita gente fica aqui, mas ela veio e fez como quis. Pintou, deu um nome, arrumou as barracas e pronto. Agora já tá assim, essa bagunça. O pessoal aqui também não tem jeito. Joga o lixo em qualquer lugar, bota a mercadoria em qualquer lugar, brigam, gritam, é uma bagunça, não tá vendo? E também todo dia chega mais alguém. Você sabe a situação da maioria dessas pessoas né? Tem muito desempregado pai de família, mas tem muitos que são “mala suja”, saiu da cadeia, ladrão, tudo isso. Você vê, eu mesmo, vendo meus produtos aqui e não mexo com ninguém. Quando acaba eu vou logo embora, mas é cada coisa que a gente vê acontecer aqui.” Eu continuo em silêncio.

Senhor Simpatia expressa o peso da mão do Estado ao dizer “fazem as coisas e colocam as coisas como querem”. O Estado é aparelho que tudo quer determinar e normatizar. Ancorado no discurso de organização, higienização e estética do espaço da cidade tenta “vencer uma vagabundagem de bando, e um nomadismo de corpo.”⁵². O investimento do Estado é

⁵² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 36.

homogeneizar o espaço e o trabalho e os corpos. Disciplinar e controlar as velocidades, as relações, as maneiras.

Mas o guerreiro avança, “todo dia chega mais alguém”. Escorre como malta incontrolável, (des)organiza o que se tenta organizado, desliza no espaço estriado pelo Estado, “o guerreiro está na situação de trair tudo”⁵³. E ele trai, “joga o lixo em qualquer lugar, bota a mercadoria em qualquer lugar, brigam, gritam”, selvagens urbanos, corpos em movimento, maquinações rebeldes. Em instantes, todo o espaço que foi (des)ocupado pela fiscalização, organizado pela engenharia, “limpo” pela maquinaria estatal, estratificado por suas regras é ocupado pelos corpos máquina de guerra, “uma bagunça, não tá vendo?”

Enquanto ele fala eu observo o movimento, já contaminada pelo relato do Senhor Simpatia observo como gritam, como vendem, como param o carro, onde está o lixo, como conversam entre si. Eu pago o café. Senhor Simpatia recebe e pede, de novo, para não tirar foto dele. “Eu não pentei o cabelo quando saí de casa hoje, nem passei perfume.” Ele fala rindo enquanto eu me levanto e continuo caminhando pelos arredores, procurando aleatoriamente possíveis contatos, conexões. Sem abordagem previamente determinada, sem questionário, câmera pendurada no pescoço, mapa nas mãos. Para onde olho tem um carro de mão com algum produto a venda e alguém berrando “2 por 5”, “3 por 10”, “olha freguesa, vem comprar”.

Eles não gostam da câmera. Fogem quando a veem, se escondem, saem andando, abandonam seus carros, escapam da zona do visível. Não querem aparecer. Fico pensando no que Senhor Simpatia disse, fico pensando no que Senhor Falario disse no período inicial de produção dos dados da pesquisa. A sensação onipresente da violência que pode chegar a qualquer momento e vir de qualquer lugar. Do cassetete, do cano da arma, da lente da máquina...

Teria esse movimento relação com a fuga desses corpos das lentes entendidas como ferramenta de registro e exposição? Indicariam uma interiorização de regimes de um modelo de Estado que julga a máquina de guerra “sob uma forma negativa: estupidez, deformidade, loucura, ilegitimidade, usurpação, pecado...”⁵⁴. Rodopia pela mente pesquisa(dora) a fala de Senhor Daniel, onde “alguns são pais de família, outros são ladrões.” (Per)corre linhas de velocidade que operam nos/dos corpos que se negam a “aparecer” nas lentes, se esquivam do contato, se assustam com a presença da câmera fotográfica. Corpos periféricos, “são quase todos pretos, ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres. E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos.”⁵⁵

⁵³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 15.

⁵⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 15.

⁵⁵ Música **Haiti**, Caetano Veloso e Gilberto Gil, disco Tropicália 2, Gravadora WEA, em agosto de 1993.

Pobres e pretxs e brancos, bravos guerreiros. A produção subjetiva da máquina de guerra pode também ser dominada pelos conceitos hegemônicos, os enunciados que anunciam antecipadamente o lugar de um corpo no espaço coletivo. E as pretas e brancas e pobres (re)conhecem esses domínios. E se esquivam e escutam e falam coisas do mundo “eu sou de baixa renda, sou pobre, sou preta, moro na favela”. Um conjunto de linhas que seguem produzindo subjetividades. Regimes que funcionam e operam na fabricação do entendimento de si e do mundo. A sua terra, o seu lugar. Sua? Seu? Há propriedade desde dentro desse funcionamento?

As barracas que vendem discos e *pen drives* pirateados não param de tocar as canções que relatam essas relações, que produzem subjetivações, indicam lugares, terras de (in)visibilidades. Por onde a pesquisa(dora) passa, o *reggae* toca. O *reggae* é costumeiramente entendido como estilo musical marginal, da periferia. Muitas cantam a vida dos corpos pobres e pretxs e brancos “que de tão pobres são pretxs”.⁵⁶ Tocam sem parar pelas ruas, pelos carros, pelas bocas que cantam, pelas pernas que mexem e dançam. Ambulância rítmica.

Edson Gomes, compositor baiano-cachoeirense, está presente no andamento do cotidiano dos corpos, das ruas e da pesquisa. Imagino que nem todos os vendedorxs ambulantes se agradam particularmente com as canções, mas não deixam de ser atrave(r)sados por sua existência audível e suas palavras de guerra.

Ando meio cansado (não desisto) / por várias vezes barrados no baile (ainda insisto) / acredito em tudo aquilo que faço e persisto em tudo aquilo que faço / acredito naquele que vem do espaço / Ainda ontem no condomínio que moro / uma senhora quando me avistou / apertou a bolsa / ela escondeu sua bolsa / Apertou a bolsa / a branca segurou logo a bolsa / São cenas da minha cidade / uma doença da sociedade / cenas da minha cidade / uma doença talvez incurável / E você aí como passa? / Você aí o que acha? / E você aí como passa? / Você aí o que acha disso? / Somos barrados no baile / todos barrados no baile / Eles dizem que é só para gente bonita / somos barrados no baile / todos barrados no baile / Eles dizem que é só para gente bonita.”⁵⁷

Construções de pensamentos e(m) canções, e(m) artes, operando com a máquina de guerra, que está cansada, mas não desiste, máquina que insiste. São “barrados no baile” que é “só para gente bonita” e que provoca o esconder das bolsas desde longas distâncias, bolsas que são seguradas só em avistar o corpo. A força dos guerreiros que acreditam naquilo que fazem e

⁵⁶ Música **Haiti**, Caetano Veloso e Gilberto Gil, disco Tropicália 2, Gravadora WEA, em agosto de 1993.

⁵⁷ Música Barrados no Baile, Edson Gomes, disco Ao Vivo em Salvador, em 2006. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=pBdH2DlacV4>>.

acenam: “são cenas da minha cidade, uma doença da sociedade” e perguntam “E você aí, como passa? E você aí, o que acha?”. Uma “doença incurável” que tenta se instalar na produção do pensamento e no entendimento do funcionamento e do lugar dos corpos, pretxs e pobres, (des)empregados, “pais de família”, “ladrões”, vendedorxs informais, trabalhadorxs ambulantes, máquinas de guerra. Edson Gomes, poeta ambulante convida uma poesia que me (ex)passa.

Máquinas de guerra
 Operam em linhas, dimensões
 Cruzam planos e estações
 Vem de longe, não se sabe de onde, nem para onde
 Perfuram o jogo, fazem suas próprias regras
 Desde Ulisses a Shakespeare
 Passando por Aquiles, Dandara e Maria Quitéria
 Guerreirxs insurgentes, desobedientes, rebeldes
 Estúpidxs, deformadxs, loucxs, ilegítimxs
 Usurpadorxs, pecadorxs, bagunceirxs
 Desafiam a ordem
 Ordem de quem? Pra quem? Por onde elas v(e)em?

Os corpos escorrem, fogem do registro, parecem querer (des)aparecer, não querem aparecer. Podem ser indicativos expressivos do funcionamento dos regimes de visibilidade e enunciação citados por Deleuze na teoria dos dispositivos? Poderia nos fazer pensar o funcionamento das linhas marginais que tentam engolir e dominar a maneira como vemos e entendemos os corpos dos vendedorxs ambulantes pelas cidades? E, ao mesmo tempo, como eles veem e entendem seus corpos?

Entendimentos capturados por regimes de uma visibilidade que se quer quase (in)visível e enunciados lotados de medo e (pre)conceitos sobre os modos de vida e saberes das máquinas de guerra das cidades. Agenciamentos estratificados por fluxos de padrões majoritários que tornam mais aceitáveis e visíveis os corpos que frequentaram a escola e que usam (de)terminado estilo e que se vestem de (de)terminada maneira e que ocupam (de)terminados cargos e que trabalham de ‘carteira assinada’ e que moram em (de)terminados bairros... São tantas as (de)terminações que querem dizer onde começam e terminam as terras, os lugares e maquinam entendimentos para esses corpos ambulantes que querem viver e existir! Seguem capturando subjetividades de quem vê e de quem é visto, operam nas expressões dos corpos.

A violência transeunte e intransigente, violência-sensação absoluta nas/das cidades e dos corpos e dos seus territórios se faz presente desde os primeiros passos desse (per)correr

idades. Talvez o Senhor Falario, vendedor de caldo-de-cana na Rua Conselheiro Franco, junto com Deleuze e Guattari e o conceito de máquina de guerra possam nos ajudar a pensar em outras direções para essa violência onipresente, essa sensação de insegurança que não o medo amplificado pelos aparelhos midiáticos. Tentar pensar “os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são (como) metamorfoses de uma máquina de guerra”⁵⁸, operam em (des)ordens, rebeldias, (des)obediências, bagunças e “animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido da honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado.”⁵⁹

Seria possível pensar os ladrões como máquina de guerra? Bando de bandidos, pura indisciplina, contrariando toda uma estrutura de poder, desafiando a polícia, insultando a propriedade? Talvez uma matéria publicada pelo programa policial Cidade Alerta, da Rede Record de Televisão em 2015, nos ajude a trazer outros entendimentos para esse grupo. O título “Tirando Onda: após ser preso, ladrão canta rap ao conversar com Fabíola”⁶⁰ quer contar a prisão de três jovens, um deles ainda menor de idade. A repórter se refere aos jovens como um “bando” de assaltantes de postos de combustíveis. Enquanto ela lê a abertura da matéria, eles riem ao fundo, algemados. Segundo ela, “são bandidos que não estão nem aí, encontraram a polícia e botaram para cima”. Um deles diz “sou bicho solto mesmo”. No momento que ela tenta entrevistar o adolescente, ele dispara um rap, de sua autoria:

Eu queria mudar /eu queria mudar /e o mundo me ensinou ser assim /fazer a correria /os cana vindo atrás de mim /aprendi a ser esperto /aprendi a meter fita /no meio da malandragem solto fumaça /e subo na quebrada onde não pode dar mole /sou o tipo de cara que não vive sem treta /de tanto escutar o nome por ele eu atendo /na madrugada é nós na fita /puro veneno.

Segundo a âncora do telejornal, o jovem canta rap ao ser preso porque sabe que não ficará preso por muito tempo, pois é menor de idade. Escorregando pelas indisciplinas de pensamento, poderíamos arriscar que, talvez, ele tenha visto no microfone espetaculoso da repórter a oportunidade de falar sobre si, sobre a honra de não atender a disciplina, de ser “bicho solto”. O grupo de rap Racionais Mc’s explodiu em uma música chamada “Eu sou 157”⁶¹. Versos rimados que falam de riscos e vadiagens e estratégias e desejos e heroísmos e saudades e honras e ... “*A vida é sofrida /mas não vou chorar /vive de que /eu vou me humilhar /é tudo uma questão /de conhecer o lugar /quanto tem /quanto vem /e a minha parte quanto dá /porque*

⁵⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 22.

⁵⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 22.

⁶⁰ Disponível em: < <http://noticias.r7.com/cidade-alerta/videos/tirando-onda-apos-ser-preso-ladrao-canta-rap-ao-conversar-com-fabiola-17102015> >. Acesso: 29/06/2017.

⁶¹ Música do CD “Nada como um dia após o outro dia”, do Racionais Mc’s, Unimar Music, 2002.

hoje eu sou ladrão, artigo 157 /as cachorra me amam /os playboy se derretem /hoje eu sou ladrão artigo 157 /a polícia bola um plano /sou herói, dos pivete..."

A repórter que entrevista o adolescente, ladrão e compositor de rap, diz do absurdo que é um ladrão ter orgulho de ser ladrão. Talvez, *querida* repórter, o orgulho seja de pertencer ao mundo daqueles que desafiam as ordens, a força de polícia, da mídia a propriedade, a humilhação. De ser aquele que se recusa a entender o espaço como estriado, de estar preso em seus padrões, suas medidas, seus critérios. Uma violência-sensação absoluta que uma máquina de guerra pode provocar, pois os que perfuram princípios, disciplinas, (des)regulam as regularidades, expõem suas falhas, suas brechas, exibem sua força esburacando os sistemas de segurança. E, nesta maquinação, são chamados de violentos. Bandidos em *fleet in being* turbilhonando nos espaços da cidade e provocando subjetivações, linhas que apontam para outros funcionamentos, outros dispositivos.

“o *fleet in being* é a presença permanente em mar de uma frota invisível, que pode golpear o adversário em qualquer lugar e a qualquer momento (...), é uma nova ideia da violência, que já não nasce do afrontamento direto, porém de propriedades desiguais dos corpos, da avaliação das quantidade de movimentos que lhes são permitidas num elemento escolhido, da verificação permanente de sua eficiência dinâmica.”⁶²

O Senhor Falario, vendedor de caldo-de-cana, enrolador de tempo, ao relatar sobre a violência da cidade, conta a história de um ladrão que roubava *whisky* na que seria, segundo ele, “a maior rede de supermercados da cidade”. Sua curiosidade é pela estratégia que o ladrão emprega para conseguir roubar em um lugar tão bem vigiado, cheio de câmeras e seguranças por todos os lados. Senhor Falario pede para o ladrão contar o seu segredo e, aqui, vamos às palavras do vendedor-enrolador-poeta...

- ... ele roubava no supermercado, o maior supermercado de de Feira, a maior rede maior de supermercados, ele roubava lá, e só roubava whisky, e só roubava whisky bom. Aí ele me ofereceu. Eu disse: rapaz, eu não quero não. Aí, eu perguntei: vem cá, como você consegue roubar lá dentro? Ele disse: eu chego lá e a turma fica atrás de mim, atrás de mim, depois a turma me deixa em paz, então eu vou e roubo. Porque às vezes você fica vigiando o cara, mas deixa ele só um tempinho no vacilo aí e ele vai e rouba, é isso aí.

Sua arma é de fogo e de brecha, procura a falha, a fenda, onde mete a mão e rasga. Estratégias muito particulares, muito específicas, que exigem a possibilidade de variações de distribuição no espaço, diferentes velocidades, muita observação, esperteza, agilidade. Escolher

⁶² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 65-66.

o mais fácil, esperar a distração, tornar-se invisível, poder surgir em qualquer lugar. Efeito surpresa, corpo súbito, que é previsto pela sensação onipresente de violência, mas parece inesperado. Recusa, rejeição ao domínio, ao poder. Peter Pal Belbart, em seu texto “Estamos em Guerra” (2017), nos alerta sobre esse momento de guerra aberta que vivemos, “econômica, política, jurídica, militar, midiática”⁶³, onde o necessário é criar estratégias de escapar, abrir brechas, fissurar para reverter a impotência, mover o campo de forças e explorar as margens de indeterminação que percorrem os regimes de domínio da subjetividade.

- Porque o ladrão pra roubar, ele procura as pessoas mais fáceis de serem roubadas.

Essa sensação onipresente de violência vai provocando estratégias de fuga. Máquinas de guerra tentando escapar de máquinas de guerra e tentando escapar das táticas de dominação do espaço, dos territórios, das subjetividades, “invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas dos territórios sem saída.”⁶⁴.

- Eu comecei aqui no beco, só que aqui tinha muito roubo, nessa loja, não é essa loja na época, então eu conversei com o gerente para colocar o caldo de cana aqui, aí ele disse que podia colocar, porque de qualquer jeito já era uma maneira de diminuir o roubo na loja, porque sempre teria uma pessoa aqui. Foi aí que passei para cá, eu comecei ali no beco e cheguei até aqui...

- Porque hoje se você pegar o carro na faixa de cinco horas, seis horas é arriscado ser assaltado no meio do caminho, porque já aconteceram vários assaltos de Feira até São Gonçalo⁶⁵, e se você sair no horário de três horas, três e pouco, quatro horas, então você tá livre de ser assaltado...

- Não, não sei beber em casa, eu bebo na venda, mas só bebo até meio dia, depois de meio dia eu vou pra casa, a partir de meio dia já começa a ter briga...

Junto ao indicativo de um violento funcionamento na/da violência-sensação urbana e dos corpos dos vendedorxs ambulantes e a presença da pesquisa(dora) pelos caminhos das cidades combinam outras maquinações, outras perfurações no/do espaço. Enquanto alguns correm e se escondem da máquina fotográfica e do mapa dispositivo de (des)locamento do espaço e da conversa animada, outros se abrem em festa e se aproximam e fazem perguntas e falam sem parar.

⁶³ PÁL-PELBART, Peter. **Estamos em guerra**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/brasil/peter-pal-pelbart-estamos-em-guerra/> Acesso em: Outubro de 2017.

⁶⁴ GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 2016, p. 18.

⁶⁵ São Gonçalo dos Campos é distrito de Feira de Santana. A distância geográfica entre as duas localidades corresponde a 20 km.

Entre os meses de setembro de 2017 e novembro de 2017 caminhei entre linhas de escrita, de leitura, de ruas, de cantos, de vias, de becos. Mergulhada em um mundo de mim mesmo, sendo outros, não o mesmo. Não o de sempre, mas o que ainda não veio, que está chegando, se fazendo, construindo, tecendo... Dias vividos em um silêncio ensurdecedor. Atravessada por tantas vidas, tantos corpos ambulantes e pulsantes e(m) um ambiente que tenta ser ordenado, mas permeia o caótico.

A pesquisa(dora) tenta se espalhar a (per)correr o calçadão da Sales Barbosa e as calçadas da Avenida Getúlio Vargas, ocupadas por vendedorxs ambulantes. Outros encontros provocativos e(m) subjetivações. Os contatos se intensificam. A pesquisa(dora) aborda em variedade. Poesias se desenham no pensar transeunte. Corpos e deslizos como motores do pensar.

entrou e saiu e sentiu o vento esfriar
 arrepio . desvio . olhar
 esquentando
 senta
 os dedos se encostam
 mesas
 deslizam e fecham os olhos
 toques leves por sua pele
 abrem
 brilham
 contorcem
 te(r)sido? te(r)sendo?
 A linha, o fio do tempo se embarça
 Arrepio . desvio . olhar
 esquentam
 deslizam
 dedos . mãos . peles
 contorcem
 esquentam
 trans-bordam

Palavras que tento tecer, afetada pelas andanças, pelos corpos, pelas cidades e por tantos e outros que falam, escrevem, expressam, movem e acompanham os passos dessa andança. Olhos que caminham abertos. Uma lente que abre e fecha. Mais luz, menos luz...explosões em linhas de cor acompanham passos de calor e desviam, embaralhadas.

Cidade ardendo e misturando e desfocando e desenquadrando e estourando e atrave(r)sando e tantos “e” para ver e sentir! Partículas do entre fissurando relações e(m)

intensidades de corpos e tensões e cidades, sons delirantes que vão explodindo o espaço, ruidosos, penetrando ouvidos e neurônios e ossos, convidando os olhos, (ex)pressando e (re)mexendo e (re)virando os lugares, atravessando vidas.

Ambulâncias, sirenes, gritos, pressas, mas sem médicas, socorristas ou policiais. Cidade que avança, insistente e viva, escapando e seguindo e vendendo e sentindo e berrando e ouvindo e calando e sorrindo e sangrando e partindo e desejando entre as pedras, entre as regras, ocupando as brechas de um lugar, de um lar, de uma terra.



Figura 5 - O brinco da trabalhadora ambulante marca politicamente e esteticamente, o seu lugar.



Figura 6 -
Mãos que
debulham o
feijão que
será vendido,
foram
plantados em
seu quintal.

CAPÍTULO 3 – ANALISANDO

São quase 15 horas do dia 10 de outubro de 2017. Avenida Getúlio Vargas, centro de Feira de Santana. Muito sol. Queima a pele, ardem os olhos. Muito vejo, pouco falo, muito penso.

Desde o início do caminhar cartográfico me transporto até o centro da cidade, na maioria das vezes, em uma lambreta.

O Centro de Abastecimento e xs vendedorxs ambulantes vivem e funcionam juntos, em concreto e sangue. O Estado, com sua perspectiva higienista desmantela as feiras livres (que já não são tão livres assim) e o comércio informal, que para suas ordens deixam a cidade suja e feia.

3.1 ABACAXIzando



Figura 7 - trajeto entre a Rua Sales Barbosa e o percorrer da Avenida Getúlio Vargas,

Desço do ônibus no ponto em frente ao prédio da Receita Federal, em uma das principais avenidas da cidade que conecta extremos, atravessando o centro desde uma periferia a outra. Aqui, diferente da Praça do Lambe-Lambe e da Rua Sales Barbosa, não há uma “feira livre”

mapeada, ou que tenha passado pelo processo de organização do Estado. São pontos de concentração de ambulantes que se distribuem pelas calçadas, em frente às lojas.

Mercadorias em lonas e tapetes se espalham pelo chão, carros de mão cheios de frutas, corpos quentes de sangue. Gritam. Berram. Batem palmas, fazem promoção. O movimento de pessoas é intenso, caminham de um lado para outro, para cima para baixo, atravessam e (des)atravessam a rua, param para perguntar preço, aproveitam a promoção das frutas, alguns andam distraídos, outros, na correria, empurram o que veem pela frente. Força independente, bruta, incontrolável.

Nesse momento eu começava a questionar sobre a ideia inicial de acompanhar os percursos da rua até os lares dos vendedores ambulantes como indicativo da formação de seus territórios subjetivos e sou engolida pela potência da relação que eles constroem com a cidade. Uma maneira de perceber a exterioridade da máquina de guerra enquanto força que segue se movimentando em variáveis velocidades com a cidade. Um (per)correr, um mergulhar nos caminhos da formação das linhas de produção subjetiva, tentando encontros com singularidades.

Paro próximo a um ambulante que vende variadas coisas: brinquedos, guarda-chuvas, fones de ouvido, meias, mochilas. De um lado duas mulheres, dois carros de mão, “centenas” de abacaxis, enquanto do outro lado um carro de mão com mudas de plantas. Na extensão da calçada outros vendem aipim e batata doce e acerola e a calçada se apresenta como um mar de ambulantes a perder de vista na extensão da avenida. Saio para outro ponto mais distante, tiro a câmera e abro a lente para captar o movimento da avenida, de maneira bem aberta. Faço isso de modo aleatório para ver como agem ao perceber a câmera. As fugas são recorrentes. O rapaz com carro de mão com mudas de planta está ali e logo não está mais, sai de vista, escapa da lente, dos olhos. Corpos que se escondem, que não querem ser vistos, que se desviam da visibilidade.



O mesmo acontece com o vendedor de aipim e batata-doce.



As vendedoras de abacaxi permitem que a pesquisa(dora) se aproxime.



A primeira pergunta é o motivo da câmera. Relato sobre a pesquisa, sobre seu objetivo. Corada sorri aos bandos. Cisma se mantém séria e fica em silêncio.



Começamos a conversar sobre o trabalho, as ruas. Corada diz que “faxina está muito ruim de encontrar e com dois filhos é difícil comer dependendo só de faxina”. Cisma continua calada. Eu pergunto como escolheram aquele ponto para vender os abacaxis. Corada responde que não tem um ponto fixo, “às vezes estamos aqui, outras vezes estamos na calçada da Rua Marechal Deodoro. Depende muito do dia e do espaço. Às vezes, quando chegamos aqui já está muito apertado. E tem também a fiscalização, que tá sempre por aqui. A gente batalha muito para comprar a mercadoria e a fiscalização pode vir e levar tudo. Então, a gente vai indo para onde dá, fazendo como dá para fazer. Tenho dois filhos que precisam comer”.

Eu pergunto sobre o pai dos seus filhos. “O pai deixou a gente e eu não quero nada dele, eu mesmo crio meus dois meninos sem pedir nem uma lata de leite. Não me importo em vender abacaxi ou qualquer outra coisa. Só não posso ficar sem o dinheiro das coisas”.

Eu pergunto onde mora: “Moramos na Pedra do Descanso, eu e ela”, aponta para Cisma, que continua em silêncio e sem sorrisos. “Somos vizinhas. Viemos juntas até o Centro de Abastecimento, compramos a mercadoria, colocamos no carrinho e seguimos para cá. Ou aqui, ou na Rua Marechal, ou naquela outra parte da [rua] Senhor dos Passos, sabe ali onde tem a Galeria Carmac? Às vezes ficamos ali também”. Corada é sorridente e não para de gargalhar enquanto conversa comigo. Eu comento “gosto da sua energia alegre, sorridente”, ela ri ainda mais e diz: “É timidez. Nunca conversei com alguém assim, com uma máquina. As pessoas mal olham para gente aqui.” Eu comento: “Mesmo gritando tanto abacaxi?” Ela gargalha e diz: “Ah, a gente grita para chamar atenção do pessoal mesmo, mas eles param, escolhem, pagam e vão embora. Não tem conversa, ninguém olha para mim e pergunta como estou, como me sinto”.

A fuga dos ambulantes diante da presença da pesquisa(dora) pode estar relacionada com os regimes de visibilidade que estão presentes desde o início do caminhar cartográfico da pesquisa. Os que não querem ser vistos operam em subjetivações que escapam, no quase (im)possível de capturar. As falas de Corada sobre como escolhe seus pontos de venda se apresentam como marcas do nomadismo da máquina de guerra, que opera em trajetos, sem fixitudes. Articulam seus territórios em regimes muito particulares, ficam onde é possível ficar, onde *dá pra ficar*, resolvendo tensões acerca das fugas da fiscalização do Estado, do fluxo de pessoas, do espaço onde cabem. Marcas de um caminhar sem destino.

A força guerreira da ambulante está marcada também na insistência de sobreviver, de sustentar seus filhos, na bravura de negar o apoio de quem lhe abandonou. Resistir à dor e perfurar os sistemas que lhe empurram para o deserto da fome e do sofrimento, (des)obedece os ordenamentos que tentam fazê-la desaparecer, grita abacaxis como quem grita “Estou viva!”, grita o preço do produto como quem grita “Vocês não vão me vencer!”. É um caminho sem

destino que segue o barulho dos sonhos, o trajeto marca seus pontos... De luz e amor e água e abraço e cansaço e sombra e café e abacaxis e freguês... Caminho feito de caminhada.

Enquanto eu converso com Corada e Cisma observa e vai atendendo as pessoas que vão chegando, se aproxima o rapaz que vende sombrinhas e brinquedos e meias toucas e aparelhos eletrônicos em uma tenda montada ao lado.



Ele me pergunta se eu trabalho para algum jornal. Eu respondo que não. Digo que estou realizando uma pesquisa sobre xs vendedorxs ambulantes da cidade. Ele diz: “Ah, pensei que era algum jornal sabe. Eu vim de São Paulo, estou aqui vendendo umas coisas, mas eu sou músico. Achei que você podia me ajudar a divulgar minha música.” Eu fico curiosa e pergunto qual o estilo musical ele toca. Ele responde sorrindo: “É MPB, música romântica, eu toco teclado sabe.” Fico feliz com um contato tão (des)territorializante do que vinha encontrando ao longo desse caminho de pesquisa. Ele continua: “Eu toco em uma seresta, lá na Queimadinha, onde eu moro, sabe onde é?” Eu respondo que sim, sei onde fica o bairro. Ele completa: “Então, você podia ir lá me ver tocar né? Tudo por minha conta. Você é muito bonita sabia?” E algumas situações que parecem tão comuns apresentam sinuosas linhas dos regimes de subjetividades dominantes.

Convido x leitor/leitora a passear pelos cruzamentos do plano comum, que relacionam os conceitos e as expressões dos corpos dxs vendedorxs ambulantes e as cidades. A aproximação com o mapa físico - dispositivo de (des)caminhos da cidade - e os questionamentos sobre indicações dos lugares por onde caminhavam eram interrompidas, em

muitos contatos com os vendedores do sexo masculino por perguntas como “você tem namorado?” ou “você é muito bonita, pode me dar seu número de *WhatsApp*?” ou ainda “podemos continuar essa conversa tomando uma cerveja, o que acha?” ou “vou para a praia esse final de semana, você quer vir comigo? Assim a gente se conhece mais...” ou até mesmo “onde você mora? Posso ir na sua casa?”. O contato acabava não prosseguindo, um corte interrompia o objetivo da pesquisa e curvava o caminho para o domínio do desejo de poder do homem sobre a mulher enquanto objeto de prazer.

A pesquisa se desviava mais para o corpo da pesquisa(dora) e menos para os caminhos das ruas. Ou não... Poderíamos pensar que esse desvio, essa curva pode ser também uma marcação, rastros, limiares de um território construído nas linhas de subjetividade que produzem o entendimento do que é ser macho, o homem caçador que objetifica, deseja e corteja o corpo feminino sem cerimônias, sem permissões. Linhas profundas que os deixam à vontade para sugerir e expressar essas vontades em convites e olhares sinuosos, quase ardentes, sem o menor sinal de reciprocidade e (in)tensão, saltam do tema proposto para o sexo. Fluxos que tentam dominar a produção subjetiva dos corpos em diferentes campos e marcam essa dicotomia do papel homem e mulher no espaço coletivo em polaridades: o macho que corteja e a mulher, que parece estar ali sempre à disposição e desejosa ao cortejo. O lugar de poder da masculinidade sobre o corpo feminino, que parece, nesse entendimento, ter sido preparado, nascido para o seu domínio.

Os regimes patriarcais, machistas que atrave(r)savam os papos ficam ainda mais curiosos quando, ao abordar vendedoras, mulheres ambulantes, o comportamento se diversifica, indo quase pelo caminho contrário, em expressões de (des)confiança, respostas monossilábicas, desinteresse e até resistência ao contar sobre seus caminhos, suas casas, suas vidas. Considerações como “moro em tal bairro”, “tenho dois filhos”, “o pai foi embora faz tempo”, “cuido da minha vida”, são ditos com descontento e sem muitos detalhes.

Outras se concentravam nos detalhes sobre para que serviria a pesquisa, quais as referências, queriam certezas de que aquele contato não poderia, de alguma maneira, prejudicar o seu trabalho, a sua vida, “porque, afinal, você quer saber da minha vida?”. Ao mesmo tempo, com essas respostas curtas, falavam da dificuldade de criar os filhos, sendo “mãe e pai ao mesmo tempo”, relatavam as situações de agressividade e assédio que enfrentavam cotidianamente dos homens, tanto clientes quanto parceiros de praça, que não respeitam seus corpos, que falam palavras constrangedoras sobre sua roupa, sobre seu corpo, sobre seu comportamento.

Tive algumas dúvidas se essas situações cotidianamente “comuns” que atrave(r)savam o andamento da construção científica deviam se arrastar pelas linhas escritas desse caminhar cartográfico, no entanto, outras situações vividas (que serão relatadas mais à frente) denunciavam as relações desses regimes com o cotidiano dos vendedores ambulantes, seus entendimentos, seus territórios, suas educações.

3.2 PROVIDENCIANDO

Entre novembro de 2017 e janeiro de 2018 a pesquisadora faz um caminho de retorno. Beth, minha motoca de baixa cilindrada é minha companheira de deslocamentos, facilitando o jogo de chegar até o centro com as aparelhagens utilizadas na pesquisa. Era sempre estacionada em frente a uma praça que é também ponto de ônibus para um dos distritos de Feira de Santana chamado Bonfim de Feira.



Figura 8 - Motoca estacionada no entorno da Praça Dois de Julho.

Há muita circulação de pessoas e de vendedores ambulantes nesta área, no entanto, o interesse em percorrer me fazia deixar a moto parada por lá e caminhar em outras direções. A imagem que segue apresenta o ponto (em vermelho, ao lado da palavra fé) onde se localiza a Praça Dois de Julho.



Figura 9 - Voltando das calçadas da Avenida Getúlio Vargas até a praça Dois de Julho

Na segunda quinzena de novembro, em mais uma saída para (per)correr as ruas, ao estacionar a moto uma senhora, com uma barraca de frutas e verduras, sorri e me diz um “Bom dia” muito alegre. Não lembro o porquê, mas a câmera fotográfica já estava pendurada no pescoço quando desci da moto. Ela apontou e disse: “Você é jornalista é?”. Eu respondo que sim, mas que naquele momento estava dedicada a uma pesquisa sobre xs vendedorxs ambulantes da cidade. Ela sorriu e disse: “E você está entrevistando gente assim como eu é? É para algum jornal?” Eu digo que a pesquisa está vinculada a universidade e não trabalho a um jornal. Ela fica curiosa sobre o que a pesquisa quer saber. Digo que a (in)tenção da pesquisa é investigar sobre os caminhos, os lares, as vidas dxs vendedorxs ambulantes.

Ela sorri e me diz: “Pode me entrevistar também se quiser”. Sentadas, ela e uma das filhas, sobre o batente que contorna uma das árvores da praça, ela abre espaço para que eu me sente. Pergunto se posso ligar a câmera. “Só não me filma porque estou muito desarrumada.” Combinamos então que eu deixaria a câmera virada para a rua enquanto ela falava sobre sua vida. Não faço perguntas, escuto.

Palavra trabalha na Praça Dois de Julho junto com toda sua família. Seu esposo, Senhor Trabalho, e três filhos: Sonho, a mais velha, Força a filha do meio e Trabalho Filho, o caçula. Há toda uma organização na divisão das tarefas: Senhor Trabalho arruma e desarruma os produtos, organiza um carro de mão que fica parado na esquina, Trabalho Filho percorre as ruas da cidade com parte dos produtos em outro carro de mão. Palavra e Força cuidam da banca e Sonho fica com a saia de bolso, recebendo o pagamento e passando o troco.

Para Palavra, a presença da pesquisa(dora) é uma providência divina: “Eu disse ao Senhor, não é por acaso que estou aqui na Dois de Julho, eu estou aqui e Deus vai enviar uma pessoa para que eu possa contar a minha história, um dia vou contar minha história de vida.” Ela relata as inúmeras dificuldades que enfrenta: pagar aluguel e cuidar da sua filha Sonho, com epilepsia, e o seu problema de coração; a disputa com seus irmãos sobre uma casa herdada da sua mãe já falecida. Comenta que os tratamentos de saúde, seu e de seus filhos, são muito difíceis pelo SUS, que sua filha Força quer cursar uma universidade de veterinária e que Trabalho Filho teve que abandonar os estudos para ajudar no sustento da família.

“Eu moro na Asa Branca⁶⁶, saio de lá cinco e pouca da manhã, venho pro centro, eu e meu filho e meu esposo. Meu filho teve que parar de estudar para nos ajudar nas atividades da casa, porque nem sempre uma pessoa só consegue alimentar cinco bocas, comprar medicamentos, pagar água, luz, gás. É muita despesa e não dá. Força estudando, precisa pagar um cursinho, mas não tem como, a gente precisa ajudar um ao outro. Eu sempre falo com eles para ajudar um ao outro. Força me ajuda nos afazeres que pode, Sonho fica aqui comigo 24 horas por dia. Sonho não pode ficar sozinha por causa do problema dela e eu fico aqui, só pedindo a Deus para entrar com a providência. E às vezes, quando Sonho está doente, eu não venho trabalhar. Ou eu fico ou Força fica com ela, mas em nome de Jesus, Ele entra com a providência e fica assim, um auxiliando o outro e aí vai trabalhando, eu estou aqui aguardando.”

A conversa é toda atreve(r)sada por regimes da religiosidade, o desejo de alívio do sofrimento com a providência divina que tudo pode acalmar, trazendo amor e felicidade. Enquanto espera, ela e o esposo trabalham, os filhos trabalham, com fé e esperança de que tudo vai melhorar.

Os regimes de religiosidade são dispositivos que articulam maneiras de ver e pensar operando nas relações afetivas e na sua construção, alimentando a produção subjetiva com esperança de que, em algum momento, o sofrimento se dissolverá. A contribuição, o auxílio como artifício para driblar as dificuldades. O *delicar*⁶⁷ que percorre o cotidiano, o sonho, a gentileza como resistência que perfura a saturação e o sofrimento do dia-a-dia. Ajudar um ao outro para *fazer dar certo*. Um estímulo de companheirismo, parceria, onde juntos são mais fortes. Indicativos de um modo de vida forjado na batalha, na luta e na esperança.

Ela conta que muitas vezes, ao chegar à Praça Dois de Julho, há jovens dormindo pelos batentes, pelo chão. É manhã cedinho, neblinado, frio. Dormem em praça pública enquanto o

⁶⁶ Bairro considerado periférico, distante do centro comercial de Feira de Santana.

⁶⁷ A delicadeza que Juliana Pereira nos traz em seu trabalho *Cartografias Afetivas* onde Denilson Lopes apresenta a delicadeza como rasura. Invento para essa escrita o *delicar*, a delicadeza não como substantivo, mas como verbo.

público ainda não circula. Ela tira uma fruta da banca e oferece café: “Tem muitos jovens abandonados pelos pais ou que os pais vivem nas drogas e deixam os filhos assim, sem nem um teto para dormir, sem comida, sem nada. É preciso oportunidade, abrir oportunidades para os jovens, bons empregos. Muitos que não têm nada para fazer acabam se dedicando a coisas erradas, usar e vender drogas. Eu ocupo o tempo dos meus filhos assim, pega um carrinho de mão, vai trabalhar, as outras me ajudam e a gente vai vivendo a vida”.

O cuidado com o corpo que dorme sob a lua corta o sofrimento da própria pele para se (des)locar para outro corpo e faz presente a gentileza em meio ao caos, para aquele que dorme em “abandono”. A perfuração do olhar delicado de quem madruga com o peso. Máquinas de guerra que oferecem a delicadeza, o cuidado, o carinho de um café na manhã fria aos corpos marginalizados. “Nós vemos aí muitos jovens descendo à sepultura, por falta do quê? De amor, carinho, pois não está havendo amor, um estender de mãos para dizer assim: você está precisando de uma oportunidade de emprego? Eu vou abrir as portas e te colocar para pra trabalhar.” Para Palavra, falta uma mão. Faltam mãos, amores, oportunidades, confianças, afetos.

São os pretxs e pobres que são como podres, cantados por Caetano e Gil⁶⁸ em Haiti, os *Barrados no Baile* de Edson Gomes⁶⁹. Corpos socialmente marcados pela quantidade de melanina, pela localização do CEP. Regimes de visibilidade, aquele que é visto e pré-julgado provoca sensações de medo, perigo, marginalidade. Palavra indica outras direções para esse dispositivo: “os jovens estão sendo muito mal interpretados. Hoje quando passa um jovem, o pessoal olha e já julga mal, fala: lá vai um ladrão, um maconheiro! Vai julgando. Às vezes nem é, mas julgam as pessoas pela aparência, falam das pessoas sem ver como elas são. Às vezes olham assim: a não, ali tem de tudo, não tá precisando, mas tá sim. Quando você toma chuva, sol e sereno aqui, aí tem que ter bem amor, senso de amor.” Uma poesia se tece...

A cidade tá um pouco fria. Não sei se é tempo ou agonia.
Voam passos na calçada quase vazia
e o vento tem cheiro de febre
e os gritos soam desejos
e um casal encosta no ponto de ônibus trocam beijos
Mas a cidade, tá um pouco fria,
tá um pouco lenta
e caminha com passos quase pesados,

⁶⁸ Música **Haiti**, Caetano Veloso e Gilberto Gil, disco Tropicália 2, Gravadora WEA, em agosto de 1993.

⁶⁹ Música **Barrados no Baile**, Edson Gomes, disco Ao Vivo em Salvador, em 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pBdH2DlacV4>>.

arrastam os sonhos sem leveza
 a cidade se sente sozinha tão cheia de gente
 e a tapioca fininha na brilhante bacia cor de prata
 - quanto custa o litro?
 - minha filha, é 5 reais, mas tu leva por um sorriso

O amor e a fé numa providência divina são as linhas que alimentam os fluxos de subjetividade expressos por Palavra. Mergulhada em regimes que tentam capturar seus pensamentos, ela vê nos podres pobres pretxs alguém que precisa de ajuda, de conforto, de amor, de afeto. Ela não esconde a bolsa ou a banca, mas (se) abre para lhe oferecer café. Sensibilidades que permeiam os agenciamentos da produção subjetiva da vendedora ambulante, que mesmo com tantas tentativas de captura dos dispositivos de (in)visibilidade para esses corpos, ela os vê, os acolhe, “o afecto é a descarga rápida da emoção, o revide”.⁷⁰

Palavra diz que “está difícil, mas com Jesus no barco tudo dá certo, ele diz que é nosso socorro, socorro presente na hora da angústia né? Ele não falou que iríamos passar mar de rosas nesse mundo, ele falou que no mundo a gente ia passar por aflições, mas que era pra gente ter bom ânimo, porque ele venceu e a gente também vai vencer”.

Religiosidade operando em maquinações na produção subjetiva da máquina de guerra. Pode a religião atuar também como força de máquina de guerra em concorrência ao controle, ao poder de dominação do pensamento e do corpo pelo Estado? Palavra traz o aparelho Estado para a conversa como um elemento cobrador, dificultador, corrupto: “O governo da gente, esse que estamos agora, de cem eu dou a metade de cem, porque não tá bom, o governo da gente não tá bom. Estamos passando uma luta com esse gás [GLP residencial] aumentando, eu não sei nem o que é que vai ser da gente daqui pra frente. Se não tiver dinheiro pra comprar o gás, vamos cozinhar de lenha. Se não tiver dinheiro para pagar um transporte, vai ter que vir a pé da Asa Branca até aqui”.

O Estado cobra, ordena, proíbe e falta. Palavra não consegue tratamento ou acompanhamento adequado, nem medicamento no prazo. Sonho toma remédios controlados, vive sob (super)visão. Palavra de (sobre)aviso, sempre preocupada com algo que possa acontecer: “Um médico falou pra mim que ela só ia viver 21 anos, hoje ela tá com 22, eu louvo muito a Deus, agradeço a Deus, eu falo: Deus, eu creio que serão anos e anos eu com ela.”

Palavra não parece esperar muito do Estado, prefere contar com outras forças. Para ela, só o governo de Deus pode auxiliar. Explode a matéria, os limites de um Estado que governa e

⁷⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 84.

protege para mover o “nômade potencial que está em vias de devir, enfim, volta contra a forma-estado seu sonho de um Estado absoluto.”⁷¹ Palavra se agarra a possibilidade de um vir a ser que proporcione o alívio do sofrimento. O Estado que tem forma e autoridade, que tem regras e polícia, que constrói hospitais é falho, faltoso. Escolhe o Estado sem forma, um Estado invisível construído em sinuosas linhas de subjetividade.

Continua falando com força: “Oh Sonho, venha o que vier, não desista, sempre persista, focar a mente ainda que aconteçam coisas, pois ela reclama de dores, com medicamento controlado você tem que dormir, tem que ficar calma. Não estuda porque os estudos a deixa estressada, eu tenho muita paciência com ela, aí eu fico falando essas coisas com ela...” Subjetivações de resistência, forças que enverguem o sofrimento, que fortaleçam o espírito. Uma religião que conforta, que explica “e se ele mesmo parece um lugar”⁷² é para firmar a sensação-esperança de fé. A coragem da máquina de guerra que não desiste, alimenta sua alma mais com reza e alegria que com comida. “Na hora de comer a gente não come, divide uma quentinha para cinco, tem dia que a gente não vende nada, mas mesmo assim sai alegre.”

Os pensamentos expressos por Palavra são um mergulho nas articulações dos regimes de religiosidade cristã, modelo majoritário na produção do pensamento imperialista, colonizado, no qual estamos mergulhados e somos costumeiramente convidados e, sem consentimento, ensinados a pensar. Entendimentos construídos e(m) conjunto com a educação familiar e escolar e social e de Estado. Mas há ainda o coração e a alma, que amam e desejam e animam a vida e arrastam intensidades que fluem e se articulam em misturas a tantos investimentos na captura das subjetividades. Regimes de articulação complexos, que conectam e formam um conjunto de ordens que tentam dominar a maneira de viver e existir e pensar, tanto em si como no outro.

Movimentando essas tensões para as relações de funcionamento das dimensões do Saber e Poder foucaultiana: é o saber o que é ser cristão e o que um cristão pode ou não pode fazer. Mas esses são campos atrave(r)sados por linhas de fuga, que escapam e podem ser arrastadas desde o fascismo até o suicídio, “linhas de mergulho, perigosas, até mesmo mortais”.⁷³

A curva que Palavra faz na tentativa do domínio de pensamento pelos ordenamentos dos regimes de religiosidade é o lugar onde (a) funda sua esperança, seu consolo, o pensar delicado do amor que dá e oferece, uma partícula que dispara o seu ânimo, sua coragem e sua força de agir. Sua fé é sua casa. E Deus é o amor. As linhas que expressam uma produção

⁷¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 59

⁷² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 58

⁷³ DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?**. 2016, p. 359-360

subjetiva capturada pelos regimes da religiosidade que podem ser fascistas e castradores e intolerantes, regimes tão utilizados para determinar o certo e o errado, o inocente e o culpado, escapa em linhas de delicadeza, cuidado, amor e afeto com corpos que caminham nos limiões da marginalidade social, corpos “abandonados”.

Poderíamos pensar a esperança, o consolo, a mágica – uma premissa nos regimes de religiosidade cristã – como maneira de arrastar o conformismo até o ânimo? Quando a materialidade é insuficiente para os delírios do corpo, o sonho, a imaginação, a mágica é deslizar, agenciamentos que confortem os desejos.

Palavra age com a força da máquina de guerra que (des)obedece as ordens comerciais e do espaço urbano que o Estado tenta manter. É uma guerreira com a produção subjetiva capturada por dispositivos que podem ser opressores, intolerantes, fascistas, mas ela os arrasta para a força imaterial em que se agarra, o (in)visível que a protege e porto seguro onde projeta o seu desejo de ser salva.

Os dispositivos operam em agenciamentos que a (tras)portam para o sonho da paz absoluta, da felicidade eterna e “os agenciamentos são passionais, são composições de desejo”⁷⁴, inseparáveis das “paixões que ele coloca em jogo.”⁷⁵

Dispositivos que operam nas dimensões do Poder e Saber, que quase determinam como vemos o que vemos ou como entendemos o que vemos. Funcionamentos inter cruzam linhas de luz, de visibilidade, linhas de enunciados, conjuntos de ordens, manuais, ideologias, teorias, palavras que tentam expressar e determinar os entendimentos dos regimes de visibilidade, um complexo de forças atrave(r)sadas por linhas de fuga, as pequenas rasuras imprevisíveis que torna possível a diferença, o diverso, o múltiplo. São essas as dimensões por onde se espalham as relações entre os campos de Saber e Poder e Subjetividade. Palavra arrasta funcionamentos, dispositivos que provocam agenciamentos em operação na tentativa de captura do pensar.

vê
 vejam
 capturaram o pensamento
 fugiu
 para onde?
 não sei
 para longe?
 talvez
 vltou?
 perdeu-se

⁷⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 83.

⁷⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 83.

entrou no mar
 abriu, fluiu, partiu
 ficando quente
 ficando frio
 rompeu, mudou
 agora é outro
 outro lugar
 outra terra
 outro porto

Sonho, sentada entre nós, escuta o que a mãe fala enquanto come um lanche. Eu ousa a perguntar: “Sonho, qual o seu sonho?” Ela rapidamente responde: “Ser cantora”. Palavra sorri e diz: “Sonho tem sonhos. Fala aí para ela, Sonho, você sonha em ir para onde?” “De viajar cantando para São Paulo, ir para o *The Voice* e todas as cadeiras virarem para mim.” Palavra continua “Ela assiste e fala: ‘Um dia eu vou lá, um dia eu vou’. Eu digo amém né? Que Deus dê a oportunidade... Ela gosta de cantar, de dançar, Sonho é uma menina alegre”.

Os regimes midiáticos que operam na produção da subjetividade alimentam os sonhos, que parecem (im)possíveis, mas estão lá, a voz, o corpo, o delírio, a vibração de acreditar que é possível cantar, sonhar. Ela diz que gosta dos louvores da igreja e sou apresentada a uma canção. Enquanto ela canta, as pessoas passam e olham e escutam. A voz de Sonho perfura os ruídos dos carros, o barulho das falas, o arrastar dos passos. Senhor Disposto, que vende coco verde em frente, para o que está fazendo para escutar. Força, sua irmã do meio, se aproxima e fecha os olhos, como quem viaja para bem longe, ao som da sua voz.

Quando ela termina, sorri e pergunta se eu gostei. Sorrio e respondo: “Adorei! Obrigada por deixar meu dia mais bonito”. Outra poesia atrave(r)sa o pensar da pesqui(dora), a coragem é palavra e sensação muito presente nas falas e expressões dxs vendedorxs ambulantes. A voz de Lu arrasta extensões das singularidades em dimensões universais. En(canta)mentos estratosféricos ultrapassam as linhas do pensar. Desejo poemar. Poemo em desejo...

coragem
 em cores agem
 com cores fazem
 outros dias
 outros olhares
 outras paisagens
 força risonha
 que ri e canta e sonha
 soltos, saltam o medo
 dentro do caos, dançam com os segredos

É final de novembro, próximo ao período natalino e Palavra, ainda mais sorridente com o carinho da filha diz: “Sonho estava querendo fazer o que, Sonho? Uma árvore de quê?” “De Natal.”, ela responde. Palavra continua: “Ela queria fazer uma árvore de Natal. Aí começou a pedir, pediu à dona Flora, ali, uns galhos para fazer essa árvore, mas até agora essa árvore não saiu”. A mãe ri e Sonho justifica: “Porque eu deixei os galhos aqui e jogaram fora”. Sonho dá de ombros, Palavra ainda fala: “Essa é nossa história, nossa vida, nossa luta. Nossa realidade é essa aqui, essa é a Sonho e é assim que vivemos. Se a gente ganha, a gente dá risada, se a gente não ganha, a gente ri também”. Seu olhar se perde no horizonte à frente, de árvore, de praça, de carro, de gente... Uma pausa para atender uma freguesa: “É três irmã, levando duas, paga cinco, uma é três e duas é cinco”.

A religião pode também agir como máquina de guerra, e age. Como identificar os limiares que formam a força subjetiva da máquina de guerra, “essa matéria-movimento, essa matéria-energia, essa matéria-fluxo, essa matéria em variação, que entra nos agenciamentos, e que sai deles?”⁷⁶. Outra poesia se escreve em meio as ruas, subjetivações e religiosidades.

ruídos, explosões
 Vou morrer depressa
 Viver exige muita pressa
 Corre, nada te espera
 As coisas escapam
 Tudo caminha para baixo
 Para cima, só a reza
 Nuvem de poeira de estrela
 Ponto de carbono saturnado
 Satélite atingido viaja desmontado
 Anda, deixa de moleza
 Corre, nada te espera
 O calor transborda, brilha a testa
 Viver exige muita pressa
 Ar cheio de cheiro de corpo
 Corpo cheio de sede de mar

O enunciado geral do dispositivo que regula os regimes de subjetividade religiosos são cristãos, no entanto esse viver a religiosidade cotidianamente se mistura ao complexo de forças subjetivas que maquinam maneiras de ser cristão - ou não - em linhas que escapam, linhas de fuga em ação, rasurando maneiras de ser isso e ser aquilo, de ‘ver assim’ e/ou ‘ver assado’.

⁷⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 94

Uma semana depois eu retorno à Praça Dois de Julho e dessa vez compartilho com a família o mapa dispositivo de (des)locamento dos entendimento do espaço da cidade. Primeiro, tentamos localizar o lugar onde moram, no bairro Asa Branca. Riscamos o ponto de onde se deslocam até chegarem à Praça.

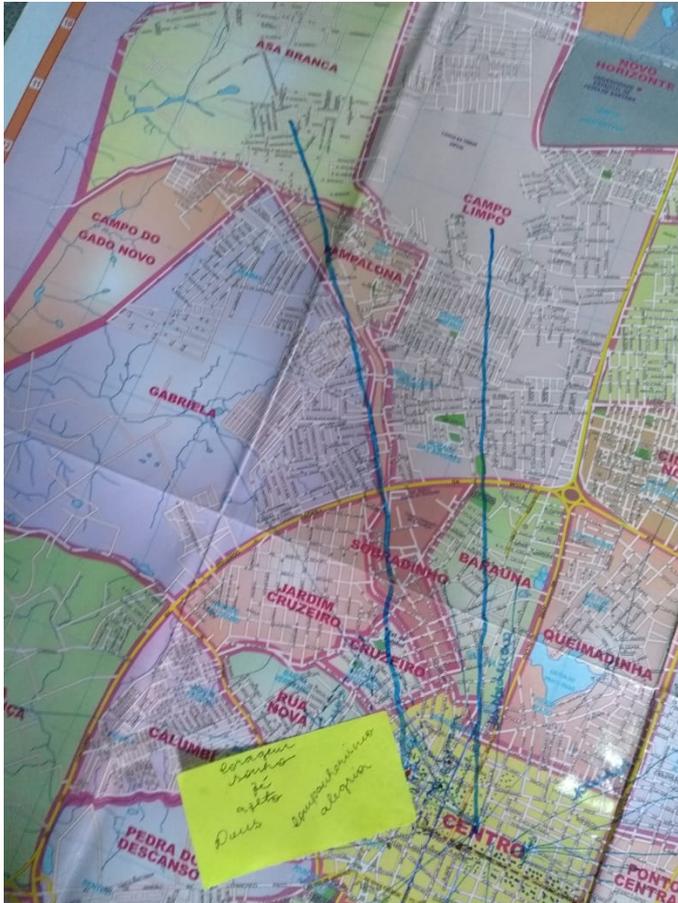


Figura 10 - Imagem do mapa marcando desde a Asa Branca até o ponto da Praça Dois de Julho.

Palavra se impressiona: “Onde tá, bem longe. Ai meu Deus, que distância!” Continuo com algumas provocações sobre como entender a cidade a partir das marcações do mapa físico. Pergunto ao Trabalho Filho se ele já tinha visto o mapa de Feira de Santana. Ele responde que não. Trabalho Filho, de todos da família, é quem perambula com os produtos pela cidade com o carro de mão. Olha o mapa e diz: “Aqui não tem nem metade dos caminhos que a gente costuma andar. Não vejo os becos, as vielas, nenhum dos atalhos por onde a gente anda para evitar trânsito, para chegar mais rápido nos lugares”. Uma fala que marca a distância entre o desenho geográfico e sua rotina, sua vivência pelos caminhos da cidade, por onde transita e desenvolve seu modo de vida, faz amigos e levanta o sustento da família. Caminhos não marcados no mapa, não catalogados, aprendidos no ato, na necessidade, na arte de viver.

Dia 28 de Novembro eu retorno a Praça Dois de Julho para mais uma visita à família de Palavra. Sou surpreendida com a notícia de que agora eles moram na Rua Nova, bairro bem próximo da Praça Dois de Julho.

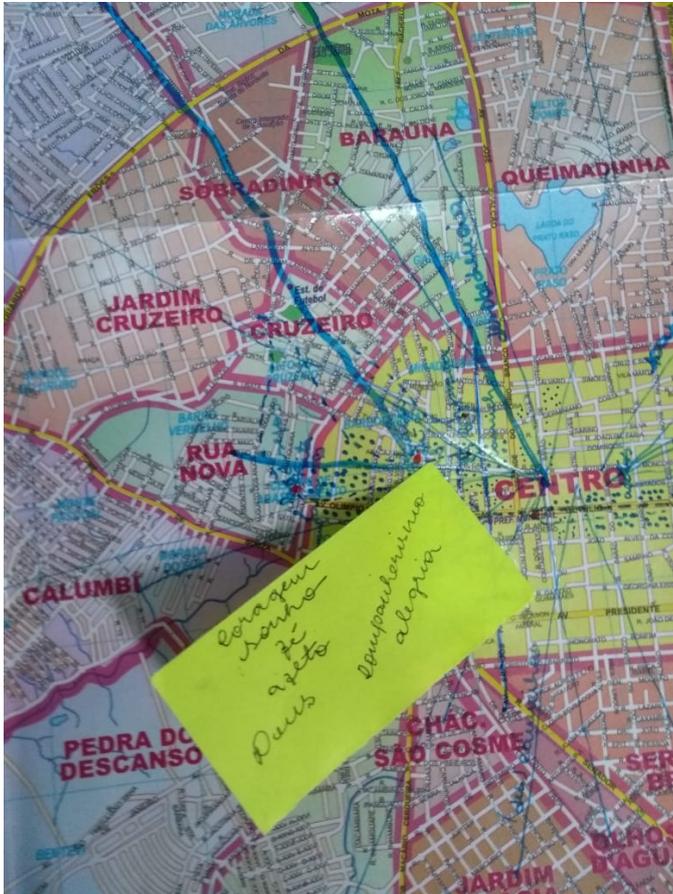


Figura 11 - Imagem do mapa marcando a Rua Nova, bairro para onde se mudaram e a Praça Dois de Julho, onde trabalham.

Segundo Palavra, a decisão da mudança de endereço já estava sendo maquinada faz tempo, não apenas pela distância do local de trabalho, mas também por outras dificuldades que essa distância implicava como o atendimento em posto médico, que não tem na Asa Branca, a distância para ir à igreja, em altos horários da noite. Para Palavra, o bairro da Rua Nova está pertinho do centro da cidade, do centro de abastecimento, da Praça Dois de Julho, do posto médico e da igreja. Para ela, agora, está morando no lugar certo, onde pode fazer tudo a pé, sem precisar pagar transporte e pode acordar mais tarde para arrumar a banca.

Poderia o espanto de uma linha riscada no mapa acionar uma mudança brusca de endereço? Havia outros dispositivos que contribuíam com o agenciamento: o posto de saúde, o deslocamento, conhecer o bairro. Palavra foi criada na Rua Nova e conhece muita gente por lá. Linhas que empurravam a mudança que, no susto de uma linha, se curva e se torna outra. Outro

endereço, outra vizinhança, outro horário de acordar, outra distância para andar, outro ponto de partida.

Durante as visitas à Praça Dois de Julho e à banca de Palavra e sua família, muitos outros corpos foram aparecendo. Eles passavam. Algunxs vendedorxs ambulantes paravam para descansar, para falar com a câmera, para oferecer jaca, graviola, aipim... Outros eram parentes, conhecidas, amigos, corpos que percorriam o trajeto. Linhas que marcam sensações vividas e compartilhadas em um espaço que é um ponto no mapa. Não a arquitetura monumental da Praça pública Dois de Julho, mas como esse espaço é vivenciado. Como e por quem ela é vivida? Quais encontros (pro)movem? Como se movem? Enquanto converso com Palavra e sua família, muitas pessoas chegam, fregueses, amigos, primos...Um rede de intensidades e afetos se forma em torno da banca, do ponto de ônibus, do espaço da praça.

Senhor Joelho é primo de Palavra. Aposentado, gosta de passear pela rua e “beber água”. Fala sorrindo: “eu curto beber água. Essa praça é nossa!” Ele volta para a câmera e canta: “A praça do mundo é nossa! Com brasileiro, não há quem possa! Pronto, eu sou daquele grupo. Com brasileiro não há quem possa”.

Desejo de praça, a praça é o mundo e o mundo é nosso, um mundo onde o brasileiro tudo possa. Senhor Joelho brinca, bebe água, o vendedor de picolé para. O vendedor de alho para. O vendedor de coco também. A Praça Dois de Julho é nossa? A praça do mundo é, diz Senhor Joelho, brasileiro com quem ninguém pode.

Onde fica sua casa? Não essa apontada nesse papel de linhas desenhadas. Como pensar outros lares? Enquanto assobia e corta coco, onde está? Som que atravessa o ruído dos carros e o pensar. Um misterioso silêncio, ninguém fala, só ele assovia, só o facão berra ao cortar. Assovio corta coco. Partes de sombreiro, partes de corpo, partes de som, linhas de luz que desconcertam o tão certo certezas. Praça 2 de julho, arremesso de assovio no vento. Não há tempo, só uma passagem, uma brisa, um som, um cheiro de viagem, dos que ficam, dos que vão, dos que passam. Corpos pedem passagem, corpos que passam e agem.



Figura 12 - Baby, vendedor de picolé, parou em frente à câmera fazendo propaganda do produto.



Figura 13 - Vendedor de alho e especiarias, disse que não era orgulhoso e fazia dois por cinco reais.



Figura 14 - Vendedor de frutas, me oferece uma graviola do seu quintal, "a mais doce que já se viu".



Figura 15 - Para Senhor Joelho, "a praça do mundo é nossa"



Figura 16 – Trabalho Filho, o rei dos “cajivís”, acompanhante saboroso da cachaça.

3.3 ABASTEC(s)endo

Ainda na segunda quinzena de novembro, ao mesmo tempo em que houve o encontro com Palavra e sua família na Praça Dois de Julho, eu caminhei mais um pouco, até o Centro de Abastecimento, que não fica longe daquela praça. O Centro de Abastecimento é o lugar de onde partem muitxs dxs vendedorxs ambulantes. Os que não vendem no local, estão lá durante a madrugada para comprar produtos nos caminhões de distribuição. Assim, cada um enche seu carrinho como pode, e segue em direção ao centro da cidade, onde há fluxo de fregueses.

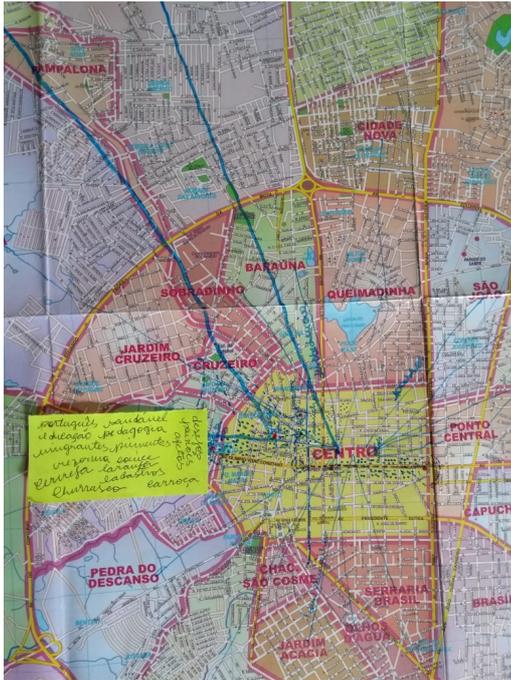


Figura 18 - imagem do mapa onde se localiza o Centro de Abastecimento.

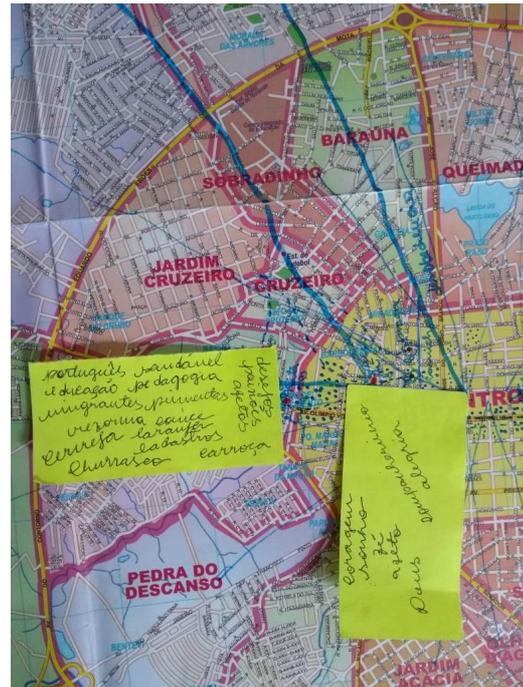


Figura 17 - imagem do mapa com indicação da localização do Centro de Abastecimento e a Praça Dois de Julho

Desde 2015 a prefeitura iniciou um processo de urbanização dos espaços da cidade com a construção de um BRT e um Shopping Popular, sendo que este último alteraria grande parte da estrutura atual do Centro de Abastecimento. E o que chamam de bagunça parece cada vez mais bagunçado nesse momento. Grande parte do centro da cidade está atolada em obras de infraestrutura. O Estado mexe e remexe por todos os lados, de grandes avenidas a espaços que fazem parte da vida da cidade e dos seus corpos faz décadas. O Centro de Abastecimento existe desde a década de 70 e a vida de muitxs dxs vendedorxs ambulantes faz parte daquelas escadas, daquele chão.

A reforma no Centro de Abastecimento começou devagar, pelos cantos mais esquecidos e logo foi tomando o meio, o centro, (des)ocupando o espaço dos artesões de couro, palha, restaurantes, casa de farinha, de carne, de peixe, de hortifrúti... O entorno do Centro de Abastecimento foi cercado com placas de metal, impedindo os acessos tão conhecido pela população. Xs vendedorxs ambulantes começaram a se espalhar em torno da fronteira de metal, com sombreiros, barracas de lona. O trânsito na região ficou mais difícil, uma disputa entre carros, bicicletas, ônibus, carroças, carros de mão.



Figura 19 - Imagem da rua de acesso ao Centro de Abastecimento, já isolada pelas placas de metal e o trânsito em movimento.

Sigo em direção à única entrada que ficou disponível para acesso. O comércio não para e onde é possível, estão trabalhando com seus produtos. Na entrada da casa de farinha encontro Senhor Diverso, com um carrinho de mão de variedades e estilingues espalhados pelo chão. É como uma loja de utensílios, domésticos ou não, mas com muita variedade. Ele me conta que há doze anos trabalha vendendo produtos com seu carrinho.

- Primeiro eu fiquei desempregado, então comecei a vender umas coisas, fazendo umas viagens, depois começou a dar certo e eu não quis mais trabalhar para ninguém. Prefiro comprar as coisas e vender, a renda é boa e não devo nada a patrão nenhum.



Figura 20 - Estilingues vendidos pelo Senhor Diverso, na porta da Casa de Farinha, no Centro de Abastecimento.



Figura 21 - Carro de mão do Senhor Diverso, que vende "de tudo".

A conversa com Senhor Diverso é rápida, logo chegam clientes e ele não parece muito à vontade em conversar comigo. Entro na casa de farinha, os pontos de venda estão organizados e limpos, os produtos expostos sobre as bancas, o cheiro do lugar é delicioso, mais à frente uma grande variedade de farinhas. Talvez o cheiro me agrade tanto por lembrar meu avô, que também era vendedor de farinha quando vivo. Ou, talvez, me pareça agradável e eu goste da farinha. Perguntas da mente pesquisa(dora) sobre como as sensações e os lugares são sentidos e movem o pensar, revolvendo memórias, desejos, afetos. Não apenas dxs vendedorxs ambulantes, mas também os meus são movidos, fraturados, rasurados, marcados pelo lugar e pelas coisas que o envolvem, humanas e não humanas. Desço as escadas em direção axs vendedorxs de hortifrúti. Há barracas de frutas, hortaliças e pimentas. Ao me aproximar de uma das barracas, minha aparência causa espanto em um dos vendedores. **Aperto me pergunta:**

- Que crachá é esse? O que é uma pesquisadora ambulante?

Eu digo que estou construindo uma pesquisa com os vendedorxs ambulantes, trabalhadorxs informais, sobre como entendem e caminham pela cidade. **Sorriso**, que tem uma barraca de pimenta montada ao lado da barraca de Aperto, grita logo:

- Aqui todo mundo é burro!

Aperto devolve:

- Burro, eu mesmo não!

Sorriso grita, falando sobre Aperto:

- Ele se ofendeu! Não sabe conversar, não sabe fazer uma pergunta.

A pesquisa(dora) diz que está ali para aprender com eles.

Aperto grita:

- Está vendo? Ela é humilde Sorriso, se fosse você nem ia dar ousadia para os outros.

Sorriso responde:

- Se fosse eu não queria falar nem com pobre, nem com preto.

A resposta dela me espanta e/ou entristece e solto um “oxe mãe, que é isso?”, mas ela grita em meio às bancas:

- Se eu fosse branca? - dá uma gargalhada alta e continua - eu não falava nem com pobre, nem com preto, odeio pobre e preto.

Aperto olha com certo desprezo e certo brilho de desejo para Sorriso, depois se vira pra mim e diz:

- Então vamos pular logo né? Na UEFS tem racismo?

A pergunta foi uma surpresa, mas a resposta, redundante: “Tem racismo no Brasil inteiro né?” O tema se conecta a um regime de subjetividade que se faz presente desde o início do percorrer da pesquisa. A sensação-violência, a marginalidade, a fuga da câmera fotográfica, as (in)visibilidades. Xs vendedorxs ambulantes, informais, a máquina de guerra da cidade e seus corpos nômades são, em sua maioria pretxs, pobres, e se fossem brancos, de tão pobres seriam pretxs, e “pretxs são como podres”⁷⁷, já dizia Caetano, os corpos barrados no baile feito para gente bonita, já dizia Edson Gomes.⁷⁸

A rejeição ao corpo preto e pobre é um grito e um tapa aos quatro ventos do Centro de Abastecimento na voz de Sorriso, também preta, também pobre, mãe de três filhos que foram abandonados ainda pequenos pelo pai, que está preso. Ela trabalha já não se lembra desde quando, vende pimenta ali já há mais de 12 anos. São fluxos de produção subjetiva diferentes dos apresentados por Palavra, que apontava a injustiça e o mau julgamento dos corpos (in)visíveis da cidade, a necessidade da preci(o)sa delicadeza e do amor para esses corpos.

⁷⁷ Música **Haiti**, Caetano Veloso e Gilberto Gil, disco Tropicália 2, Gravadora WEA, em agosto de 1993.

⁷⁸ Música **Barrados no Baile**, Edson Gomes, disco Ao Vivo em Salvador, em 2006. Disponível no Youtube no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=pBdH2DIacV4>>.

Quando Edson Gomes pergunta: “E você aí, o que acha disso?” é por saber que o pensamento dos pobres e pretxs também é capturado pelos regimes de subjetividade racistas, o colonialismo com gosto e cheiro de ressaca escravocrata que tenta fixar em seus regimes históricos, midiáticos, políticos e educativos o medo, o nojo, a repulsa, a tristeza, a culpa, a angústia, o silêncio, a impotência, regimes que provocam a vergonha de ser quem é fugindo da câmara, escondendo seus corpos, recusando sua sabedoria, enfeitando seu modo de vida. E não são apenas pretxs e pobres, segundo Sorriso, são também ignorantes. Poderiam esses regimes de subjetividade ser indicativos do poder subjetivo pelo qual o Estado e suas ferramentas tentam impor suas ordens e estratégias sem pistas de resistência por parte dos corpos chicoteados por suas institucionalizações? Seriam maneiras de dominar o pensamento dos corpos e realizar mudanças no espaço público sem consultar o público que o utiliza e sem o protesto? Sem a participação dos que fazem pulsar com carne e sangue aquele espaço geográfico, espaço físico cheio de vidas?

Aperto interrompe meus segundos de reflexão dizendo:

- Não parece que você veio fazer uma pesquisa, parece que você veio ser pesquisada, investigada.

Eu dou risada e digo:

- Aperto, você acertou em cheio. Aqui quem entrevista é você!

Ele sorri e pergunta:

- Como é seu nome?

Eu me reapresento (pois já havia dito meu nome antes) e ele diz:

- Pode perguntar o que você quer saber Louise.

Eu reafirmo:

- Mas eu não vim para falar, eu vim para escutar.

Sorriso brinca comigo e com a irmã de Aperto:

- Vem Silêncio, falar com ela.

Aperto continua curioso sobre o que é a pesquisa. Devagar, eu tento falar um pouco mais sobre os objetivos da investigação.

- A pesquisa tenta perceber as relações que xs vendedorxs ambulantes constroem com os lugares, com a cidade, os seus afetos.

Aperto me interrompe para dizer:

- As relações afetivas aqui são caso de polícia minha filha. Você passa ali, alguém já fica enciumado e começa uma briga. Ontem mesmo tinha polícia aqui por causa de briga.

Eu, devagar, tento ampliar a ideia de afetividade trazendo para as relações com o lugar, com as coisas, com a vida. Ele rebate:

- Não, aqui é geral, tudo vira caso de polícia.

Sorriso vai saindo de fininho e eu tento chamar ela de volta para participar da conversa, mas ela segue para a barraca vizinha, que vende hortaliças. Enquanto isso Aperto continua:

- Pobre tem ciúmes até da cor.

Qual relação se faz entre o ser pobre e o que provoca ciúmes? Qual a relação entre ser pobre, preto, burro e todo afeto virar caso de polícia? Onde se amarra essa produção subjetiva que faz Aperto relacionar que toda relação afetiva é sexual e romântica e passional, mesmo que eu tente ampliar essa perspectiva para conexões que se fazem com as coisas, com os lugares? Regimes de subjetividade impregnados de prejulgamentos sobre o ambiente do Centro de Abastecimento, sobre as pessoas que lá estão os corpos pretxs, pobres, burros, casos de polícia. Eu fico em silêncio até Aperto dizer:

- E você é uma macaquinha né? Tem quantos anos?

Eu ia responder minha idade, mas queria saber sobre a analogia que ele fez com o macaco. Ele responde:

- Assim esperta, para frente. Mas você pretende, é, mas você pesquisa o quê? É remunerado pela UEFS? O que você está ganhando com essa pesquisa?

Eu explico que algumas instituições financiam pesquisas, investindo em ciência que é muito importante para o desenvolvimento do país e que essa pesquisa era financiada pela Fapesb. Mostro a marca da Fapesb no crachá de Pesquisadora Ambulante. Ele continua interessado pela área da pesquisa:

- Mas essa você está fazendo na área de Educação? É assim tipo pedagogia?

A pergunta de Aperto abre um rasgo na pesquisa, desde o começo até ali. Só é educação se for pedagogia? Apenas as teorias, técnicas, procedimentos e orientações pedagógicas são educativas? Para ser educação precisa passar pelo processo pedagógico? Um dos objetivos da pesquisa, desde o seu começo, foi o desejo de tomar outros caminhos para pensar a Educação e Aperto, num rompante de (des)entendimento aflora essa tensão. Intensamente...

Uma compreensão da construção educativa em amplitude, um campo vivo e aberto, deslizando em múltiplas articulações. Escapar de um pensamento educativo atrelado unicamente às escolas e pedagogias e permitir que outros modos e entendimentos de Educação se façam presentes, participem e atuem e protagonizem a produção científica do campo educativo. Pensando com Veiga-Neto em seu texto *É preciso ir aos porões* (2012), “é sempre bom nos dar conta de que, quando chegamos neste mundo, ele já existia... Foi pela educação que fomos levados a habitá-lo e nos tornamos capazes de habitá-lo”.⁷⁹ O autor traz apontamentos sobre o hábito das práticas pedagógicas de visualizar parte visível da casa sem visitar o sótão, sua parte mais alta, e sem descer aos porões, sua parte mais subterrânea. Um movimento que evita a problematização política e histórica das práticas educativas, inclusive do entendimento do que vem a ser a educação. Uso esse texto para pensar a fala de Aperto que relaciona o tema Educação aos termos pedagógicos que ainda precisam ser (re)pensados nos termos do seu desenvolvimento e construção.

O processo educativo, em seu sentido amplo perpassa o desenvolvimento dos seres humanos mesmo antes do seu ingresso ao sistema educacional institucional, e ainda há aqueles que não são inseridos nesse sistema ou o abandonam no percurso da vida. Chamaríamos esses corpos então de não educados ou burros, como marcou Rita logo no começo desse encontro? Não estariam eles inseridos em outros modos de educação, forjados no cotidiano, na invenção de estratégias de sobrevivência, nas relações tecidas com a família, com a vizinhança, com a rua, com a igreja, com a mídia, com os dispositivos que se espalham pelos regimes de captura de subjetividade que permeia a existência do ser no mundo? Não poderíamos chamar toda essa construção de modos de vidas de Educação?

A pergunta de Aperto (des)concerta pensamentos na construção dessa escrita-pesquisa, que tenta se fazer em devir, um vir a ser de encontros, cruzamentos de múltiplas forças, traços de um plano comum entre máquinas de guerra, (des)obedientes das ordens do Estado; corpos ambulantes, que constroem seus caminhos em trajetos, em pontos, sem destinações; a

⁷⁹ VEIGA-NETO, Alfredo. *É preciso ir aos porões*. 2012, p. 275.

multiplicidade de entendimentos sobre a cidade que é construída no campo de produção subjetiva dos corpos e dão a ver outras cidades; as múltiplas educações que se formam no desenvolvimento da produção subjetiva dos corpos de vendedorxs ambulantes que vai sendo capturada e provocada em agenciamentos, em desejos, em afetos.

A pergunta de Aperto me leva a pensar nos objetivos da pesquisa, no desejo de penetrar e arrastar para a escrita-pesquisa o modo de pensamento nômade nietzschiano “móvel, transeunte, sempre às margens”⁸⁰, aquele pensamento que “se impõe como ato de resistência em face aos modos de pensamento dominante”⁸¹. Não Aperto, não é Educação “tipo pedagogia”, é Educação “tipo” e(m) múltiplos saberes, variabilidade de modos de vidas, outras formas de viver, sentir, expressar-se.

Voltando a conversa com Aperto, tento traçar com ele um caminho que apresente a Educação não apenas pelas ordens pedagógicas, mas como processo formativo do ser/estar. Ele completa minha fala:

- Então você quer saber um pouquinho de cada coisa da gente né? – e abre um sorriso.

As perguntas continuam:

- Onde você mora?

Digo que não muito longe, mostro no mapa mais ou menos onde se localiza o Bairro Cruzeiro, onde moro. Ele logo diz:

- Sério? A gente mora no Jardim Cruzeiro, bem pertinho de você – e aponta para Silêncio, sua irmã que trabalha com ele na barraca de pimenta.

Aperto muda a direção da conversa e pergunta o que eu achei da Rua Marechal Deodoro, outra parte da cidade onde se concentram muitxs vendedorxs ambulantes e informais vendendo seus produtos. Falo um pouco da minha sensação ao perambular pela Rua Marechal (caminhos que fiz entre os meses de agosto e setembro), que fica próximo do Senhor Falario, do início da pesquisa.

- A Marechal é um lugar de muita energia. É um entrecruzamento de pessoas diferente daqui, que está passando por esse processo de organização da prefeitura. Lá é mais complicado o processo de organização porque o espaço é mais aberto, as pessoas vão chegando e montando suas barracas - eu digo ao comentar da Rua Marechal.

Aperto diz que a [rua] Marechal tem muito trânsito e é muito forte.

⁸⁰ LINS, Daniel Soares. **Nietzsche: vida nômade – estadia sem lugar**. 2014, p. 142.

⁸¹ LINS, Daniel Soares. **Nietzsche: vida nômade – estadia sem lugar**. 2014, p. 142.

- Eu não consigo ficar daquele jeito ali não.

Um pouco de silêncio se faz depois desse assunto. Aperto dispara uma pergunta:

- E você é baiana é?

Durante o caminhar de construção da pesquisa, escutei essa pergunta muitas vezes. A pele branca, o cabelo mais claro, não preto, alguma marca no jeito de falar provocava a curiosidade dos ambulantes com quem fazia contato. Respondo que sou baiana e feirense. Ele diz:

- Você não fala como baiana e nem parece baiana. Isso tem a ver com seus grupos, suas amizades na UEFS. Você fala as palavras corretas e o assunto correto, não é 'dexe eu ver', 'vô botar'.

Ele dá risada e aponta para Silêncio:

- Né Silêncio?

Silêncio fala algo, pela primeira vez, apontando para mim:

- Você está em outro meio.

Quais regimes de produção subjetiva agenciam a percepção de que um corpo pertence ou não a cidade? Quais cidades essa cidade traga, absorve, vomita? A minha imagem me (des)loca do “ser feirense”, do “ser baiana”, a maneira como eu articulo e expresso as palavras me (des)loca do espaço onde vivem, os faz pensar que sou de outro lugar, vivo “em outro meio”. Quais regimes de subjetivação provoca uma rejeição a (des)organização da Rua Marechal Deodoro, lugar de vendedorxs ambulantes e informais como os que ali estão? Como eles mesmo são? Pensamentos capturados por regimes de exclusão, de racismo, estereótipos do modo do corpo, do modo da fala. Lugares de expressão, de produção e divulgação de conhecimentos que me transporta para lugares mínimos, quase invisíveis pelas ruas e barracas e ambulâncias de gritos e vozes e preços e frutas e não-feirense, não-baiana.

Aperto continua:

- O papo procura um português mais saudável né? Então, praticamente as nossas palavras começam a sair do plural.

Eu questiono a Aperto o que seria um português saudável e ele me responde categórico:

- Um português saudável é falar a palavra correta, está entendendo? Aqui tem dia que você tem que correr. Tem dia que é uma maravilha, mas tem dia que chove bala aí.

O português saudável é o português correto. O português correto é o português gramatical. Os fluxos de linguagem do Centro de Abastecimento, na percepção de Aperto, são doentes. E ele conecta essa relação à violência: “tem dia que chove bala”. Chove bala porque o português é doente? Chove bala porque o lugar é doente? Edson Gomes diria “são cenas da minha cidade, uma doença da sociedade.”⁸² Seria essa a doença de que falava a música? Ou seria doente a maneira de pensar e entender que a cidade, em suas variáveis formas de falar, muitas vezes distantes do português formal, são doentes? A relação entre português saudável e português doente dispara uma poesia no pensar da pesquisa(dora).

Nem vêm dizer que não sei usar as letras, os pontos, as regras, eu sei como é... A gramática é mais um jeito de dizer o “jeito certo” de dizer o que eu quero dizer, nessa mania de dizer como tudo deve ser, porque a coisa é como é. Mas a língua, meu bem, não tá presa nos livros, ela não tem dono. Com regra ou (des)regrada ela acontece no mundo, pois é! Então, eu boto hífen e tiro ponto, uso reticências à vontade, mudo a sílaba de lugar só pra ver como vai ficar. Invento outro nome para o nome que me disseram que já era. Berro no canto dos ventos, aponto nos tempos o que ninguém entende que é... Pois o que eu quiser dizer, eu digo como eu quiser.

Ficamos em silêncio por um tempo que Aperto quebra ao dizer:

- Você precisa vir aqui um dia de tarde, ou meio dia, para você ver essas barracas cheias de bandidos, ele aponta para as barracas que servem comida e bebida, e venha sem a máquina, se não eles vão tomar ela de você. E de cabelo amarrado, senão eles vão puxar seu cabelo gritando loira, loira é mega⁸³ é? Deixa eu ver, vem cá.

Silêncio interrompe e diz:

- Ainda toma a câmera e quebra toda na sua cabeça.

Aperto completa:

- Segura sua máquina e o seu cabelo. Ei, ei! Deixa eu ver seu mega, aí pega e puxa.

Eu continuo em silêncio. Fico pensando na descrição que ele e Silêncio fazem daquela possível cena. Uma mistura de violência, machismo, misoginia, assalto, assédio, balas. Penso como esse fluxo veio se arrastando, desde os questionamentos sobre ser ou não baiana, o ambiente que a pesquisa(dora) frequenta, o ambiente do Centro de Abastecimento, da Rua Marechal Deodoro, a Uefs, o português saudável, o plural que se perde. Aperto tenta expressar,

⁸² Música **Barrados no Baile**, Edson Gomes, disco Ao Vivo em Salvador, em 2006. Disponível no Youtube no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=pBdH2DIacV4>>.

⁸³ Mega é uma referência a *Megahair*, um tipo de aplique para alongamento do cabelo, muito utilizado na região.

fazendo comparações e dando exemplos de que ali, o Centro de Abastecimento, é um ambiente doente, que fala um português doente e é cheio de bandidos e balas e violências.

De repente Aperto aponta com alguma pressa na voz:

- Olha lá, olha o ambiente aqui como é. Agora eu quero que você seja diplomática, chegue lá e tire uma foto delas.

Quando me viro estão Sorriso e outra vendedora, com a banca já quase vazia, no batente desde as 5 da manhã, iniciando seus trabalhos com a cerveja. Em mim, penso quais fluxos levam Aperto a julgar duas trabalhadoras, tomando cerveja, de maneira tão pejorativa, como um pecado grave, uma deterioração, um perigo, comparando ao caos que relatava: “Olha lá, olha o ambiente aqui como é”. Ambiente de cerveja e trabalho e resistência e coragem e fé e subversão e diversão!

Eu saio da barraca de Aperto e vou para perto de Sorriso, que me apresenta sua amiga. **Desconfio é vendedora de hortaliças** no Centro de Abastecimento faz 32 anos e nos domingos vende na Feirinha do Sobradinho⁸⁴. Ela me diz que ficava na Rua Marechal, mas há 32 anos mudou para o Centro e lá está “até o momento”. Ela marca o tempo, marca o agora e traz a possibilidade de que amanhã, pode não estar mais.

- Estou aqui, até o momento.

Eu pergunto se posso fazer uma foto delas. Sorriso abre os braços e grita:

- Vem cá Desconfio, para ela bater nossa foto.

O telefone de Sorriso toca, ela atende. Desconfio encosta e abraça Sorriso, estica o braço me oferecendo a cerveja.

⁸⁴ Outra feira livre da cidade que acontece sempre aos domingos, ao lado da Escola Godofredo Filho, no bairro do Sobradinho.



Figura 22 – Sorriso e Desconfio, vendedoras no Centro de Abastecimento, fazem pose para foto.

Desconfio coloca a mão na saia de bolso e pega seus óculos escuros. Uma tentativa de camuflagem, de ostentação, de enfeite? Desconfio diz que gosta muito dos enfeites femininos, brincos, pulseiras, óculos.

- Tudo que me enfeita, eu gosto.



Figura 23 - Deconfio, de óculos, mostrando os produtos que vende.

Sorriso entra na brincadeira e também quer tirar foto com sua banca de pimentas.



Figura 24 - Sorriso apresentando a sua banca de pimentas malaguetas.

Percebo que o crachá, a câmera, a minha aparência, essa soma funciona como uma fissura no ambiente, na rotina. Olho em volta e de tudo há. Frutas, verduras, hortaliças, estilingues, gaiolas, chapéus, ervas de cura medicinal, sacos de farinha, caminhões de laranja, de coco, de tomate, de cebola. Ambulantes enchem seus carros de mão para (per)correr a cidade. O Centro de Abastecimento leva esse nome, pois é o lugar que abastece a (in)formalidade.

As obras de organização urbana e higienização das feiras promovidas pelo Estado vêm estriando todo o espaço, alterando as variações de velocidade dxs vendedorxs ambulantes, emperrando sua informalidade com burocratizações. Seguem tentando amarrar a produção subjetiva da máquina de guerra em fixitudes, em ordenamentos para manutenção do seu poder e maior controle dos corpos da cidade.

A solicitação de espaço, o cadastro, a briga na fila por uma vaga que garanta um lugar para sua banca, provoca o estriamento do espaço liso. Faz da ação livre, trabalho. Deleuze e Guattari marcam no conceito da máquina de guerra uma diferenciação entre a ação livre e o trabalho. Ambos, para os autores, são causa motora, no entanto a ação livre “só opera sobre o próprio corpo móvel”⁸⁵, é ocupação turbilhonar, de espaço liso, obedece suas próprias regras. O Estado faz da ação livre trabalho a partir da burocratização, do controle, de tornar as variações de velocidade em controle de movimento.

⁸⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2012, p. 80.

Eles não sabem se vão conseguir um lugar para continuar ali depois da reforma do espaço. Parte do Shopping já foi vendida a grupos paulistas, chineses e italianos, como diz a matéria do site Acorda Cidade.⁸⁶ Mesmo quem já está ali por 30 anos, não sabe. O processo higienista do Estado não perdoa, julga, e os vendedores ambulantes e informais não sabem o que vai acontecer. Cobram a utilização do banheiro, determinam onde cada um deve ficar. Eles se sentem ameaçados, acuados e ao mesmo tempo obrigados ao cadastro, ao pagamento da taxa, ao controle do endereço. Corpos pretos e pobres, vendedores ambulantes, de subjetividades que caminham em fluxos diversos, de preconceito e delicadeza e bandidagem e violência e amor, evangélicos e umbandistas e candomblecistas e estrangeiros e sergipanos e alagoanos e pernambucanos e nordestinos e paulistas e mulheres e crianças e homens e gentes e... tantos e muitos existindo e produzindo na informalidade, na (des)obediência, nas margens de um Estado colonial e castrador tentam resistir no levar e trazer e fazer e viver sem pedir autorização.

⁸⁶ Disponível no link: < <https://www.acordacidade.com.br/noticias/186681/shopping-popular-de-feira-de-santana-tera-espaco-para-eventos-creche-e-estacionamento-gratuito.html> > . Acesso em: 20/01/2018.

FEIRAndo em SANTANAzices por SANTANAr em FEIRAS

O plano comum construído para essa investigação científica inicialmente se forma no desejo de conhecer mais sobre as subjetividades, as relações subjetivas que compõem os lares dos corpos (des)territorializados da cidade. Vendedorxs ambulantes e informais perfurando os ordenamentos estatais. Não respeitam as regras, não pagam impostos, nem todxs se (pre)ocupam com recolhimentos da previdência social ou cadastro de pessoa jurídica, pois conheci alguns que tinham cadastro no Microempreendedor Individual (MEI) e recolhiam para previdência.

Esse plano comum, formado em um campo coletivo de forças é construído nos limiares conceituais de Deleuze e Guattari, com o conceito de Máquina de Guerra apresentado na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5* (2012); os processos de subjetivações, inspirados em Guattari e Rolnik em sua obra *Micropolítica: cartografias do desejo* (2016); o funcionamento dos *Dispositivos* (2016), desenvolvidos por Deleuze a partir da Teoria das Estruturas de Michael Foucault; e o entre das relações na/da pesquisa(dora) e os corpos vendedorxs ambulantes e informais e as cidades que se constituem em seus territórios subjetivos.

Atra(versar) esses campos, dessa maneira, acaba por tornar uma conclusão (im)possível. Agora, enquanto escrevo e (re)escrevo essas linhas, ainda penso em como elas entram em funcionamento e nos permitem re-existir, criar mundos, delirar, sonhar, sentir. Afetados por múltiplas forças, mergulhados em regimes que não param de tentar capturar o pensamento e nos dizer como entender tudo que existe e ditar a razão de todas as coisas e como são os corpos e como eles devem ser e como devem se mover. Como escapar? Escalar? Não calar?

Essa conclusão só consegue ser tencionada na (im)possibilidade da sua conclusão em um arrastar (in)finito. Já não é possível observar os corpos e as cidades sem permitir o turbilhonar dessas linhas intensivas que os constituem e que constituem também a mim. São infinitas as possibilidades dos campos que funcionam em multiplicidade. Não deixarei de viver as cidades e não vai ser difícil cruzar com umx vendedx ambulante e informal e (des)obediente e pirata e máquina de guerra enquanto faço isso. (Im)possível pensar como funciona o pensar sem os deslizos que o desenham, suas fugas, a ampliação dos desejos, o complexo de forças, os regimes midiáticos e políticos e estéticos e ideológicos e religiosos e tantos outros que tentam, por meios e ferramentas (im)precisas, capturar os modos de pensar e fixá-los, controlá-los, submetê-los. Eles tentam, mas o pensar é teimoso e foge, escapa. Rasuras, fissuras que vibram na possibilidade de (des)colar, (des)controlar, fluir o pensamento para outro lugar.

O que tento dizer é que depois dessa pesquisa não vivo nem vejo o mundo da mesma maneira. Tornou-se (im)possível viver essa relação sem as intensidades. Uma fissura, um vazamento, uma brecha. Talvez, para você, leitor, também não. Essa escrita-pesquisa é o relato de um p(er)reambular intenso e provocativo, um rompimento no olhar, que ficou mais sensível e delicado e aberto e vivo e tenta perceber como se constroem as relações em subjetividade, um *entre* que acontece dentro e(m) fora do mundo, os desenhos estético-políticos que se formam no caminhar, na vivência.

Perceber que as singularidades se relacionam com campos coletivos, complexos e múltiplos, tecem seus modos de vida nas dimensões heterogêneas do/no cotidiano efêmero das sensações e produções de conhecimentos. Os (des)entendimentos sobre o mundo extrapolam os limites das estruturas fugindo por limiares, múltiplas portas, pequenas vibrações conectadas em grandes campos políticos e estéticos, regimes de luz e de enunciação misturados afetos, sensações, desejos, alma, coração. Um pensar caminhando em fuga.

Essa pesquisa tenta identificar como as linhas de produção de subjetividade atrave(r)sados em conceitos e o movimento de expressões podem desenhar os territórios dos corpos, traçando um mapa sensível, dando a ver feiras e santanas e educações. Atirar-se nos movimentos dos corpos dxs vendedorxs ambulantes e suas relações com a cidade, contatos com as ruas que provocam a construção de suas/nossas/de ninguém cidades subjetivas, cidades singulares, feiras e santanas e modos de vida e educações. Identificar como as linhas de produção de subjetividade podem apresentar os territórios dos corpos. Perceber maneiras de arrastar as linhas de subjetivação e denunciar os limiares de territórios (in)visíveis, produzindo outros entendimentos sobre a cidade, outras cidades construídas nas relações com os corpos que nela habitam ou outras cidades que habitam os corpos.

Os corpos da cidade se movimentam em um espaço que se repete. Um plano comum compartilhado proporcionando sua existência física e subjetiva. As linhas da produção subjetiva dos corpos da cidade interagem com fluxos que funcionam num coletivo. A cartografia se arrasta na perspectiva de conectar essas linhas partilhadas, desenhando territórios sensíveis. Não a mesma cartografia que mede e calcula para representar um espaço físico, mas aquela que se entrega aos encontros na tentativa de movimentar expressões e desenhar outros (des)entendimentos do espaço, do ser, do lar, da cidade. De nós mesmos. De nós outros. Outros *entre* nós!

Esse movimento relacional caótico, que amplia uma (des)organização muito particular, não pautada em lógicas geográficas, legais, higienistas, mas em estratégias de singularidades, próprias a cada vendedor ambulante e informal. Sua relação com a venda, o deslocamento, o

envolvimento, a preferência, a rotina, os afetos, as estratégias que traçam para escapar da perspectiva de um controle soberano.

Linhas da máquina de guerra, força externa que perfura as ordens do Estado, que (des)obedece o pré-estabelecido, a ordem, um funcionando em limiares muito próprios deslizando nos campos de generalidade que tentam controlar todos os corpos e seus movimentos. Rejeitam a dominação e estraçalham os limites com seus corpos e vozes e gestos. Gritos se misturam. Ruas repletas de ruídos. Veículos, sons, propaganda, músicas.

Anunciadores do caos cotidiano, revirado, misturado em tanta diversidade, assustados com as fiscalizações, vivos na intensidade da troca de calor. Muitas mães levam seus filhos para os pontos, e enquanto trabalham, brincam pelas ruas, conversam com as pessoas, se juntam em grandes investigações sobre o tomate que foi dispensado, as garrafas vazias jogadas pelo chão. Os elementos da rua são distrações para o tempo, maneiras de conhecer o mundo pelo toque.

Xs vendedorxs ambulantes são nômades, constroem seus territórios em (des)territorializações, em caminhos variáveis, em pontos, em trajetos. São informais, sem as amarras da institucionalização, cadastramento e controle de/em outras instâncias.

A pesquisa tenta possibilitar um encontro submerso de intensidades. Outras maneiras de arrastar conteúdos em expressões, de cruzar linhas de sentidos, percepções, afetações. Como penetrar os fluxos, as fronteiras, as relações que acontecem entre corpos e cidades? Como pensar a produção de subjetividades em seus agenciamentos coletivos de enunciação?

A pesquisa(dora) utiliza dispositivos para disparar um afetamento da pesquisa pelas ruas. Uma máquina fotográfica que serve de filmadora também, uma prancheta para construção do diário, um mapa físico da cidade, com seus nomes e linhas (de)terminando os espaços geográficos. No entanto, as gravações não tinham (in)tensão de registro, a palavra se desmembra e tenta dar a ver outras possibilidades de sentido: grav(ações). Ações de gravidade, acionamento de variantes de velocidade. Pensamento nômade vibrando em diferentes frequências, variadas direções, grava ações. Os elementos da rua são distrações para o tempo, maneiras de conhecer o mundo pelo toque.

As entrevistas não se configuram no entendimento do conceito de entrevistas, com local combinado, hora marcada, perguntas pré-pensadas, presumidas, em busca de esclarecimentos. O movimento das conversas não é dirigido somente pela pesquisa(dora), mas pelos agentes da pesquisa, pelos corpos e expressões de vendedorxs ambulantes e informais em relação com as cidades. Uma construção em conjunto, onde o roteiro é traçado nas (in/off)tensões da pesquisa, mas movimentado pelos agentes, pelos vendedorxs ambulantes e informais da cidade. A

entrevista se dobra em entre-vistas, visões no entre, entendimentos desenvolvidos em relações entre pesquisa(dora) e agentes de pesquisa.

Os dados produzidos em contato com o dispositivo do mapa físico de Feira de Santana identifica um (des)locamento na perspectiva de como o espaço físico é desenhado e determinado cartograficamente pela geografia da cidade e como ele é vivido pelos corpos. O comportamento e expressões dxs vendedorxs ambulantes e informais denunciam a (des)obediência no que se refere aos ordenamentos da organização urbana. Ocupam brechas, becos, vielas.

Se são tiradx hoje retornam com seus produtos amanhã e depois e depois. Nem todos reconhecem a cidade pelos modelos representacionais que tentam explicar, nomear, definir. O mapa físico, impresso, colorido, cheio de linhas e nomes proporcionava curiosidades, encantamentos, estranhamentos, dúvidas e até repulsa, mas em todos os casos iam emergindo aspectos das relações estabelecidas com os espaços.

Os mecanismos midiáticos são também dispositivos funcionando nas relações entre as cidades e os corpos. As expressões escapam e perfuram, dando a ver outras linhas, linhas de fuga, de rebeldia. As feiras não se limitam ao espaço que tenta ser comandado pela prefeitura, e seu entorno é ocupado por carros de mão, barracas, lonas, esteiras. Fazem dos seus corpos expositores, com produtos pendurados no pescoço, nas mãos, nos dedos. O Estado é aparelho que tudo quer determinar e normatizar. Ancorado no discurso de organização, higienização e estética do espaço da cidade tenta vencer o turbilhão dos corpos vendedorxs ambulantes da cidade. Mas x guerreirx avança e escorre, alisa o espaço. Selvagens urbanos, corpos e(m) movimento deslizante, subjetivações que escapam.

Outro aspecto identificado é a relação de (in)visibilidade dos corpos dxs vendedorxs ambulantes e informais, em sua maioria pretxs e pobres. Elxs não gostam da câmera. Fogem quando a veem, se escondem, saem andando, abandonam seus carros, escapam da zona do visível. Não querem aparecer. A subjetividade da máquina de guerra pode também ser capturada por regimes hegemônicos, os enunciados que anunciam antecipadamente o lugar de um corpo no espaço coletivo. E se esquivam e escutam e falam coisas do mundo “eu sou de baixa renda, sou pobre, sou preta, moro na favela”.

Regimes que funcionam e operam na fabricação do entendimento de si e do mundo. Regimes que tentam se instalar na produção do pensamento e no entendimento do funcionamento e do lugar dos corpos, pretxs e pobres, (des)empregados, “pais de família”, “ladrões”, vendedorxs informais, trabalhadorxs ambulantes, máquinas de guerra. Indicativos expressivos do funcionamento dos regimes de visibilidade e enunciação citados por Deleuze na

teoria dos dispositivos e nos faz pensar: que regimes são esses que tentam engolir e dominar a maneira como vemos e entendemos os corpos dos vendedorxs ambulantes pelas cidades e ao mesmo tempo como eles veem e entendem seus corpos? Entendimentos capturados por regimes de uma visibilidade que se quer quase (in)visível e enunciados lotados de medo e (pre)conceitos sobre os modos de vida e saberes desses corpos.

Padrões amplamente divulgados, em regimes midiáticos, políticos, estéticos, religiosos e que tornam uns e outros corpos mais aceitáveis e visíveis. São tantas as (de)terminações que querem dizer onde começam e terminam as terras, os lugares e maquinam os entendimentos dos corpos ambulantes que querem viver e existir! Durante o caminhar da pesquisa uma sensação de violência absoluta parece dominar as maquinações das subjetividades dos corpos e as expressões de fuga do corpo da câmera fotográfica, o movimento de tentar se (in)visibilizar diante de um dispositivo de registro de imagem indica relações entre o entendimento dos corpos e como se relacionam pelo espaço da cidade. Corpos pretos e pobres, marginalizados, pré-julgados.

No entanto, há o encontro com a delicadeza, com a providência divina, com a fé, com o amor. Regimes de religiosidade que se dobram em bondade, em coragem, em luta, em força. Articulado maneiras de ver e pensar, operando nas relações afetivas e na construção de seus territórios, alimentando a produção subjetiva com esperança de que, em algum momento, o sofrimento se dissolverá. Um *delicar* a (per)correr o cotidiano, o sonho, a gentileza como resistência que perfura a saturação e o sofrimento do dia-a-dia. Linhas que alimentam fluxos de subjetividade com amor e afeto.

Mais à frente, as presenças dos regimes que sujeitam os corpos pretxs e pobres à marginalidade ficam ainda mais intensos, quando elxs mesmxs falam com rejeição desse lugar. Regimes que capturam o pensamento dos pobres e pretxs em entendimentos racistas. O colonialismo com gosto e cheiro de ressaca escravocrata que tenta fixar através de seus regimes históricos, midiáticos, políticos e educativos o medo, o nojo, a repulsa, a tristeza, a culpa, a angústia, o silêncio, a impotência, a vergonha de ter uma pele com mais melanina, uma renda que mal dá para comer. Indicativos de como o Estado e suas ferramentas capturam a subjetividade dos corpos, assumindo um poder pelo qual tentam impor suas ordens e estratégias sem pistas de resistência por parte dos corpos chicoteados por suas institucionalizações.

Outro indicativo dos regimes de subjetividade que tentam capturar os entendimentos das cidades e o movimento dos seus corpos se desenha nos questionamentos sobre Educação. Ao apresentar aos agentes da pesquisa o campo por onde percorriam as linhas de intensidade da investigação, expressaram entendimentos sobre o que vem a ser a Educação. A do tipo

pedagogia. Seriam apenas as teorias, técnicas, procedimentos e orientações pedagógicas maneiras de educação? Só é educação se for pedagógico? (Des)entendimentos tencionando o pensar educativo, que em sentido amplo perpassa pelo desenvolvimento dos seres humanos mesmo que não inseridos no sistema educacional pedagógico. Onde estariam esses corpos no campo educativo? No lugar dos burros, como foi marcado em algumas expressões dos agentes? Dos não educados? Não formados? Não letrados? Pensar que os modos de vida forjados no cotidiano, na invenção de estratégias de sobrevivência, nas relações tecidas com a família, com as ruas, com os coletivos faz parte de um campo de múltiplos saberes, variáveis modos de vida, formas de viver, sentir, expressar. O pouquinho de cada umx que constitui as singularidades e os entendimentos sobre o mundo. Dimensões educativas que se faz na relação entre o micro e o macro, ente o ser e o fazer parte, entre o singular e o coletivo.

Dispositivos que operam nas dimensões do Poder e Saber, que quase determinam como vemos o que vemos ou como entendemos o que vemos. Funcionamentos inter cruzam linhas de luz, de visibilidade, linhas de enunciados, conjuntos de ordens, manuais, ideologias, teorias, palavras que tentam expressar e determinar os entendimentos dos regimes de visibilidade, um complexo de forças atrave(r)sadas por linhas de fuga, as pequenas rasuras imprevisíveis que torna possível a diferença, o diverso, o múltiplo.

Por essas dimensões se espalham as relações, entre os campos de Saber e Poder e Subjetividade. Funcionamentos que desenham o mapa sensível dando a ver outras cidades, outras feiras e santanas, outros entendimentos sobre o espaço urbano, outras subjetividades, singularidades conectadas a um complexo de forças múltiplas e intensas e turbilhonares, linhas formando outras terras, outros lares.

Os elementos
da rua são
para o tempo,
o mundo pelo
toque.

distrações
maneiras de conhecer

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elenise C. P. **A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncio ensurdecedores.** (Tese Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp-SP, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis.** Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 1972.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: **Dois Regimes de Loucos: textos e entrevistas.** Lapoujade, David (Org.); tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. I;** tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. V;** tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.

FRANCO, Marcos. **Sant'Anna da Feira, Terra de Lucas.** Ilustrações de Hécio Rogério. Feira de Santana, 2012.

GAMA, Kalila Catharine Oliveira. **De que povo é a praça? Lambe-lambes, estúdios e urbanizações em Feira de Santana (1960-200).** X Encontro Regional Nordeste de História Oral: História Oral, Educação e Mídias. Salvador, 2015.

GODINHO, Ana. **Máquinas anômalas e nômadas do que ainda não existe ao que já não existe mais. Ou do que já não existe mais ao que ainda não existe.** In: Conexões Deleuze e máquinas e devires e... Org, Alda Romaguera e Antonio Carlos Amorim. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 12. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana. **Cartografar é acompanhar processos**. In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Org. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KASTRUF, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pista do comum: cartografar é traçar um plano comum**. In: Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Org. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LINS, Daniel Soares. **Nietzsche: vida nômade – estadia sem lugar**. In: Conexões: Deleuze e territórios e fugas e... Org. Davina Marques, Gisele Girardi, Wenceslao Machado Oliveira Junior. Campinas, SP: ALB, 2014.

PELBART, Peter Pál. **Imagens do (nosso) tempo**. In: FURTADO, Beatriz, Org. Imagem contemporânea: cinema, tv, documentário, fotografia, vídeoarte, games... São Paulo: Hedra, 2009. Vol. II.

_____ **Estamos em Guerra**. Site: Outras Palavras: comunicação compartilhada e pós-capitalismo. Disponível em: <https://outraspalavras.net/brasil/peter-pal-pelbart-estamos-em-guerra/>. Publicado em: 19 de janeiro de 2017. Acesso em: Outubro de 2017.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografia afetivas: paisagens/passagens**. In: Ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens. Org. Leandro Belinaso Guimarães. Curitiba: CRV, 2015.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. In: Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Org. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco. Porto Alegre: Sulina, 2014.

TELES, Alessandra. **Ambulantes e camelôs de Feira de Santana (BA): Origem e consolidação**. III Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas cidades. Sobral-CE, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. **É preciso ir aos porões**. Revista Brasileira de Educação. V. 17, n. 50. Maio-ago de 2012.